



O QUE SE PODE ESPERAR DA NOVA CENTRAL

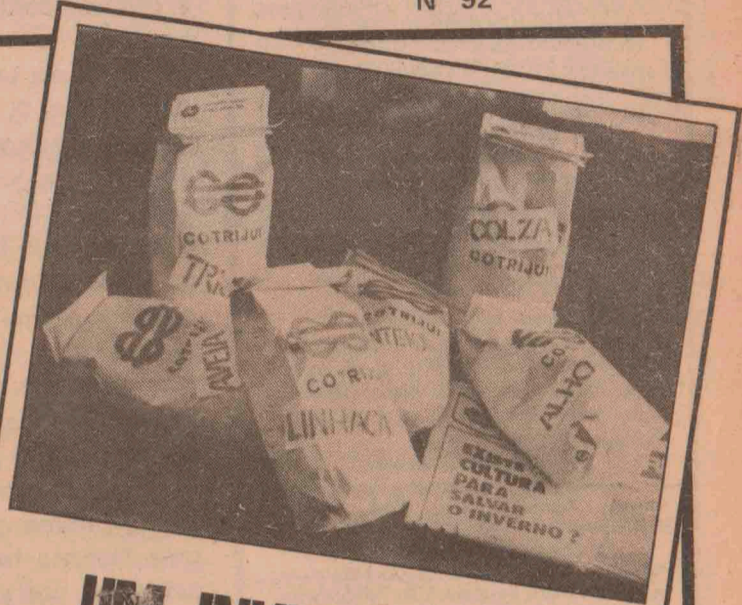
Abatendo suínos, e sem prometer milagres, começa a funcionar a Cooperativa Central Gaúcha de Carnes, em Júlio de Castilhos.

— Página 8 —

AINDA A BRIGA DOS PATRÕES SEM EMPREGADO

Agora, a mobilização é nacional, para que os pequenos produtores deixem de ser enquadrados como empregadores rurais.

— Última página —



UM INVERNO SEM TANTAS DÚVIDAS

— Página 6 —



Mais uma vez serão realizadas eleições para renovação do atual Conselho de Administração da Cotrijuí. A votação, com urnas espalhadas pelas Unidades e também pelo interior, vai de 27 a 30 de março. A partir da página 11, o roteiro das urnas e o regulamento das eleições deste ano.

ELEIÇÕES: CHEGOU A VEZ DE VOTAR

Um caderno com
o Balanço

**COOPERATIVA REGIONAL
TRITICOLA SERRANA LTDA.**



Rua das Chácaras, 1513
Caixa Postal 111 — Ijuí, RS
Fone: PABX — (055) 332-2400
Telex: 0552199

CGC ICM 065/0007700
Inscr. INCRA N° 248/73
CGC MF 90.726.506/0001-75

ADMINISTRAÇÃO

Diretoria Executiva

Presidente:

Ruben Ilgenfritz da Silva

Vice-presidente:

Arnaldo Oscar Drews

Superintendente:

Clóvis Adriano Farina

Diretores Contratados:

Euclides Casagrande, Nedy Rodrigues Borges, Oswaldo Olmiro Meotti, Eduardo Augusto de Menezes, Valdir Zardin, Rui Polidoro Pinto, Bruno Eisele, Renato Borges de Medeiros.

(Conselheiros(etetivos):

Alberto Sabo, Erni Schünemann, Egon Eickoff, Telmo Rovero Ross, Joaquim Stefanello.

Conselheiros (suplentes)

Alfredo Driemeyer, Reinholdo Luiz Komers, Ido Marx Weiller, João Telló, Arnaldo Hermann, José Carlos Vione.

Conselho Fiscal (Efetivos):

Dair Fischer, Aquilino Bavaresco, Antônio Bandeira.

Conselho Fiscal (Suplentes):

Alvaro Darci Contri, Alceno Elvino Volmer, Rui Adelino Raguzzoni.

Capacidade em Armazenagem:

LOCAL	INSTALADA
Ijuí	164.000 t
Ajuricaba	33.000 t
Augusto Pestana	33.000 t
Chiapetta	60.000 t
Cel. Bicaco	40.000 t
Sto. Augusto — Sede	77.000 t
Sto. Augusto — Esq. Umbú	50.000 t
Ten. Portela	60.800 t
Vila Jôia	67.000 t
Rio Grande	220.000 t
Dom Pedrito	45.000 t
Maracajú — Sede	65.000 t
Maracajú — Vista Alegre	17.000 t
Sidrolândia	52.000 t
Rio Brilhante	29.000 t
Dourados — Sede	82.000 t
Itaum (Dourados)	26.000 t
Indápolis (Dourados)	17.000 t
Douradina	17.000 t
Caarapó	17.000 t
Ponta Porã — Posto Guafba	42.000 t
Itaporã — Montese	17.000 t
Campo Grande — Anhanduá	17.000 t
Aral Moreira — Tagi	17.000 t
Bonito	17.000 t



COTRIJORNAL

Órgão de circulação dirigida ao quadro social, autoridades, universidades e técnicos do setor, no país e exterior.

Nossa tiragem: 18.500 exemplares

Associado da ABERJE



Associado da

AJOCOOP
Associação dos Jornais e Revistas de Cooperativas

Registrado no Cartório de Títulos e Documentos do município de Ijuí, sob número 9.

Certificado de marca de propriedade industrial M/C11 número 022.775 de 13.11.73 e figurativa M/C11 número 022.776, de 13.11.73.

REDAÇÃO

Christina Brentano de Moraes
Dária C. Lemos de Brum Lucchese
Moisés dos Santos Mendes

Composto no Jornal da Manhã, em Ijuí, e impresso no Jornal do Comércio, em Porto Alegre.

Ao leitor

As eleições para a renovação do Conselho de Administração da Cotrijuí estão aí. De 27 a 30 de março, várias urnas estarão se movimentando por toda a área de ação da Cotrijuí — Região Pioneira, Dom Pedrito e Mato Grosso. Algumas urnas ficam nas Unidades, outras percorrem o interior, se fixando em Escolas, sede de Sindicatos, salões de festas, igrejas e até em residências particulares, facilitando a participação do associado. Serão quatro dias de intensa movimentação e que vão contar muito com a participação do Representante.

Um dia antes, 26 de março, acontecem as duas Assembléias, a primeira de caráter extraordinário, e a segunda, ordinária, quando serão discutidos e aprovados assuntos que vão desde o Balanço até a autorização para que o Conselho de Administração possa adquirir bens imóveis. Tudo sobre eleições, roteiros de urnas, participação dos Representantes, horários de votação, a partir da página 11.

Não resta a menor dúvida de que este ano deu feijão por tudo quando foi canto. A produção nacional deverá alcançar 2,7 milhões de toneladas — 600 mil a mais que a produção de anos anteriores. Quem plantou feijão, mesmo que só para o consumo, acabou tendo uma "receita fora de hora", pois colheu tanto feijão que ficou obrigado a vender o excedente. Com tanto feijão no mercado, era certo que o preço ia baixar. A nível de consumidor, o quilo de feijão passou de Cr\$. . 160,00, em fevereiro do ano passado para Cr\$ 75,00 neste ano. Por incrível que pareça, este ano o consumidor está conseguindo comprar mais feijão com a mesma quantia de dinheiro que em 81. O produtor por sua vez também anda recebendo bem menos por um saco de feijão. Em 80, um saco valia Cr\$ 7.000,00. Hoje o preço não passa de Cr\$ 3.709,00. Uma coisa é certa: por um bom tempo o consumidor, principalmente das grandes capitais, não vai precisar enfrentar longas filas na disputa por um quilo de feijão. Também é verdade que neste pequeno espaço de tempo, muita coisa mudou em relação a cultura do feijão, que agora tem cobertura oficial por parte do governo. Matéria nas páginas 14 e 15.

Do leitor

DISCRIMINAÇÃO?

Com assinatura ilegível, e endereçada pessoalmente à Presidência da Cotrijuí, recebemos carta de pessoa que se diz produtor rural, aparentemente trabalhando como meeiro, e que acusa esta Cooperativa de praticar discriminação sócio-econômica na admissão de associados. Diz o autor da carta: "É vedada a entrada de sócio ou associado a todo aquele que não seja proprietário ou que não tenha no mínimo contrato por três anos. . ."

Mais adiante, ele afirma que "vocês, com tais dispositivos, estão violando a que o meeiro e outros elementos que não disponham de contratos possam comercializar livremente seus produtos sem noivas interferências".

Esclarecemos que, para acesso ao nosso quadro social, o proponente (e isto, inclusive, é exigência de lei estatutária) deve tão somente comprovar a sua condição de produtor agropecuarista. Isto, logicamente, pode ser feito por vários meios: apresentação do talonário de Nota Fiscal do Produtor; de escritura de terra; de contrato de arrendamento; de contrato de parceria ou de meeiro; de uma simples declaração do proprietário da terra; da apresentação de dois associados como testemunhas; e até com a entrega de qualquer quantidade de produto.

Como se vê, as portas para ingresso no corpo social da Cotrijuí são muitas, e não é necessário que se utilize todas ao mesmo tempo. Basta que se cumpra um dos quesitos citados.

Se o autor da carta, ao invés de enviar-nos a carta semi-anônima, viesse pessoalmente até nossa sede, teríamos a satisfação de mostrar-lhe nosso livro de Atas de Conselho de Administração, onde, quinzenalmente, são registrados ingressos de em média 300 novos associados. Estes são, em sua maioria, mini produtores. Graças a nossa política também para este setor, somos hoje mais de 20 mil cooperados.

Com relação aos documentos solicitados para instruir a proposta de sócio — como CPF, Carteira de Identidade, Título de Eleitor e outros — estes são indispensáveis para que o proponente ingresse no quadro social da Cooperativa. Essa solicitação visa apenas a formação de Cadastro do Produtor, pois — como o missivista, presumimos, deve saber — a Cooperativa, além de comercializar a produção do associado e de fornecer-lhe insumos necessários à sua lavoura, atua também na prestação de muitos outros serviços.

Entre estes serviços, destacamos, principalmente, a concessão de financiamentos por repasses de recursos de agen-

A seca de janeiro foi mesmo danada, como se anunciava quando começou a faltar chuva? Para alguns, talvez não tenha sido, mas os prejuízos podem ser calculados agora que a ameaça de estiagem parece que já passou. No Estado, a soja tem uma quebra estimada em 10 por cento, segundo os últimos levantamentos, mas na Região Pioneira da Cotrijuí os danos vão mais longe: é bem possível que se colha 20 por cento a menos este ano, considerando-se o que estava previsto. A seca também atingiu o milho, um pouco do feijão, o arroz. Somando-se tudo, as perdas podem representar um prejuízo que anda ao redor dos 50 bilhões de cruzeiros no Estado.

Fazia mais de ano que os associados de oito cooperativas de produção vinham meio que cobrando o início do funcionamento da CCGC — a Cooperativa Central Gaúcha de Carnes. O projeto andou um pouco empacado, enquanto se aguardava a liberação de recursos e o acerto de alguns detalhes, mas agora saiu do papel. A nova central começa a funcionar no início de março, com o abate de suínos e a venda de carcaças, e na segunda metade do ano deverá também entrar na industrialização. Sem trazer a promessa de que vai resolver os problemas da suinocultura, a CCGC assume, no entanto, o compromisso de atuar como ponto de equilíbrio no mercado, tentando evitar que os preços pagos aos produtores caiam lá embaixo. O importante também é que, com a nova Central, as cooperativas terão mais duas marcas — "Tché" e "CCGC" — nas prateleiras do comércio.

A diversificação vai deixando, aos poucos, de ser uma tentativa do produtor estabilizar sua receita apenas com lances de sorte. Ano a ano o agricultor tem mais informações, que vão desde os aspectos técnicos de cada uma das opções, até as questões econômicas da diversificação, com perspectivas de mercado a curto e médio prazos. Assim, ninguém investirá numa alternativa, sem estar mais ou menos informado dos possíveis resultados que poderá alcançar. É disso que se fala, nas páginas 6 e 7 desta edição, quando as lavouras de inverno voltam a ser analisadas, com base em tudo o que o produtor precisa saber.

tes financeiros (bancos), e prestação de assistência social, atividades que exigem, é claro, a identificação completa do usuário ou beneficiário. Portanto, tais documentos são solicitados visando apenas antecipar um trabalho mais tarde necessário, pois entendemos que, quando um produtor ingressa numa cooperativa, é porque pretende se utilizar dos serviços que esta lhe põe à disposição.

PEDIDO DE ASSINATURA

Lendo os artigos do Cotrijornal, constatei serem uma excelente fonte de leitura, já que minha Escola encontra-se em péssimas condições de materiais de pesquisa, ficando o professor impossibilitado de desenvolver um bom trabalho com os alunos. Por isso, na medida do possível, estou solicitando o envio de uma assinatura gratuita, juntamente com os suplementos de Educação e também infantil.

Esperando a sua compreensível colaboração, desde já, o meu reconhecimento.

Profa. Bernadete Cadoná
Escola Estadual Valdemar Sampaio
Barros

Frederico Westphalen — RS



TRIGO: VBC É BOM. E COMO SERÁ O PREÇO MÍNIMO?

O governo já deve ter informações suficientes, em torno da repercussão dos VBCs para o trigo a ser plantado este ano, e por isso é de se aguardar, de uma hora pra outra, o preço mínimo do produto. Os VBCs foram anunciados dia 21 de fevereiro, e até chegaram a causar surpresa, porque ficaram com valores bem próximos dos sugeridos pelos produtores. Só que a certeza de que haverá recursos suficientes para o custeio da lavoura não pode ainda empolgar os que esperam, ao mesmo tempo, um bom preço de garantia, que, afinal, é o que mais interessa a quem pretende plantar trigo este ano.

No geral, os VBCs foram reajustados em 95 por cento, de acordo com cada faixa de produtividade (veja a tabela). Para a Região Pioneira da Cotrijuí, o Valor Básico de Custeio teve um reajuste de 92 por cento, ficando em Cr\$

34.200,00, contra os Cr\$ 18.700,00 do ano passado. Este é o VBC ao qual se enquadra a maioria dos produtores da Região, pois estabelece o valor para a faixa de produtividade de 1.001 a 1.200 quilos por hectare.

Será, portanto, este o valor a ser repassado pela Cooperativa, mas isso não quer dizer que outros produtores — que tenham alcançado maior rendimento nos últimos anos, ou que se comprometam a tentar maior produtividade, — não possam solicitar VBCs mais altos, diretamente aos bancos, através da apresentação de projetos. Vale lembrar também que, de acordo com as novas normas anunciadas no final do ano passado, os médios produtores receberão somente 70 por cento do VBC, e os grandes, 50 por cento.

A Cotrijuí havia solicitado, para esta faixa de 1.001 a 1.200 quilos por hectare, um VBC de Cr\$. . .

34.737,92. O valor oficial ficou, como se vê, só uns Cr\$ 500,00 abaixo do sugerido pela Cooperativa. Só que, mesmo que o VBC seja bem razoável, o produtor deverá aguardar o preço mínimo para ter uma melhor idéia da situação, quanto à triticultura, este ano, como lembra Paulo Roberto Silva, gerente de Planejamento e Projetos da Cotrijuí.

Paulo Roberto lembra que, desde o ano passado, principalmente, quando houve novas mudanças no crédito, custeio abundante não significa por si só estímulo ao produtor. Ele mostra números, para explicar porque isso acontece, mesmo que o próprio agricultor já venha se dando conta dessa situação. Em 78, o custo do dinheiro emprestado, no custo total da lavoura, era de somente 5,6 por cento. Um custo relativamente baixo, considerando-se que, na época, os insumos participavam com 43 por cento do total das despesas.

DOIS GUMES

Em 79, o quadro se manteve inalterado, mas em 1980 o custo dos encargos financeiros (financiamentos) pularam para 10 por cento do total; e no ano passado saltaram para 22 por cento, com as novas alterações no crédito rural. Pegar dinheiro, hoje, sem garantia de preço, pode ser uma faca de dois gumes,

como diz o Paulo Roberto, pois na hora de se devolver o empréstimo a situação pode ficar difícil.

Por isso, o que o produtor espera atualmente é o preço mínimo, e esse deve ficar ao redor de Cr\$. . . 4.038,47 para ser compensador, como demonstram os cálculos realizados pelo Departamento de Estudos Econômicos, da gerência de Planejamento e Projetos. O governo irá fixar um valor próximo deste sugerido?

Até agora ninguém sabe o que pode acontecer, como também se desconhece, por enquanto, os VBCs e preços mínimos para as demais culturas de inverno. Durante o mês de março é que se saberá o que o governo pretende com o trigo, depois da rara safra boa do ano passado, e das especulações de que essa cultura não mais teria muitos incentivos, pelo menos no Sul do país.

AS FAIXAS DO CUSTEIO

Produtividade (Kg/ha)	VBC (Cr\$)
Até 600	19.000,00
De 601 a 800	25.200,00
De 801 a 1.000	29.800,00
De 1.001 a 1.200	34.200,00
De 1.201 a 1.400	41.200,00
De 1.401 a 1.600	46.800,00
Acima de 1.600	54.200,00

Em compasso de espera

O prazo dado pelos produtores de leite do estado para que o Governo atendesse as reivindicações feitas pelo setor durante a movimentação que aconteceu no mês de janeiro já terminou e a situação, praticamente continua do mesmo jeito. "As reivindicações continuam sem soluções, demonstrando o total desinteresse por parte das autoridades ligadas ao setor pelos problemas que a classe vem passando", lamenta Orgênio Rott, presidente da Fetag.

Tanto tem sido o "desinteresse por parte das autoridades", como diz Orgênio Rott, que nesse tempo todo o máximo que a Comissão Coordenadora dos produtores de leite do estado (formada em janeiro e encarregada de encaminhar as reivindicações do setor) conseguiu, foi se encontrar com o Secretário Especial de Abastecimento e Preços do Ministério do Planejamento — SEAP, Júlio César Martins, e assim mesmo para ser informada dos novos preços para o leite, a entrar em vigor a partir de 1º de abril.

Aliás, os preços fixados pelo governo, de Cr\$ 37,00 para o litro de leite consumo pago ao produtor, de Cr\$ 34,00 pelo leite indústria e Cr\$ 26,00 pelo litro de leite extra-cota não agradou muito os produtores, que vinham pedindo Cr\$ 40,00 pelo litro e a vigorar já a partir de março.

Numa nota oficial, emitida logo após a liberação dos novos preços e do término do prazo para atendimento de

suas reivindicações, a Comissão Coordenadora fez severas críticas às decisões da SEAP, uma vez que elas não atendem as justas reivindicações dos produtores.

Segundo a Comissão, as decisões

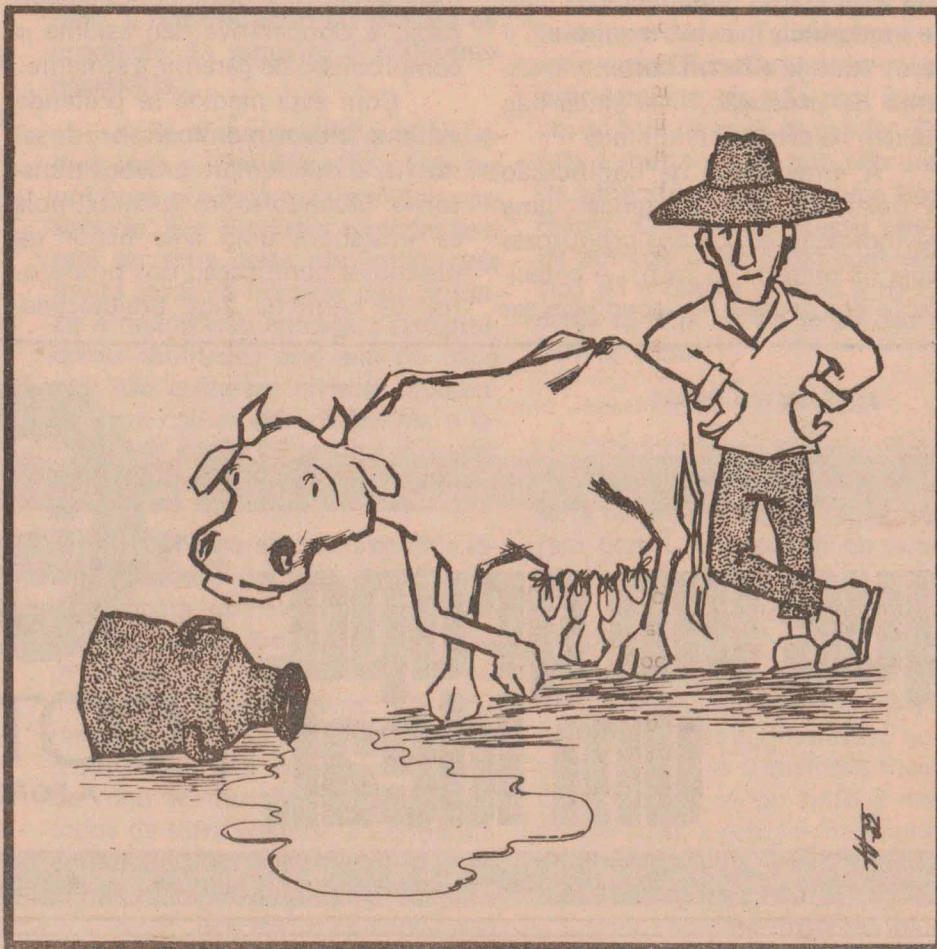
governamentais estão sendo tomadas de "cima para baixo e nem atendem os interesses da classe". Lamenta que nem mesmo os esforços dos membros da Comissão Coordenadora conseguiram con-

vencer o Governo no sentido de estabelecer um preço único para o leite; terminar com o segundo percurso e eliminar de vez a formação da quota-leite ou então de prolongar os meses para a sua formação.

À ESPERA DA PORTARIA

De positivo, segundo a Comissão, ficou apenas a promessa do Governo federal de estudar a adição de uma Portaria Especial para o Estado, além da inclusão de um representante dos produtores de leite na elaboração das normas da nova Portaria, que entrará em vigor a partir de abril. E enquanto a Portaria não vem, os produtores ainda carregam a esperança de poder alterar alguns detalhes que não satisfizeram ao setor. Entré estas alterações está o fim do frete do segundo percurso. Os produtores também estão aproveitando e solicitando que o governo adiante a entrada em vigor da Portaria e consequentemente dos novos preços do leite para o dia 15 de março. Segundo os produtores, a situação está tão difícil — agravada ainda mais com a queda de produção que houve por causa da estiagem, — que não é possível esperar até 1º de abril.

Mesmo em compasso de espera, os produtores fazem um alerta as autoridades, dizendo que se "o Governo não incluir na Portaria as reivindicações básicas da classe, aprovadas em Assembléia Geral, os mesmos continuarão mobilizados na luta em defesa de seus interesses sem nenhum esmorecimento".



O COMPROMISSO DA SEMENTE

Já passaram alguns anos desde o tempo em que na Cotrijuí só se trabalhava com trigo e soja, quando era bem mais simples planejar as atividades do dia-a-dia da Cooperativa. Isto se sente bastante atualmente na área de produção de semente, onde o sistema ficou inalterado com o passar do tempo e já mostrou que não serve mais em alguns pontos. Afinal, hoje se recebe quase 100 variedades de sementes, e não só de trigo e soja como também de forrageiras, de cevada, de centeio, alho, cebola, etc, o que mostra o quanto é necessário fazer algumas modificações bastante significativas nesta área.

Uma primeira mudança já apareceu no ano passado, com o pagamento antecipado da bonificação da soja (veja no Cotrijornal do mês passado). Uma segunda mudança surgiu agora em fevereiro, os pedidos antecipados de semente de culturas de inverno. Mas as alterações não deverão ficar só por aí e estão merecendo um estudo bem aprofundado do pessoal responsável pela produção de semente dentro da Cooperativa. Quem conta o que se pretende fazer é o Cícero Coitinho de Oliveira Júnior, coordenador desta área na Diretoria Agrotécnica:

— Este será um trabalho que está merecendo um estudo desde a base da estrutura que montamos nesta área. É uma alteração que somente será concretizada a médio ou a longo prazo, pois não podemos de uma hora para a outra, sem discutir com profundidade o assunto, começar a mexer em tudo que existe até o momento.

Estas alterações, segundo o Cícero, incluem mudanças inclusive no tipo de assistência técnica que é dirigida aos produtores de semente, tentando um acompanhamento mais intenso nas propriedades. Existe também a idéia de definir com precisão o quadro de produto-



A área de sementes cresceu, e por isso será aperfeiçoada

res, trabalhando realmente com aqueles que se interessam em entregar um produto de boa qualidade. Todo este trabalho deverá envolver bastante o Conselho de Produtores de Semente, que existe há perto de cinco anos dentro da Cotrijuí, mas que nunca teve suas atribuições muito bem definidas.

MEDIDAS DE EMERGÊNCIA

Mas enquanto as mudanças de base não acontecem, pois as definições talvez venham só depois do final de março, após uma reunião com todo Departamento Técnico e nova rodada de encontros com os produtores, alguma coisa já começou a ser feita. "São medidas mais de emergência", como explica o Cícero, "que já alteram bastante o sistema de produção, mas ainda não mexem na estrutura montada".

A antecipação da bonificação já posta em prática atendeu uma reivindicação antiga dos produtores (veja na matéria ao lado). A antecipação dos pedidos, que puderam ser

feitos de 1º de fevereiro a 1º de março, vieram ajudar a programar melhor as necessidades de semente. Fala o Cícero:

— A nossa programação de semente era baseada nas estimativas de necessidades apontadas pelos técnicos das unidades. Mas sempre existe falha num sistema destes, mesmo porque é muito difícil se precisar com antecedência o que cada produtor pensa em fazer na próxima safra. Agora, então, estas estimativas serão baseadas nos pedidos e nós trataremos de assegurar a entrega de semente dentro destas necessidades expressas pelos associados. Para quem fizer o pedido mais tarde, fora desta época antecipada, a Cooperativa não assume o compromisso de garantir a semente.

Com esta medida se pretende evitar a falta ou mesmo a sobra de semente, o que sempre provoca transtorno. Quando sobra semente, pois se imaginava uma área maior de plantio, a bonificação dos produtores de semente fica prejudicada.

Quando falta, é preciso correr atrás do produto, pagando o preço que os comerciantes querem, o que também provoca um custo maior.

VENDA PARA TERCEIROS

Junto com o pedido antecipado, outras duas medidas devem ajudar a melhorar o desempenho deste setor no ano de 82. Uma delas é a decisão de vender o máximo possível de semente para terceiros e, em contrapartida, comprar o mínimo possível de terceiros. Se for preciso, que se consiga os menores preços, para se conseguir um retorno maior para os associados. É como o Cícero conclui:

— Nós sempre vínhamos segurando muito a nossa semente, temendo não conseguir atender as necessidades dos associados. Com isto não agredíamos o mercado e nem estávamos sempre presentes. E no mercado de semente se sai melhor quem entra cedo, quando se consegue os melhores resultados. Não vamos deixar faltar semente em casa, mas também não vamos segurar mais do que o reservado através dos pedidos.

E isto, por sinal, força uma outra medida: a de conscientizar o associado a retirar a semente que pediu. E o Cícero explica o porquê:

— O compromisso na semente deve vir dos dois lados. Até hoje não tem sido bem assim. O associado reserva a semente, separamos as variedades pedidas e não entregamos para mais ninguém, e acontecem os casos de alguns não buscarem o produto. Com isto se teve um custo e se acumulou um prejuízo, pois só a Cooperativa manteve seu compromisso. Não será adotada nenhuma medida punitiva a quem não retirou a semente, mas nós lembramos que o associado também deve honrar seu compromisso, pois do contrário estará provocando um prejuízo para si mesmo e para todos outros associados.

Mais que um grupo,
um ideal.



COTRIJUI
— A FORÇA DA UNIÃO.

Mudanças bem-vindas

Seu Ernesto Strada, de São João da Bela Vista (Tupanciretã) até já perdeu a conta da quantia de anos que é produtor de semente. Nos últimos tempos, inclusive, ele conta que até "já estava bom de parar, que não vinha mais compensando a trabalhadeira". Este ano, porém, ele se animou um pouco mais com o valor da bonificação paga pela soja. Além do pagamento sair mais cedo do que nos outros anos, o valor também mostrou que compensou produzir semente. Ernesto conta:

— A bonificação agora ficou mais ou menos, e se continuar melhorando no preço vai ser uma mão na roda.

Dono de 66 hectares de terra ele também teve sorte e conseguiu produzir uma semente de soja de qualidade. A maioria da produção foi classificada como Padrão I e pouca coisa ficou no Padrão II. Na variedade Bragg é que ele não se saiu muito bem, que deu muita mistura:

— Mesmo limpando bem a lavoura, tirando as flores e mesmo as plantas de outras variedades, está difícil produzir bem esta semente.

Ele anda bem animado com as perspectivas de mudanças no sistema de produção de semente na Cotrijuí e, na sua opinião, existem coisas que já podem mudar meio logo. Uma delas é adiantar ainda mais a data de pagamento de bonificação:

— Podiam dar mais cedo ainda, na época em que todo mundo assina o contrato e na Cooperativa já entrou o dinheiro da semente. Podiam pagar pelo menos uma parte nesta época que daí a gente fica girando com o dinheiro, pois se fica parado, com esta inflação, não dá mais.

A MELHOR PARA O PRODUTOR

Outra idéia do Ernesto Strada para melhorar a qualidade do produto é que aqueles associados que são produtores de semente fiquem com a de melhor qualidade:

— Se quem produz semente pega de má qualidade, cheia de feijão miúdo e tudo que é inço, não fica fácil produzir uma semente pura. A gente passa, passa na lavoura, e às vezes ainda acha um pé de outra planta.

Idéia idêntica tem Pedro Ghiotto, de São Miguel (Augusto Pestana), que acha preciso ficar para o produtor de semente o produto de padrão melhor "para ele produzir boa qualidade". Ele, que trabalha em 120 hectares em parceria com mais três irmãos (Ricardo, Antonio e Valentim) também é da opinião que a Cooperativa deveria limitar um pouco a área destinada à produção de semente:

— A gente até nem gosta de falar muito, pois quem planta bastan-



Ernesto: animado com a bonificação

te pode não ficar satisfeito. Mas o caso é que a gente que planta 100 hectares de soja já quase se vê louco para manter a lavoura limpa. Então limitar a área pode ser uma coisa boa, que daí se pode ter mais tempo e condições de eliminar os inços e outras variedades.

Outra coisa importante, no seu modo de ver, é que os técnicos tenham uma participação ativa no acompanhamento aos produtores de semente. E isto, porque segundo ele, "acontece do técnico vistoriar uma lavoura e o produtor entregar a semente colhida em outra área da mesma variedade, que nem foi vista pelo técnico. É preciso orientar então o produtor que se ele não tem compromisso com a Cooperativa deixe seu lugar para outro produzir semente".

O COMPROMISSO

Para o seu Pedro, que além de representante eleito ainda faz parte do Conselho de Produtores de Semente da unidade de Augusto Pestana, a reformulação no sistema de produção de semente é realmente necessária:

— Se a cooperativa quer trabalhar com a diversificação, deve ter um bom produto para atender o associado. E o produtor também tem que ter uma certa obrigação, pois muita gente se inscreve para produzir e depois não entrega a semente, como aconteceu este ano no trigo que não quiseram arriscar esperando para colher até emparelhar a lavoura. Aí então foi preciso procurar os suplentes para entregar a semente.

Seu Pedro ainda comenta a introdução dos pedidos antecipados de semente, que ele considera "uma grande coisa, que dá tempo para programar o que é preciso de semente". Ele ainda pensa que seria mais justo, tendo em vista o crescimento que deve acontecer na área de trigo em função dos bons resultados da safra passada, a Cooperativa atender preferencialmente quem produziu trigo ano passado:

— É preciso tomar cuidado



Pedro: a melhor semente com o produtor

agora, entregando proporcionalmente a semente para quem produziu e comercializou na cooperativa.

TRIGO SEM ESPECÍFICO

Romualdo Berlezzi, produtor em São Luiz, município de Santo Augusto, resume em poucas palavras a sua idéia sobre a produção de semente:

— Se a gente achasse que não estava bom, não era obrigado a ficar produzindo.

Ele ficou satisfeito com a bonificação, mas estranha ainda um pouco como que pode de uma mesma lavoura sair semente classificada para Padrão I e Padrão IV:

— Chuva e dinheiro quando vem é bom. O que a gente não acha certo é esta diferença de padrão de uma carga para outra da mesma lavoura.

Ele pensa que na produção de semente de trigo não se deveria levar em consideração o específico do grão, já que este produto não será destinado para farinha:

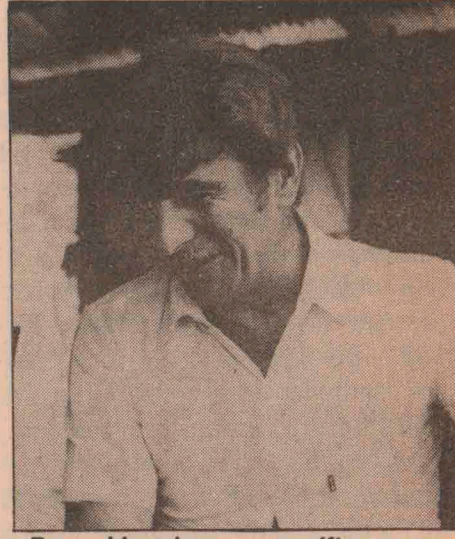
— A gente espera para secar a lavoura e daí vem uma chuva e baixa o específico. Quando se vai comprar semente ela não tem específico, só tem na hora de vender. E isto não é muito certo, que não precisa de específico para ser uma boa semente. Comigo aconteceu este ano de entregar uma carga com específico 81 e depois choveu e na outra carga só deu 73. Aí se perdeu também no peso.

MAIS ARMAZÉM

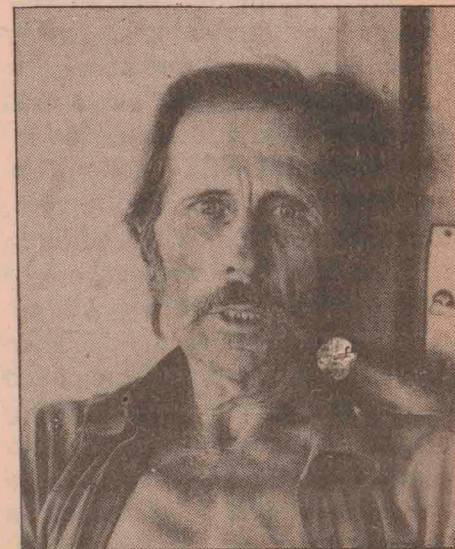
Para Orlando Blaszk, também de São Luiz, o mais importante seria os produtores da região contarem com um armazém de semente também em Chiapetta:

— Nós aqui, mesmo sendo município de Santo Augusto, fica mais perto entregar em Chiapetta. São só 10 quilômetros contra os 22 a Santo Augusto. Se economizava no frete e também se trabalhava mais em casa. Mesmo sendo tudo a mesma cooperativa, a gente é mais conhecido em Chiapetta, que é onde se faz todos os negócios.

Por causa da distância ele nem



Romualdo: trigo sem específico



Orlando: confiança na classificação

vai assistir a classificação de sua semente, mesmo deixando bem claro que até confia no resultado, "pois se o técnico vem aqui me assistir e confia em mim, eu confio também nele. Não adianta eu querer dar o golpe e tentar passar uma semente ruim e depois ir exigir uma semente boa, porque o que eu sou também quero que sejam".

Seu Orlando tem 25 hectares de lavoura e há mais de 12 anos vem se dedicando à produção de semente. Não é sempre que tudo corre bem e a bonificação chegue a um valor que compense a produção:

— A gente reclama, mas tem que reconhecer que nem tudo dá 100 por cento. Não se gosta quando condenam a produção, mas às vezes também o clima não ajuda e dá baixa germinação.

Na safra passada ele teve parte da produção condenada, tudo de semente da variedade IAS-3:

— O motivo até nem sei, que não fui a Santo Augusto me informar direito. Mas fui bem na Santa Rosa e na IAS-1, que até que deve ter dado bom padrão, que compensou a produção.

Ele acha certo a cooperativa estar sempre preocupada com o planejamento da produção de semente, "que se der um ano bom tem que replanejar e reduzir a planta para todo mundo, que do contrário vai sobrar semente e se ganhará pouco pelo que produzir".

DECISÃO JÁ NÃO É TÃO DIFÍCIL

Ano a ano vão sendo definidas as melhores alternativas para o inverno

Não há mais quem duvide que a diversificação da produção é coisa irreversível, sem volta mesmo. Mas ainda há muita gente que se pergunta, após cada safra, sobre o que deverá plantar para que a terra não fique descoberta e alguns erros do passado não sejam repetidos. Em 1981, por exemplo, o inverno passou, centenas de produtores da Região Pioneira ficaram sem resposta, e as terras ociosas, sem planta nenhuma, chegaram a 61 por cento de toda a área cultivável. Quem plantou, no entanto, não se arrependeu, pois a diversificação deu resultados de razoáveis pra bons.

As estimativas feitas agora são de que as áreas ociosas deverão ser bem menores que as do ano passado. Os bons rendimentos do trigo, da aveia, do alho e outras culturas, que conseguiram também preços bem regulares no mercado, vão entusiasmar muitos dos que deixaram de plantar em 81. Só que um pouco de cautela não fará mal a ninguém, e isso é o que o Departamento Agrotécnico e o pessoal que cuida do planejamento econômico na Cotrijuí fazem questão de ressaltar.

O caso do trigo é o que merece maior atenção, como lembra o coordenador técnico da Cooperativa na Região Pioneira, o agrônomo Clóvis Roratto de Jesus. Segundo ele, o rendimento médio alcançado em 81, e que andou perto dos 1.200 quilos por hectare, não deve empolgar os que simplesmente apostam numa repetição de todas as condições que favoreceram a lavoura. Um aumento muito grande de área pode representar também um aumento de riscos que o agricultor não mais deve correr, depois de tantas e tantas frustrações.

LEVANDO TUDO EM CONTA

E não é só o aspecto técnico que conta (veja o artigo ao lado), mas também os fatores econômicos, na hora de se definir as lavouras de inverno. "Diversificação não se resume a rotação de culturas, mas abrange a integração lavoura-pecuária e toda uma programação que considere o conjunto da propriedade", como diz o tecnólogo João Valmir Cezimbra Lopes, do Departamento de Estudos Econômicos.

Com isso ele quer dizer que o produtor não deve se preocupar apenas com rotação para cuidar do solo, mas entender que a diversificação é que vai implicar, entre outras coisas, em redução de custos. Só



Produtor está mais seguro na hora de fazer as escolhas

TENDÊNCIAS DE CADA CULTURA PARA 82		
CULTURAS	ÁREA DE 81/HA	PREVISÕES PARA 82
Trigo	90.400	Cresce de 25 a 35 %
Aveia	16.497	Cresce em até 35 %
Colza	4.250	Não deverá crescer
Tremoço	5.012	Se mantém estável
Linhaça	4.908	Cresce em 10 %
Cevada	5.100	Não deve aumentar
Centeio	493	Crescerá pouco
Alho	52	Bom aumento em 82

* Estas são estimativas de crescimento ou não das áreas de plantio, baseadas na situação do momento e nas recomendações do pessoal da Cotrijuí. São, portanto, previsões que talvez tenham mudanças até a época de formação das lavouras.

assim é que uma atividade viabiliza a outra, ou seja, tudo acontece de forma integrada, dentro da propriedade, com a utilização racional das sobras, dos resíduos.

Vendo a diversificação como forma de contornar problemas técnicos, como o desgaste do solo, e também como alternativa que oferece retornos financeiros quase imediatos, o produtor se dará conta de que deve mudar. Os retornos já foram, aliás, notados na boa safra do inverno passado, quando poucas culturas não apresentaram resultados satisfatórios, em função das condições de clima e do mercado momentaneamente desfavorável.

A Cotrijuí já elaborou um estudo, considerando as perspectivas para cada uma das principais alternativas de inverno, para que se tenha uma idéia da situação este ano. O produtor é que vai decidir pelas opções que considerar mais adequadas para sua propriedade, mas um resumo das atuais condições, para cada planta, poderá ajudar na hora de se tomar essa decisão.

TRIGO

A lavoura de trigo em 1981 foi

de 90.400 hectares, contra os 177 mil do ano anterior. Esta área do ano passado é considerada, pelo Departamento Agrotécnico, como próxima da ideal. Essa seria uma boa extensão, no caso da Região, para que o trigo possa ser cultivado sem grandes riscos. A boa safra de 81 talvez implique num aumento de 25 a 35 por cento na lavoura, conforme estimativas feitas pelo mesmo setor. O custo de produção, este ano, foi calculado em Cr\$ 4.038,47, pela saca de 60 quilos.

AVEIA

A aveia para grão teve 10.340 hectares em 81, e poderá contar com uma área ampliada em torno de 15 por cento. As lavouras para pastoreio, que foram de 6.157 hectares, podem crescer em 20 por cento, segundo as previsões. O mercado para o produto, no comércio, é considerado muito bom, em função principalmente da qualidade da aveia que a Cotrijuí vem oferecendo aos compradores. A cultura tem merecido toda a atenção da Cooperativa, por ser alternativa importante, tanto para a produção de grãos como para pastoreio. O custo de

produção da saca de 60 quilos está calculado em Cr\$ 3.223,94.

COLZA

Entre todas as culturas de inverno, a colza é a que exige maior cautela no momento. A lavoura de 81 teve 4.250 hectares, e não conta atualmente com muitas chances de ser aumentada. A cultura enfrentou alguns problemas com clima desfavorável e ataque de pragas, e o mercado para o produto também não se firmou. Os técnicos continuam realizando pesquisas, para melhoramento das variedades, e ao mesmo tempo são aguardados melhores resultados, em termos financeiros. O custo de produção está estimado, para este ano, em Cr\$ 4.471,21, para a saca de 60 quilos.

TREMOÇO

O tremoço continuará como opção forte para adubação verde, pois é alternativa importante quando se pensa em recuperação do solo. Mas ninguém é aconselhado a plantar tremoço, se estiver pensando em comercialização. Já foi lembrado várias vezes que o comércio para o produto é fraco, e além disso a maioria dos agricultores dispõe de sementes próprias. Os técnicos também têm alertado que a cultura não se presta muito bem para plantio em área onde depois será semeada a soja. O custo de produção está estimado em Cr\$ 3.299,57.

LINHAÇA

A área do ano passado foi de 4.908 hectares, e possivelmente crescerá em 82 em 10 por cento. É planta recomendada para rotação com trigo, aveia e cevada, e que não representa muitos riscos técnicos. O CTC está testando variedades precoces, plantadas no próprio Centro e em lavouras da região. O mercado é bom e pode melhorar, e por enquanto não há nada que impeça um aumento planejado da área de plantio. O custo de produção, para a saca de 60 quilos, deve ficar entre Cr\$ 3.000,00 e Cr\$ 3.200,00.

CEVADA

A área de 1981 foi de 5.100 hectares, e o tempo favoreceu bastante. A comercialização também obteve bons resultados. Mas isso não significa que a cevada possa ficar entre as culturas que contam com incentivo, por parte do Departamento Agrotécnico. A planta oferece muitos riscos, e não ganhará maior importância. É preciso considerar ainda que os compradores são poucos, o que desfavorece o

Rotação não tem mistério



Clóvis: muito cuidado com o trigo



Lopes: é preciso integrar atividades

O produtor pode estar cansado de saber que as áreas grandes demais e o plantio muito seguido de trigo envolvem riscos que não mais podem ser admitidos. Mas como conseguir um rodízio de culturas? Como se livrar da monocultura? Isto é o que o agrônomo Rivaldo Dhein, que coordena a área de solos na Cotrijuí, responde no artigo abaixo, no qual comenta as ameaças de uma nova euforia com o trigo e apresenta opções em termos de rotação de culturas.

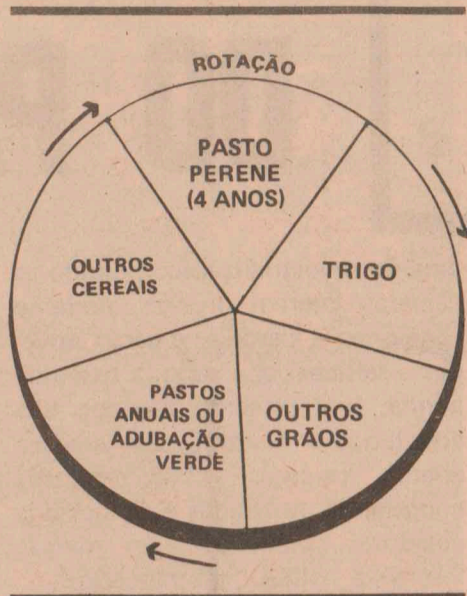
A última safra de trigo, que foi de regular a boa, está fazendo com que muitos produtores pensem em voltar a aumentar a área de plantio. Esta decisão nos parece muito simplista e precipitada, pois antes de tomá-la, muitos aspectos devem ser considerados. O comportamento da cultura depende diretamente das condições climáticas, e ninguém nos assegura que este ano seja bom como 1981. A análise dos últimos anos parece mostrar o contrário, pois dificilmente dois anos bons se repetem.

O ano de 1981 mostrou mais uma vez que o trigo é planta que gosta de clima seco, o que não significa que não necessite de água suficiente no solo, para seu crescimento. Muita chuva e umidade provocam o seu "adocimento", principalmente quando acompanhadas de calor. Na Austrália, por exemplo, colhe-se trigo onde chove 300 milímetros por ano. Em nossas condições chove anualmente em torno de 1.800 milímetros, ou seja, seis vezes mais.

Por esta e outras razões, nossa região pode ser classificada como "marginal" para a produção de trigo e, em consequência, a produtividade é muito instável. Se houver nova corrida para o trigo, o prejuízo será, sem dúvida, muito maior, em caso de frustração.

Outro aspecto que deve ser considerado é o solo. O próprio Centro Nacional de Pesquisa do Trigo — o CNPT, de Passo Fundo, recomenda hoje que o trigo somente deve voltar a ocupar a mesma área após três anos de suspensão do seu plantio. Está comprovado que as doenças, principalmente das raízes, permanecem no solo de um ano para outro, alastrando-se cada vez mais se o trigo for cultivado todos os anos. A mesma recomendação vale para as aveias brancas, a cevada, o centeio e outras culturas que estão sujeitas as mesmas doenças que atingem o trigo.

Então, é necessária a rotação



de culturas. Após o trigo, devem ser cultivadas, durante três anos, pelo menos, outras culturas. Somente depois disso é que o trigo pode ser novamente plantado. Daí pode-se concluir que o trigo jamais deverá ocupar mais de 25 por cento da área disponível para agricultura anual, em cada propriedade. Nos restantes 75 por cento deveriam ser plantadas outras culturas, como a colza, linho, tremoço, forrageiras, etc, em rotação.

GLEBAS

O Departamento Agrotécnico da Cotrijuí, considerando a necessidade de rotação de culturas, e procurando manter sempre a produtividade dos solos, sugere a distribuição e utilização de áreas em cada propriedade, conforme mostra a figura acima. No caso, foi considerada a Integração Lavoura-Pecuária, sem a qual parece muito difícil utilizar-se o solo racionalmente.

A área destinada às culturas anuais de cada propriedade, conforme a figura, seria dividida em cinco glebas iguais. Nestas glebas seriam distribuídos os seguintes cultivos: 1º) trigo; 2º) outros grãos, como linho, colza, tremoço, etc.; 3º) pastagens anuais, como azevém, aveia preta e centeio, consorciados com ervilhaca ou trevos, ou ainda culturas para adubação verde, como tremoço, ervilhaca, aveia preta, etc.; 4º) outros cereais, que podem ser a aveia, o centeio, a cevada, etc.; e 5º) pastagem perene, gramíneas e leguminosas, consorciadas.

A pastagem perene, em princípio, ficaria ocupando a gleba durante quatro anos, para depois passar à gleba seguinte. As demais culturas seriam rotacionadas entre si, anualmente, seguindo o sentido indicado pela seta.

As pastagens perenes foram incluídas sobre áreas destinadas aos cultivos anuais, pela sua importân-

cia como culturas conservacionistas e recuperadoras do solo. Provavelmente sejam a forma mais econômica e viável de recuperar os teores de matéria orgânica do solo, reestruturando-o e melhorando em consequência suas propriedades físicas e químicas. Também purificam o solo em relação às doenças, pragas e invasoras das plantas cultivadas.

ADUBAÇÃO

A adubação verde está se popularizando entre os associados da Cooperativa. São muitos os produtores que aderiram a esta prática nos últimos anos, sentindo sua importância para o solo e para as culturas que vêm depois. Aqueles que plantaram milho após tremoço podem testemunhar em favor da adubação verde. De uma pastagem anual, onde sejam consorciadas gramíneas e leguminosas, com pastoreio, podem ser esperados resultados semelhantes.

A cultura da aveia está igualmente conquistando a simpatia dos produtores. O seu abundante sistema radicular e a grande massa de resteva que deixa (se esta não for queimada, evidentemente) proporcionam grandes melhorias no solo. Este aspecto também foi testemunhado por muitos produtores na última safra. Onde foi colhida a aveia, praticamente não "corre água", quando das fortes chuvas de dezembro, em comparação com outras áreas onde havia trigo. No Centro de Treinamento da Cotrijuí, foi constatado que a aveia deixou de 5 a 6 toneladas de palha como resteva, e mesmo assim foi perfeitamente possível realizar o plantio direto da soja nesta área.

Antes do produtor partir para um aumento da área de plantio do trigo, sujeitando-se a uma possível nova frustração, caso em que aumentariam seus prejuízos, é prudente que pense em diversificar suas atividades. Só assim ele poderá reduzir os riscos.

Com a redução que houve na lavoura de trigo, nos últimos anos, em termos de região, chegou-se próximo do que seria o ideal, dentro do esquema proposto. Talvez a área devesse ser reduzida mais um pouco, o que não significa, no entanto, deixar os solos descobertos. Deixá-los descobertos significa correr riscos enormes de erosão, o que é mais grave ainda. Os solos devem ser mantidos sempre cobertos de vegetação, mas de forma mais diversificada possível, e obedecendo esquemas bem programados de rotação de culturas.

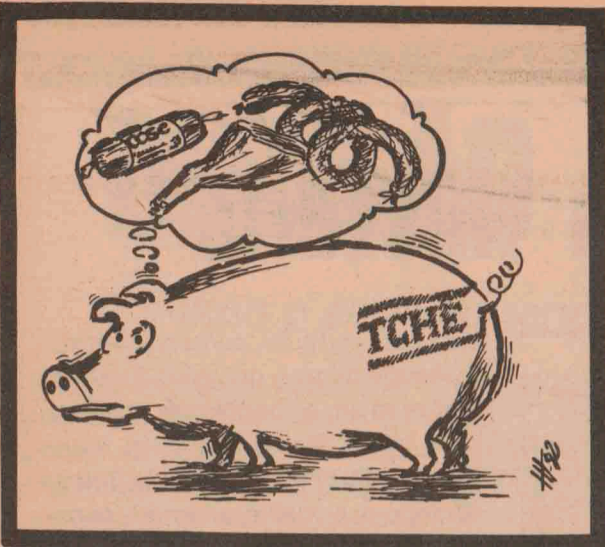
produtor. O custo de produção foi calculado entre Cr\$ 3.800,00 e Cr\$ 4.000,00, pela saca de 60 quilos.

CENTEIO

O centeio também está incluído entre as alternativas que não devem ter áreas muito ampliadas em 1982. O mercado para sementes é razoável, mas no comércio ainda não há garantia, mesmo porque a produção da Região é inexpressiva e não chegou a disputar a procura dos compradores. A área de 81 ficou em 493 hectares, e possivelmente não cresça de forma significativa este ano. Estão sendo aguardados outros testes, por parte de órgãos oficiais, para aclimação de novas variedades, já que os experimentos realizados até agora não apresentaram bons resultados.

ALHO

Esta é uma cultura que tem todo o incentivo para que sua área seja ampliada. Em 81 a lavoura ficou em 52 hectares, e a previsão é de crescimento certo em 82. Os preços conseguidos este ano foram considerados bons, e a cada safra a produção da Região vem conquistando fatias do mercado, em função de sua qualidade. O custo de produção é estimado em Cr\$ 447.151,80 por hectare, considerando-se uma produtividade média de três mil quilos. Os financiamentos, pelo repasse, têm dois valores: o produtor com semente fiscalizada receberá em torno de Cr\$ 325 mil por hectare. Quem plantar com semente própria contará com um custo que fica ao redor de Cr\$ 85 mil.



CCGC: SAINDO DO PAPEL

A Cooperativa Central Gaúcha de Carnes deixa de ser apenas um projeto e começa a funcionar

O mercado brasileiro de alimentos terá, dentro de pouco tempo, mais duas marcas com o carimbo das cooperativas gaúchas. Os produtos "Tchê" e "CCGC" vão aparecer no comércio, possivelmente no segundo semestre deste ano, quando a Cooperativa Central Gaúcha de Carnes, formada no início de 1980, estiver com sua indústria funcionando. Mas, por enquanto, a novidade mesmo é o início das atividades da Central, com o abate de suínos na Cooperativa Regional Castilhense de Carnes e Derivados, de Julho de Castilhos.

Os suínos serão abatidos a partir do dia 2 de março, quando se iniciam de fato os trabalhos da CCGC, que é integrada por oito cooperativas de produção. Para que a Central começasse a operar, foi preciso investir mais de Cr\$ 200 milhões, em obras e na aquisição de equipamentos. O frigorífico da Castilhense teve então suas instalações ampliadas, com a introdução de toda a infra-estrutura necessária para o abate de suínos.

Segundo o veterinário Olavo Silva de Vargas, cedido pelo Ministério da Agricultura à CCGC, através de convênio, para coordenação da elaboração e execução do projeto técnico, no início haverá apenas a comercialização de carcaças. Por isso, por enquanto apenas quatro pocilgas estarão sendo utilizadas, e outras quatro, totalizando então uma capacidade para 300 suínos diários, deverão ficar prontas pelo início de março.

SEM PRESSA

O abate agora é de uns 150 animais por dia, mas logo passará para 300 suínos diários. Para que o movimento no frigorífico aumente, tudo vai depender de uma série de fatores, entre os quais a oferta de matéria-prima, o andamento da comercialização e a conclusão de outras obras. Dependendo de tudo isso, o frigorífico vai poder abater até mil suínos por dia, mas é claro que não há pressa para que se alcance muito cedo este número.

O projeto prevê, entre outras coisas, a construção de 32 pocilgas, e vai sendo executado aos poucos. Dentro de uns seis meses estarão prontos, por exemplo, os blocos de câmaras frias, dos quais depende a

área de industrialização. Quando as câmaras ficarem prontas, poderão funcionar a desossa, e serão ativadas a salsicharia, a salga, a fusão de banha. No momento em que isso acontecer, a Central não venderá apenas carcaças, mas produtos congelados, resfriados e embutidos cozidos, colocando as marcas "Tchê" e "CCGC" no mercado.

Cortes como pernil, costelas e lombo serão vendidos como resfriados ou congelados. Os salgados serão o toucinho, as peles, as costelas e miúdos, como pés, rabos, orelhas. Os embutidos frescos terão lingüiças calabresas, toscana e mista; e os embutidos cozidos, a pasta de carne (patê), lingüiças, queijos de porco e outros produtos.

INVESTIMENTOS

Além desses, quase todos os outros produtos resultantes do processo de industrialização de suínos serão igualmente comercializados. A Central venderá miúdos (coração, língua, fígado, rins), banha, farinha de sangue e farinha de carne e ossos. Outras vísceras dos animais, como pâncreas e hipófise, serão também vendidas para a fabricação de produtos farmacêuticos, e inclusive as cerdas poderão ter colocação nas fábricas de pincéis.

Só na ampliação física das ins-

talações da Castilhense, que não tinha estrutura para abate de suínos, a CCGC gastou mais de 100 milhões. Na compra de máquinas e equipamentos foram gastos uns Cr\$ 66 milhões, e o investimento inicial é completo por uma reserva técnica e capital de giro que andam por volta de Cr\$ 28 milhões. Com essa ampliação, a cooperativa deverá aumentar seu quadro de funcionários dos atuais 250 empregados para no mínimo 350, nesse início de atividades.

Olavo Silva de Vargas lembra que a Central pretende manter um abate estável, regular, durante o ano todo, sempre ressaltando que as etapas serão cumpridas aos poucos. Mas um levantamento feito pela Cooperativa mostra que os quase 50 mil produtores abrangidos pelas associadas podem fornecer, anualmente, até 160 mil suínos para abate. A CCGC também dispõe de dados que mostram os minis e pequenos produtores como fornecedores do maior volume de matéria-prima. Os minis proprietários participam com 34 por cento dos animais produzidos, e os pequenos, com 31 por cento.

ESTIMATIVAS

De acordo com estimativas que consideram a capacidade do fri-

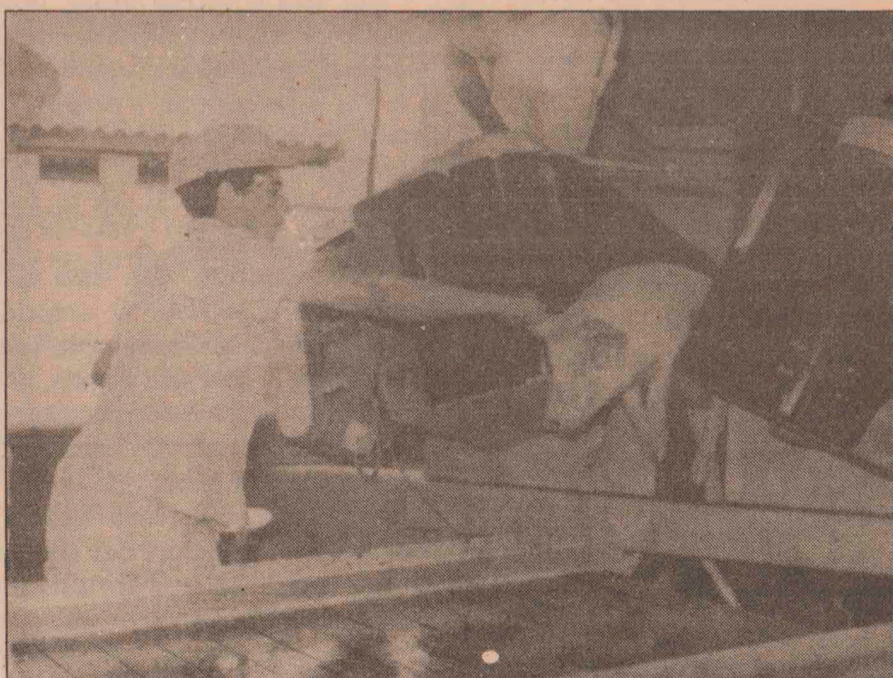
gorífico e a oferta de animais, a Central poderia produzir anualmente mais de três mil 884 toneladas só de produtos congelados (veja a tabela abaixo), considerando-se um abate total de 120 mil suínos, ou seja, 500 por dia. Se esta marca for alcançada, a CCGC será superada somente por outros três frigoríficos do Estado, no abate de suínos.

Isso não quer dizer, no entanto, que a CCGC terá uma indústria de grande porte, como esclarece Olavo. Os produtos serão vendidos em embalagens de plástico, e a indústria não vai lidar com enlatados, que têm um custo muito alto. Mas mais uma vez as cooperativas vão querer uma fatia do mercado consumidor, e pensaram até nas marcas de fantasia (os nomes dos produtos), para que isso aconteça da melhor forma possível.

A marca "Tchê", segundo o veterinário, é um exemplo disso. Essa expressão bem gaúcha enfatizará que os produtos são do Rio Grande do Sul, pois os consumidores do centro do País e de outras regiões valorizam as carnes e os embutidos de indústrias do sul do Brasil. Afinal, é aqui que estão os maiores plantéis de suínos e a grande maioria dos frigoríficos.

ESTIMATIVA DE PRODUÇÃO POR ANO	
Produtos	Produção Anual (tonelada)
Resfriados	241
Congelados	3.884
Salgados	1.242
Embutidos	960
Banha Comum	1.588
Farinha de Carne e Ossos	420
Farinha de Sangue	36
Graxa Branca	48
Banha em Rama	270
Opoterápicos	189
Tripa Fina	2.065
Cerdas	156

* O número referente à tripa fina equivale a 2 milhões e 65 mil metros. O item opoterápicos é o que se relaciona com as vísceras para produtos medicinais.



Por enquanto, a Central irá abater suínos para a venda de carcaças. Mas no segundo semestre deste ano também a indústria da CCGC deverá estar funcionando

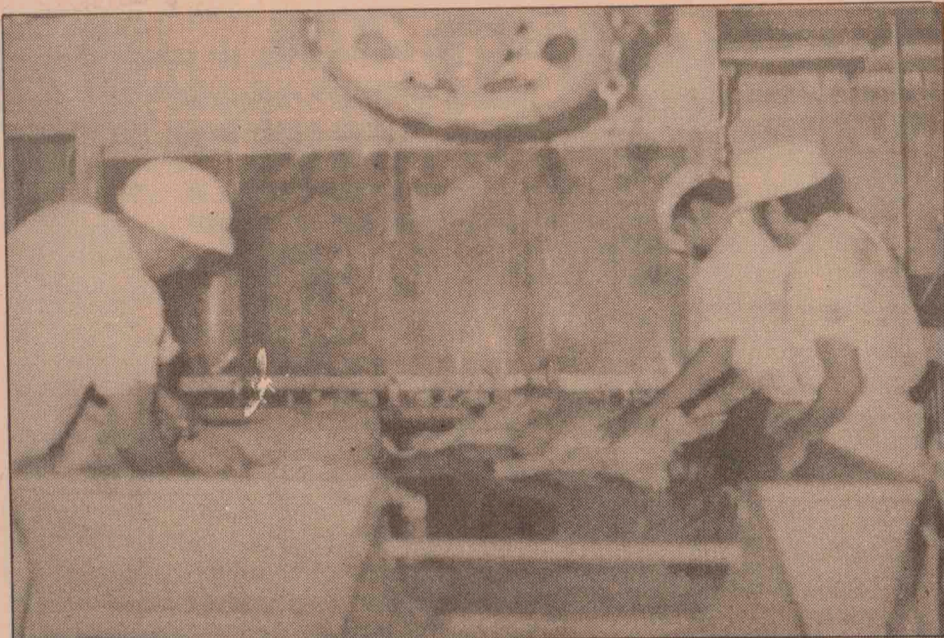
Fotos: Ilo Machado

Um ponto de equilíbrio no mercado

Até que ponto a Central de Carnes representa, no momento, uma promessa de que a situação dos criadores de suínos pode melhorar? O presidente da CCGC, Cláudio Martins da Silva, entende que a Central não deve ser vista como a saída que poderá salvar, de repente, a atividade. "Não devemos criar o mito de que a Central vai resolver todos os problemas da suinocultura. Ela, como indústria, vai enfrentar e sofrer as dificuldades inerentes ao mercado, bem como os problemas conjunturais da economia", diz Cláudio Martins da Silva.

E as dificuldades não serão mesmo muito poucas. Atualmente, segundo ele, é preciso levar em conta a falta de perspectivas para exportação de produtos suínos. Esse problema não atinge só as novas indústrias, mas inclusive empresas tradicionais. No final do ano muito se falou desse obstáculo, que chegou a causar sérios transtornos a frigoríficos com tradição no mercado.

Por isso, a CCGC vai investir na conquista de parte do mercado consumidor brasileiro, especialmente do Rio e São Paulo. Se as atividades da Central evoluírem de acordo com o que está previsto, ela poderá atuar como ponto de equilíbrio nesse mercado, ou seja, será mais uma empresa a disputar não só a atenção dos compradores, mas também a oferta de suínos. Em síntese, a



Cooperativas têm uma oferta de 165 mil animais por ano

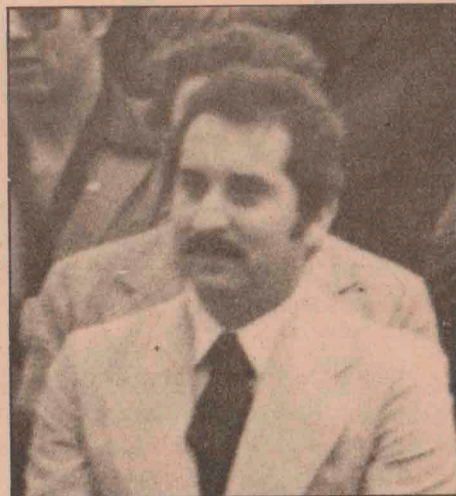
CCGC poderá contribuir para a estabilidade dos preços pagos ao produtor.

COMPLETANDO O CICLO

Cláudio Martins da Silva lembra ainda que a prioridade da Central, dada ao abate de suínos, não quer dizer que se tenha deixado de pensar também no recebimento de bovinos. Serão realizados estudos nesse sentido e, ao mesmo tempo, a Central tentará ampliar a participação das cooperativas em sua iniciativa. A CCGC providencia, no momento, novos contatos para que seja examinada a possibilidade do ingresso de outras organizações que

fazem parte do sistema, pois seu quadro social está aberto a todas as cooperativas que pretendam levar adiante o investimento.

"A verticalização do sistema é sempre uma vitória", afirma ele, referindo-se à criação da CCGC como mais uma demonstração de que, através das centrais, o movimento cooperativista reafirma sua disposição de cuidar não só da produção. O caso da CCGC, segundo seu presidente, é significativo como amostra de que as cooperativas podem "completar o ciclo do processo produtivo, mediante a industrialização e comercialização do que é produzido pelos associados".



Cláudio: sem prometer milagres



Olavo: um trabalho sem pressa

Planos foram encaminhados a partir de 79

A idéia de criação da CCGC amadureceu mesmo no segundo semestre de 1979, e depois de dois encontros, em Júlio de Castilhos, é que ficou decidido que o frigorífico daquela cidade seria utilizado para que o projeto se viabilizasse. É que a indústria tem boa localização e uma capacidade ociosa, ou seja, não utilizada totalmente, que permite o aproveitamento de suas instalações e a infra-estrutura já existentes. Foi assim que a CCGC pôde sair do papel, pois seria impossível construir um frigorífico e conseguir, de imediato, retornos para investimento deste porte.

A CCGC tem a mesma estrutura administrativa de outras centrais formadas por cooperativas singulares, como as de leite, de eletrificação, de hortigranjeiros. Seu capital inicial, formado por quotas de cada uma das associadas, foi de Cr\$ 1 milhão e 200 mil cruzeiros. São estas as cooperativas que levaram adiante a iniciativa, até a criação oficial da CCGC, no dia 15 de janeiro de 1980: Cotrisa, de Santo Ânge-

lo; Cotrisabal, de Santa Bárbara do Sul; Santiaguense, de Santiago; Coagrijal, de Jaguarí; Cotrisel, de São Sepé; Cotricruz, de Cruz Alta; Castilhense, de Julio de Castilhos; e Cotrijuí.

Desde o início, quando a Central era apenas uma idéia, essas cooperativas vinham pensando na criação da CCGC não só como uma alternativa para que a diversificação da produção — com a criação de animais nas regiões agrícolas — tivesse garantia de mercado e, logicamente, de preços. A Central de Carnes pretende, como está nos seus estatutos, promover os produtos das cooperativas, colocar marcas no mercado, aproximar ainda mais produtor e consumidor.

MINIS E PEQUENOS, A MAIORIA

A inauguração de suas atividades, com o abate de suínos, atenderá a prioridade de abranger pequenos e minis produtores que, afinal, são maioria no quadro de todas as filiadas e os que também mais difi-

culdades vêm enfrentando com a crise que não deixa de perseguir a suinocultura desde 1978. Levantamento realizado pela CCGC mostra que, dos quase 50 mil produtores associados das suas oito filiadas, 61,65 por cento são considerados minis proprietários; 21,76 por cento são pequenos; 11,96 são médios; e 4,61 por cento, grandes. E os minis proprietários são os que participam com a maior fatia, na produção de suínos: 34 por cento.

Outro levantamento da Central, apresentado em dezembro

de 1980, revela ainda que o estímulo à suinocultura realmente teve resultados, apesar de tantos problemas. As filiadas apresentavam, naquela época, uma disponibilidade de 165.059 suínos por ano (veja o quadro), sendo que a Cotrisa, de Santo Ângelo, surge na ponta, com a maior oferta de animais. É certo que a situação pode ter mudado um pouco, de lá até hoje, mas foi em cima dessa produção que a CCGC esquemmatizou seu projeto e agora começa a executá-lo.

A OFERTA DE ANIMAIS

Cooperativa filiada	Produtores associados	Produção de animais/ano
Cotrisabal	1.300	15.113
Santiaguense	6.650	31.616
Cotrijuí	18.638	30.000
Cotrisa	11.665	46.800
Cotrisel	2.800	9.500
Cotricruz	3.452	24.750
Coagrijal	2.782	7.280

OS SALDOS DA SECA

Quebra na soja pode chegar a 20%

O Rio Grande do Sul, quase que de ponta a ponta, está agora contabilizando os danos de mais uma seca, para que se possa saber a extensão dos prejuízos para a economia do Estado e para os produtores. Na Região Pioneira da Cotrijuí, ali pela metade do mês de fevereiro já era possível avaliar as perdas, que atingem principalmente a soja, não só em função da importância dessa lavoura, mas em decorrência da própria quebra prevista, e que chega ao redor de 20 por cento.

As chuvas começaram a ficar escassas, em quase todo o Estado, nos últimos dias de dezembro, quando aconteceram muitas precipitações, mas com garoas que pouco contribuíram para o desenvolvimento das lavouras. No início de janeiro foi que a seca apertou de fato, ameaçando especialmente a soja do tarde na Região Pioneira, e colocando em risco também as lavouras de milho.

Em Santo Augusto, por exemplo (veja a tabela abaixo), foi registrada apenas uma chuva, dia 8 de janeiro, com uma precipitação de somente 7,5 milímetros. Na maioria dos municípios foram registradas garoas no período de 6 a 9 daquele mês, e as precipitações com maior volume só aconteceram de novo no final de janeiro. Mas a seca só deixaria de ser ameaça quando voltou a chover, nos primeiros dias de fevereiro, e as precipitações se mantiveram estáveis.

QUEBRAS

Passou a seca, mas não passou o susto, pois as quebras são bem expressivas. O Departamento de Estudos Econômicos da Cotrijuí faz uma previsão de que deixará de ser colhidas umas 110.340 toneladas de soja, considerando-se a estimativa inicial de colheita de 551.700 toneladas, nos 306.500 hectares plantados. O milho, que tem uma área de 72.200 hectares na Região Pioneira, ficaria com uma quebra de 10,8 por cento. Das 216.600 toneladas previstas no início, 5.198 deixariam de ser colhidas este ano.

O arroz tem 1.530 hectares, e talvez fique com

uma quebra de 27 por cento, o que daria 1.115 toneladas a menos, de uma estimativa inicial de 4.131 toneladas. O feijão, com 1.720 hectares, foi praticamente salvo, antes da estiagem, e deve ficar com uma quebra de cinco por cento, considerando-se uma estimativa de produção — feita antes da seca — de 1.634 toneladas. A safrinha, quase ameaçada pela falta de chuvas, que impedia o plantio, vai ficar com 470 hectares, e não apresenta maiores problemas.

Esses percentuais de quebra foram calculados com base nas informações de cada uma das oito unidades, sem que tenham sido constatadas muitas diferenças, entre as quebras de uma e de outra. Os prejuízos são mais ou menos parelhos, e consideram inclusive a incidência de pragas, como lagarta e fede-fede, em lavouras de Santo Augusto, Vila Jóia, Chiapetta, Ajuricaba, Santo Augusto, Tenente Portela e Coronel Bicaco. Outras áreas de Coronel Bicaco foram atacadas pelo cascudo (vaquinha, burrinho); e de Santo Augusto, pelo broca das axilas.

NO ESTADO

Enquanto se discute sobre as causas da seca e seus efeitos, falando-se do desmatamento e do solo compactado, os prejuízos de todo o Rio Grande do Sul vão sendo somados, de região à região. Segundo o Grupo Coordenador de Estatísticas Agropecuárias do IBGE, que é o Instituto de Geografia e Estatística do Rio Grande do Sul, a quebra geral, na produção de grãos, ficou ao redor de 12 por cento, em todo o Rio Grande do Sul.

De acordo com o mesmo órgão, a quebra na soja é superior a 10 por cento no Estado; o milho fica com 16,13 por cento; o feijão com 3,16; e o arroz com pouco mais de cinco por cento. Somando-se o que deixará de ser colhido, o Rio Grande do Sul terá, segundo as estimativas, uma perda de uns Cr\$ 40 bilhões, só na produção de grãos. Considerando-se outras culturas que também sofreram com a seca, os prejuízos chegariam ao redor de Cr\$ 50 bilhões.



A estiagem atingiu quase todo o Estado

PRECIPITAÇÕES (m.m.)

UNIDADE	DEZ.	JAN.	FEV.
IJUI	174,5	53,0	190,00
AJURICABA	137,5	28,4	113,20
S. AUGUSTO	241,0	7,5	156,50
T. PORTELA	238,0	50,0	222,50
C. BICACO	205,5	24,0	158,00
V. JÓIA	154,5	56,0	225,00
A. PESTANA	267,5	52,0	183,00
CHIAPETTA	132,5	10,5	211,50

Para a maioria, mais do que um susto

Há quem diga que a seca não passou de um susto, mas a verdade é que pra grande maioria a estiagem vai representar prejuízos, e bem significativos. Os poucos que só levaram um susto estão mais ou menos na situação do seu Hélio Helbich, de Esquina Gaúcha, em Augusto Pestana. Seu Hélio, que tem 12,5 hectares, acha que esta seca "não foi das piores nos últimos anos", e ele tem motivo pra afirmar isso. É que ali em Esquina Gaúcha até que não faltou muita chuva neste verão.

Ele plantou a soja em 10 hectares, em novembro, e aí é que levou um susto grande, pois a terra não estava muito boa e a planta não cresceu. Pra piorar, não veio nenhuma chuva, e a soja se aniquilou de fato. Seu Hélio esperou então umas chuvas que caíram ali pelo dia 10 de dezembro, e decidiu plantar tudo de

novo, enterrando a variedade BR-2 e tocando IAC-4 em cima.

Depois disso, houve uma estiagem pequena para aqueles lados, e a soja veio viçosa, porque seca mesmo seu Hélio e a vizinhança não chegaram a ver. "A safra vai ser quase normal", afirma o agricultor, que nessa altura não sabe nem dizer de quanto prevê a quebra, pois o prejuízo será pequeno. Ele também conseguiu salvar o milho, da variedade "pionezinho", plantado em um hectare e meio. Seu Hélio garante até que vai tirar mais soja este ano que no ano passado, quando plantou variedade do tarde e faltou chuva na época em que a planta mais precisava.

SÓ CHUVINHA

A situação desse produtor é bem diferente da enfrentada por muitos outros, como o seu Armindo Stiebe, que planta em 185 hectares no 1º distrito de Santo

Augusto. Ele plantou um monte de variedades, como BR-2, IAS-5, Santa Rosa PR-1 e BR-3, em 140 hectares, e no final de fevereiro andava apavorado, prevendo uma quebra geral de até 50 por cento. Parece exagero, mas seu Armindo quase que não viu chuva neste verão.

"A última chuva forte aconteceu no dia 22 de dezembro. Em janeiro não choveu, e em fevereiro veio só umas garoas", afirma o produtor. A melhor situação era a do BR-2, e a pior a da variedade IAS-5, que talvez nem dê — segundo ele — mais de cinco sacas por hectare. Seu Armindo financiou 130 hectares da lavoura de soja, e naquela época, no final de fevereiro, esperava que viesse chuva logo, para pelo menos poder pagar as contas e as prestações no banco. Ele lembrava que chuvas mesmo, no verão, foram aquela do dia 22

de dezembro, e outra do dia 13 de fevereiro. "O resto foi chuvinha".

"LUCROZINHO"

Em Tenente Portela, na localidade de Barra Grande, o seu Celso Fontana também fazia as contas das perdas e não se mostrava esperançoso. Ele tem 21 hectares e plantou 10 de soja, com as variedades Paraná, Bragg e Santa Rosa. As duas primeiras sofreram mais com a seca, e a Santa Rosa enfrenta duas situações. É que essa variedade foi plantada sozinha numa área, e em outra foi consorciada com o milho.

Seu Celso acha que a área consorciada vai ter uma quebra de uns 15 por cento, e na outra o prejuízo talvez fique ao redor de cinco por cento. Ele lembra que, com a seca, as lavouras consorciadas sofrem mais, porque a terra fica mais povoada. Esse sistema, de plantar milho e soja juntos, é usado por muitos agricultores de Portela, para que a lavoura seja melhor aproveitada, mas em época de estiagem essa compensação deixa de existir.

O agricultor financiou 25 por cento do custo total da soja, e acha que talvez ainda fique com "um lucrozinho". Ali em Barra Grande, pra completar, ainda bateu lagarta na lavoura, quando voltou a chover, no início de fevereiro. Seu Celso conseguiu terminar com os focos quando a praga recém havia surgido, mas outros produtores da vizinhança estão até agora contando os prejuízos provocados pela seca e pela lagarta, principalmente em áreas de terra dobrada, de ladeira, onde a falta de chuva pode ser um desastre.



Armindo Stiebe: só deu chuvinha



Celso Fontana: sobra um lucrozinho



Hélio Helbich: plantou duas vezes

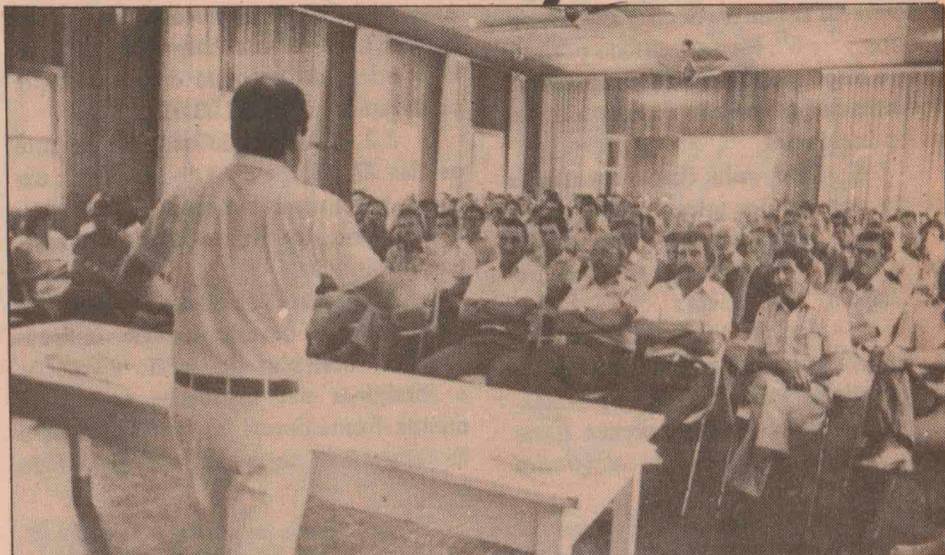
QUATRO DIAS DE VOTAÇÃO

Este ano, levando em conta o novo sistema de Estrutura do Poder implantado em 79 e ainda em fase de experimentação, as eleições para a renovação do Conselho de Administração que se processam de 27 a 30 de março, acontecem de forma um pouco diferente. A exemplo do que já aconteceu em duas eleições de Representantes, as urnas estarão espalhadas por todas as Unidades e também pelo interior dos vários municípios por onde atua a Cotrijuí, para que associados, através de voto secreto, façam a renovação do atual Conselho de Administração (dos nove elementos que fazem parte deste Conselho, pelos menos três nomes terão de ser trocados).

O trabalho dos Representantes em torno das eleições não é de hoje e já vem sendo feito desde dezembro, quando começaram as reuniões com as bases, e os associados tiveram a oportunidade de discutir a conveniência ou não de fazer algumas alterações no atual quadro da

diretoria. As propostas saídas das bases foram bem discutidas durante as reuniões de Representantes dos dias 5 e 26 de fevereiro. Aliás, no dia 5 quem andou discutindo mesmo foram os Representantes da Região Pioneira, que depois de muita conversa em grupos separados apresentaram suas chapas, de acordo com a vontade de seus representantes. Das três apresentadas na oportunidade, foi escolhida apenas uma com a chapa formada pela maioria dos Representantes, que também seria ratificada pelo resto do pessoal na reunião do dia 26.

Não foi preciso muita discussão, para que na reunião do dia 26, os Representantes da Cotrijuí tanto da Região Pioneira, como de Dom Pedrito e Mato Grosso (veja a relação dos nomes dos presentes a reunião no quadro abaixo) chegassem à conclusão de que ainda não é hora de muitas mudanças no atual quadro da diretoria. Segundo os Representantes, nada melhor do



Os Representantes se reuniram para falar de eleições

que o atual presidente, Ruben Ilgenfritz da Silva, seguido por Arnaldo Drews e Clóvis Adriano Farina, para dirigir a Cooperativa por mais três anos.

As modificações aconteceram mesmo na área dos Conselheiros. Concorrem às eleições como efetivos, Waldemar Michael, Arnaldo Hermann, Walter Driemeyer, Joaquim Stefanello, Telmo Roos e Reinoldo Kommers. Na suplência, Rodolfo Gonçalves Terra, Vicente Casarin, Euclides Gabbi, Constantino Goi, Ido Max Weiller e Erni Schünemann. O Conselho Fiscal ficou formado por Antonio Bandeira, Ruy Raguzzoni e João Telló. José Carlos Vione, Antoninho Lopes e Mário Hendges, são os suplentes.

DISPOSIÇÃO

Reconsiderando posições anteriores de que não mais ficaria na presidência da Cotrijuí, Ruben Ilgenfritz da Silva colocou-se novamente à disposição do quadro associado. "Não queria mais assumir a presidência da Cotrijuí, mas, considerando uma série de fatores, não posso me negar. Estou à disposição e concorrerei à presidência mais uma vez". Ao mesmo tempo, Ilgenfritz manifestou a sua vontade de concorrer juntamente com seus

atuais companheiros de direção. "O cargo não é fácil. Recebemos pauladas de tudo quanto é lado, mas se tiver que escolher, escolho meus companheiros atuais".

Mesmo assim, ficou bem claro que podem concorrer às eleições outras chapas, desde que inscritas a tempo e dentro do regulamento.

AS DUAS ASSEMBLÉIAS

Antes das eleições que só comecem no dia 27, estão marcadas duas Assembléias, uma Extraordinária e outra Ordinária, para o dia 26, com início às 14:00 horas. A primeira, a Assembléia Extraordinária, será realizada para que sejam aprovadas algumas mudanças no Estatuto, como alteração da data do encerramento do exercício do ano da Cooperativa.

Na Assembléia Geral Ordinária, convocada para logo depois, os associados discutirão o balanço encerrado em 31 de dezembro de 81, a destinação das sobras do exercício, autorização ao Conselho de Administração para que possa adquirir bens imóveis, e especialmente a ratificação da proposta para a realização das eleições (aprovada na reunião do dia 26 pelos Representantes).

As normas aprovadas na reunião

Proposta aprovada na reunião dos Representantes do dia 26 de fevereiro a ser ratificada pela Assembléia Geral da Cotrijuí para a eleição dos Conselhos de Administração e Fiscal de 1982.

No Seminário Central de Representantes e líderes de toda a área de ação da Cotrijuí, realizado em 16.09.80, foram aprovados as normas gerais para eleição dos Representantes. No seu item 2.4, letra "b", entre outros, diz que uma das funções do Representante é a "Organização de Chapa (s)" para eleição dos Conselhos de Administração e Fiscal. Com base nisso, os representantes da Cotrijuí propõem as Normas e Condições para a realização das eleições dos Conselhos de Ad-

ministração e Fiscal para o exercício 1982-1985 a serem submetidas e aprovadas pela Assembléia Geral Ordinária nos itens seguintes:

1 - FORMAÇÃO DE CHAPA (S)

1.1 - As chapas para eleição dos Conselhos de Administração e Fiscal serão formadas pelos Representantes conforme item 2.3.3, 2.3.4, 2.3.5 e 2.3.6 do regulamento para eleição dos Representantes, publicado no Cotrijornal de setembro/80:

Um número bem expressivo

Até causou uma certa surpresa a participação quase maciça dos Representantes eleitos da Cotrijuí - Região Pioneira, Dom Pedrito e Mato Grosso - na reunião do dia 26. Os Representantes vieram até Ijuí, onde aconteceu a reunião, para apresentarem a chapa que deverá concorrer às próximas eleições a serem realizadas de 27 a 30 de março e também aprovarem proposta e condições para realização das eleições. Estiveram presentes à reunião os Representantes Ruy Raguzzoni, Sady Berno, José Fialho, Paulino Angelo Rosa, Joel A.G. Estopilha, Protásio Lottermann, Avelino José Dutra, Modesto Dalla Rosa, Arthur Kronenberg, Fidencio Vieira, Telmo Roos, Arnaldo Redlich, Augusto da Silva, Orelino Toso, Alberi Santos Noronha, Frederico Stefanello, José Joaquim Correa, Miro Berno, Antonio Abrão Zardim, Celso Sperotto, João Santos da Luz, Iraní dos S. Amaral, Mário Hendges, Aléssio Fontaniva, Luiz Parizotto, Mário da Silva Castro, Tarcísio Vicente Fava, João Pedro Lorenzon, José Ataídes Conceição, Aquilino Bavaresco, Eduardo A. Schneider, Arduino Pillati, Delarmando Portolan, Bruno Arneemann, Enor Carniel, Arnaldo Hermann, David Lorenzoni, Vilmar Aquilino Hernandez, Juarez A. Padilha, Reinoldo Basrtch, Helmut Guth, Guimarães Dorneles da Silva, Nelson Dias Neto, Itelvino Sperotto, Paulo Tasso Santos, Pe-

dro Ghiotto, Arlindo Treter, Oscar Otto Hoerlle, João Bruisma, João Emílio Schneider, Miguel Sapietinske, Emílio Uhde, Walter Driemeyer, Duílio Fachin, Ido Weiller, Erni Schünemann, Nelson Moresco, João Adelino Becker, Luiz Osvaldo de Souza Lima, Bráulio da Rocha, Luiz Sofiatti, Primo Salla, Nicanor dos Santos Vargas, Bernardo Figur, Armindo Bender, Vicente Casarin, Arisoli Adão Franciscatto, Olmiro Callai, Antonio Davi Rigo, Serafim Dallabrida, João Adorian, Armindo Holzle, Ademar Luiz Vione, Enio Sadi Tiecher, Waldemar Michael, Euclides Marino Gabbi, Reinoldo Dobler, Valdir Bonfada, Neri Luiz Bona, Valdemar Kossa, Pedro Wichinheski, Werno Konrad, Orides Ferla, Maximino Ottobelli, Reinoldo Luiz Kommers, Oscar Vicente Silva, Urbano Adolfo Freire, Pedro Perachia, Orlando J. Thomas, Ilo Erno Buch, Ademir Faustini, Cláudio Prachela, Ângelo Sekinel, Leonísio A. Hall, Emílio Hasse, Ari Maffi, Alfredo Mower, Egon Eickhof, Silvino João Goi, Wendelino Martini, Vilson Severo, Edélvio Barreto, Osmar Hack, Osvaldo Oster, Ake Bernard Van Der Vinne, Remi Bruno Eidt, Milton Matte, Joaquim Stefanello, Euméidio Jappe, Teobaldo Rott, Florício Barreto, Antonio Baggio, Vilson Severo, Bruno Schneider, Pedro Bizarello, João Telló, José Carlos Vione.

1.2 - Escolhida (s) chapa (s) na reunião dos Representantes realizada em 26.02.82, será (ão) a (s) mesma (s) imediatamente registrada (s) e dado amplo conhecimento ao quadro social.

1.3 - O registro será na forma que prescreve os Estatutos Sociais art. 33, parágrafos 5º e 6º. Fica assegurado por este mesmo dispositivo Estatutário a inscrição de outras chapas que não apresentadas pelos representantes.

1.4 - De cada chapa constará a relação nominal dos integrantes e respectiva função. A ordem de inscrição dará a cada chapa o número correspondente. Ex. Chapa nº 1, nº 2, etc.

1.5 - Ao lado esquerdo do número de cada chapa ficará um retângulo onde o eleitor assinalará a chapa de sua preferência, não podendo substituir nomes. (Uma vez inscrita a chapa, não se substituirá nomes).

1.6 - As cédulas deverão ser previamente elaboradas pela secretaria executi-

va do Conselho de Administração.

2 - DO PROCESSO DE VOTAÇÃO

2.1 - Escolhidas e registradas as chapas, aprovadas as normas para a realização da eleição na reunião dos representantes e posteriormente ratificada pela Assembléia Geral convocada para o dia 26.03.82, na mesma Assembléia, se fixará o início do processo de votação que perdurará até o dia 30.03.82.

2.2 - A votação ocorrerá durante os dias 27, 28, 29 e 30 de março/82, devendo haver urnas em todas as Unidades. E a critério dos Representantes em outros locais.

2.3 - Antes de iniciar a votação, os Representantes deverão convidar uma autoridade local para dar início a votação e inteirar-se das instruções gerais. Da mesma forma deverá integrar a Comissão de escrutínio também uma autoridade local.

2.4 - Após encerrada a votação às 18 horas do dia 30.03.82, inicia-se ime-

diatamente o escrutínio dos votos.

Encerrada a apuração, os resultados serão remetidos para a sede social da Cooperativa.

A Comissão Central proclamará o resultado final às 14 horas do dia 31.03.82, dando sequência ao último item da Ordem do dia com a "Posse dos Eleitos".

2.5 - Para escolha de mesários, acompanhamento, escrutínio nas Unidades, definição de quem tem direito a voto e outros pontos atinentes à votação valerão as Normas vigentes para a eleição dos Representantes.

2.6 - O associado ao votar, receberá a cédula rubricada da mesa, com espaço para assinalar a chapa preferida. Caso não assinalar nenhuma, o voto será considerado branco. E nulo se a chapa estiver rasurada ou adulterada. (De acordo com as normas aprovadas em setembro de 80 nº 2.4.5, em caso de chapa única e, os votos brancos e nulos somados perfizerem mais da metade das cédulas, caberá aos Representantes reorganizar novas chapas).

3. DAS DISPOSIÇÕES GERAIS

3.1 - A Assembléia Geral Ordinária instalada no dia 26.03.82, ratificará ou não esta proposta. Ratificada, a Assembléia Geral Ordinária passa a ter caráter permanente, com duração até dia 31.03.82, período em que será cumprida a votação em toda a área de ação da Co-

operativa. Encerrará com a "posse dos eleitos", último item do Edital de Convocação.

3.2 - Os locais de votação, a guarda das urnas, o escrutínio dos votos, os mesários, as listas de votação, e outros atos pertinentes ficarão a cargo dos Representantes de cada Unidade que previamente providenciarão e darão conhecimento ao quadro social, conforme normas aprovadas para eleição dos Representantes.

3.3 - A campanha por parte dos candidatos junto ao quadro social encerrar-se-á 24 horas antes do início geral da votação.

3.4 - Poderão votar todos os associados que entregaram produção no último exercício social.

3.5 - Casos omissos serão resolvidos pela Comissão de cada Unidade e pela Comissão Central formada durante e pela Assembléia Geral Ordinária convocada para 26.03.82.

3.6 - Havendo mais de uma chapa inscrita, fica autorizado o credenciamento de fiscais para acompanharem o processo de votação.

3.7 - No caso de ocorrer o previsto no item 2.4.5 do Regulamento das Eleições dos Representantes, permanecerão no cargo os atuais membros do Conselho de Administração e Fiscal até a realização de uma próxima Assembléia Geral no período máximo de 30 dias.

O roteiro das urnas

No Mato Grosso do Sul, durante todo o período eleitoral, que vai de 27 a 30 de março, as urnas permanecerão abertas (em horário de expediente), nas Unidades de Maracaju, Rio Brillhante, Sidrolândia, Dourados e Ponta Porã. Em Bonito, a urna permanecerá apenas no dia 27, em horário de expediente. No dia 28, três urnas se deslocarão até o interior, ficando todo o dia em Jardim, Caarapó e Posto Guaíba. Dia 29, as urnas se deslocam até Vista Alegre, Itahum, Douradina e Montese. Em Indápolis, a urna permanece durante todo o dia 30.

AUGUSTO PESTANA

Núcleo	Dia	Local
Linha Progresso	.27	Escola Pres. Costa e Silva
Marmeleiro	.27	Salão
Fundo Grande	.27	Esc. Bárbara Heliodoro
Rincão do Progresso	.27	Esc. João Ramalho
Ponte Branca	.27	Es. Dom Pedro I
Arroio Bonito	.27	Esc. Silveira Martins
São Miguel	.27	Esc. Papa Paulo VI
Formigueiro	.27	Comunidade São João
Rosário	.27	Esc. Miguel Couto
Cambará	.27	Esc. 25 de Julho
Paraíso	.27	Armazém de Abílio Jantsch
Ponte do Ijuizinho	.27	Esc. Bertholdo Schmidt
Esquina Gaúcha	.27	Salão
Rincão dos Müller	.27	Salão
Linha São João	.27	Salão
Bom Princípio	.27	Salão

De 27 a 30 de março uma urna ficará no escritório da Unidade de Augusto Pestana, sempre no horário das 8,00 às 17,00. No interior, as urnas permanecerão apenas no dia 27, pela tarde, ou seja, no horário das 13,00 às 17,00 horas.

AJURICABA

Núcleo	Dia	Local	Mesários
Unidade	.27	Escritório	Walter Anthauer, Aristeu Correa
Formigueiro	.27	Salão	Emílio Uhde, Helvin Matter
Barro Preto	.27	Salão	Arnoldo Reinke, Alcides Gomes Rodrigues
Pinhal	.27	Mercado Cotrijuí	Neri Luiz Bona, João Adorian
Assis Brasil	.27	Escola	Alcides Bandeira, Sabino Dalsasso
Esquina Um bu.	.27	Capela	Edi Bortolini, José Ávila
Linha 23	.27	Capela São José	Claudir Gonzatto, Gentil Torquetti
Linha 28	.27	Mercado Cotrijuí	Nelson Mário Bandeira, Waldomiro Schweigert
Linha 30	.27	Cap. São Sebastião	Miguel Sapiecinsk, Aquiles Albino Sangiogo
Linha 18	.27	Cap. Na. Sa. da Paz	Benjamin Giessler, Antonio Marquezin
Linha 15	.27	Salão Carovi	Arnaldo Redlich, Dirceu Chagas de Moraes
Linha 24	.27	Capela	Atílio Zan, Gentil Nunes Cavalheiro
Linha 21 (Espilho)	.27	Capela	Orelho Toso, Adair Zangirolami
Unidade	.28	Escritório	Leonardo Sperotto, Norberto Oedmann
Unidade	.29	Escritório	Waldir Eichkoff, Orlando Mariotti
Unidade	.30	Escritório	Victor Zanatta e Jacundes Carlini

Em Ajuricaba, tanto na Unidade como no interior, as urnas permanecerão abertas sempre das 8,00 às 18,00 horas.

IJUI

Núcleo	Dia	Local	Mesários
Linha 6 Norte Irgang	.27	Pavilhão da Capela	Osvaldo Oster, Arnildo Schreiber, Balduino Ketzner
Chorão	.27	Escola	Edmundo Hildebrandt, Ilo Buch, Alcindo Mai
Escola 21 de Abril	.27	Salão	Armin Arlindo Seifert, Arдино Brudner
Mauá	.27	Salão do Clube	Augusto da Silva, Armindo Holzle, Eumídio Jappe
Alto da União	.27	Clube	Hugo E. Deckmann, Raimundo Maas
Rincão dos Goi	.27	Centro Comunitário	José Nogara Corrente, Valmir Tiecher
Araci Serves	.27	Escola	Reinoldo Guilherme Dorn, Anselmo Bottega, Leonir Becker
Rincão do Tigre	.27	Salão	Vilson Dobler, Valter Fischer, Anselmo Soares
Coronel Barros	.27	Mercado Cotrijuí	Ari Seifert, Oldemar Heberle, Getúlio Arno Rehbein
Linha 11 Oeste	.27	Escola Lobo da Costa	Valdir Glass, Oldemar Gris, Sadi Arnoldo
Linha 8 Oeste	.27	Pavilhão da Com. Evang.	Sady Sabert Galert, Ari Treter, Amário Belz
Linha 8 Oeste	.27	Esc. Ernesto Dorneles	Ervino O. Mertin, Mário Schadeck
Itaí	.27	Escola	Avelino José Duarte, Arno Bero, Nildo Hintz
Col. Santo Antônio	.27	Salão Comunitário	Armando Boniatti, Pedro Dalla Rosa, Zino Basso
Salto	.27	Centro Comunitário	Athades Mori, Marclio Cossetin, Plínio Gabbi
São Valentim	.27	Salão	Valdir Bonfada, Alexandre Gabbi, Domingos Bagolin
Boa Esperança	.27	Salão Paroquial	Emílio Lausch, Evaldo Morascki, Licínio Bigolin
Dr. Bozano	.27	Centro Comunitário	Elio Fachin, Zeno Folletto, Antonio Bilibio
Santa Lúcia	.27	Posto Cotrijuí	Severino Costa Beber, Odino Marino Filippin, João Sílvio Zanetti
Linha 7 Leste	.27	Salão da Capela	Adão Saviki, Nilo José Tiecher, Alberto Wielens
Linha 6 Leste	.27	Clube 12 de Outubro	Helmut Gutt, Albino Kramattck, Romeu Garzella
Rincão da Laje	.27	Escola	Frederico Casali, Antonio Araceli Rosa, Ovídio Casali
Saltinho	.27	Escola	Adão Casagrande, Ari Pizoni, Duilio Fachin
Flomasa	.27	Centro Comunitário	Pedro Wishinheski, Reni Fortunato Bigolin, Zica Bigolin
Parador	.27	Pavilhão da Igreja	Jaime Wender, Orlando J. Thomas, Nilson Barrichello
Barreiro	.27	Escola	Sigfrid Kraemer, Gilberto Brum, Antonio Didone
Povoado Santana	.27	Pavilhão da Capela	Luiz Kovaleski, Ramon Kopeginski, João Makoski

Em Ijuí, a urna permanecerá aberta durante os dias 27, 28, 29 e 30 de março, durante todo o horário de expediente. Da urna receptora de Ijuí, são mesários, Leonir Coimbra de Souza, Honorino Picolin e Adão Romeu King.

Eleições

CHIAPETTA

Núcleo	Dia	Local	Mesários
São Luiz	.27	Escola	Protásio Lottermann, Orlando Blaszcak
São Judas	.27	Escola	Joel A. G. Estopilha, Irineu Stopiglia
São José	.27	C.T.G.	Paulino A. Rosa, Ângelo Gêndolo
Unidade	.27	Escritório	Werno Konrad, Alfredo Blass
Unidade	.28	Escritório	Joel A. G. Estopilha, Getúlio O. Belarmino
Unidade	.29	Escritório	Protásio Lottermann, Arnildo Beck
Unidade	.30	Escritório	Paulino A. Rosa, Oromir Dietrich

Também em Chiapetta, na Unidade e no interior, as urnas permanecerão abertas no horário das 8,00 às 18,00 horas.

CORONEL BICACO

Núcleo	Dia	Horário	Local	Mesários
Unidade	.27, 28 e 29 e 30	.7,30 às 12,00 .13,30 às 18,00	Escritório	Eduardo da Rocha Netto, Bráulio da Rocha, Paulo Rigodanzo, Antonio Baggio, Pedro Gobbi, Alcênio João Hermel
Supermercado	.27 e 29 e 30	.7,45 às 12,00 .13,45 às 18,00	Supermercado	Pedro Bizarello, Severino Rafael Dallabrida, João Francisco Veríssimo, Álvaro Rutilli, Irani dos Santos Amaral, Antonio Sallette
Braga	.27	.8,30 às 12,00 .14,00 às 17,00	Sindicato	Ari Maffi, Ano Reinoldo Schwaab
Redentora	.27	.8,30 às 12,00 .14,00 às 17,00	Sindicato	Tarcísio Vicente Fava, Alfredo Reinoldo Schultz
Esq. São João	.27	.8,30 às 12,00 .14,00 às 17,00	Escola	Álvaro Rutilli, Irani dos Santos Amaral
Vila S. Pedro	.27	.8,30 às 12,00 .14,00 às 17,00	Escola	Luiz Osvaldo de S. Lima, Josué Bogado da Rosa

A Comissão encarregada da contagem dos votos por Coronel Bicaco ficou formada pelo prefeito municipal, Jacy Luciano de Souza, pelo gerente da Unidade, Antoninho Domingos Rossoni, por Albarito Tomelero, pelo coordenador dos representantes dos associados, Pedro Bizarello e mais o presidente do Sindicato, Eduardo da Rocha Netto.

VILA JÓIA

Núcleo	Dia	Horário	Local	Mesários
Cará	.27	13,00 às 18,00	Clube	Angelo Pillat, Eorides Angelo Della Flora
São Pedro	.27	8,00 às 12,00	Escola	Valdemar Luiz Cecchetto, Oneide Batista Burtet
São Roque	.27	13,00 às 18,00	Escola	Honorácio Menegazzi, Jorge Matani
S.J. da Bela Vista	.27	8,00 às 12,00	Escola	Dácio Davino Secchi, Rene Selle de Lima
Esq. Sto. Antônio	.27	13,00 às 18,00	Escola	João Doracy da Conceição, Antônio Francisco Prestes
Unidade	.27	8,00 às 18,00	Escritório	Luiz N. Beschoner, Manoel da Conceição
Unidade	.28	8,00 às 18,00	Escritório	Ivori Ernesto Dambrós, Honorácio Burtet
Unidade	.29	8,00 às 18,00	Escritório	Hermes Amir Coró, Osmar Mench
Unidade	.30	8,00 às 18,00	Escritório	Renaleto Fontana, Leonir S. de Aguiar

SANTO AUGUSTO

Núcleo	Dia	Local	Mesários
São Valério	.27	Salão Comunitário	Otilo Werner, Wladislau Kmiecik, Leonildo Briggo, Armindo Bender
São Martinho	.27	Salão Paroquial	Erny Krost, Canísio José Walter, Ignácio Scheider, João Adolino Becker
Vila Coroados	.27	Escola Papa João XXIII	José Heitor Copetti, Laurindo Marchioro, Silvio Antunes Machado e Edmundo Stadler
São Jacó	.27	Salão Comunitário	Rodolfo Barstch, José Pettenon, Pery da Rosa, Reinoldo Barstch e Guimarães Dorneles da Silva
São Valentim	.27	Salão Comunitário	Ivo Gonçalves de Lima, Davi A. Ceolim, Dari Nicoli, Nelson Moresco
Passo da Lage	.27	Salão Comunitário	Luiz Radin, Sylvino Pettenon, Aparício Mafalda, Dirceu Assis de Moura
Santo Antônio	.27	Soc. Sempre Unida	Hilto José Santi, Ernesto Prochnow, Aivorindo Polo, José Valmir Stival
Unidade	.27	Escritório	Antonio Felipe Lauer, Paíomar Victor Montagner, Armindo Arno Maron, Celso B. Sperotto
Unidade	.28	Escritório	Valdir Luiz Gonzatto, Alberto Gonzatto, Feliciano Paulo de Souza, Itálvino Sperotto
Unidade	.29	Escritório	Ermano José Stival, Ermino Klumb, Ermano Antonio Gonzatto, João Pedro Lorenzon
Unidade	.30	Escritório	Anicetto Nicoli, Lino Alberto Depiere, Antonio Nicoli, Idalino Sueroni

Tanto na Unidade de Santo Augusto, como no interior, as urnas permanecerão sempre nos horários das 8,00 às 12,00 e das 14,00 às 17,00 horas.

DOM PEDRITO

Núcleo	Horário	Local	Mesários
Bolicho da Pedra	.8,00 às 18,00	Escola Municipal	João de Mateo, Nelson Calai
Ibaré	.8,00 às 12,00	Armazém Theodoro Leon	José Theodoro Leon
Sangra Preta	.14,00 às 18,00	Armazém Antônio Garcia	Floribaldo Simões
Três Vendas	.8,00 às 12,00	Residência Ildo Machado	Pedro Silva, Elpídio Chibiaque
Ponche Verde	.14,00 às 18,00	Residência Antônio Chibiaque	Edélvio Barreto
Passo Fundo	.8,00 às 12,00	Armazém Salvador Borba da Fontoura	José Pedro Fontoura
Fontouras	.14,00 às 18,00	Armazém Odir Nunes	José Pedro Fontoura
Vacaiquá 2	.8,00 às 12,00	Residência Moacir Nunes	Jesus Belém
Vacaiquá 1	.14,00 às 18,00	Escola da Sub-Prefeitura	Neto Bernardes da Porciúncula
Vila Brasília	.8,00 às 12,00	Salão Romagueira Rodrigues	João Manuel Meleu
Campo Seco	.14,00 às 18,00	Residência Sr. Leomar	João Manuel Meleu

Na sede da Unidade, as urnas permanecerão abertas durante os dias 27, 29 e 30, sempre no horário de expediente. No dia 28, domingo, as urnas percorrerão o interior, em horários diferentes, conforme mostra a tabela acima. A Comissão de contagem de votos está formada por Oscar Vicente y Silva, João Ernani (do Forum de Dom Pedrito) e mais alguns funcionários da Cooperativa.

TENENTE PORTELA

Núcleo	Dia	Local	Mesários
Barra Grande	.27	Pavilhão Flores	Celso Fontana, Irio Angelino Facioni, Dorvalino Guido Soligo
Derrubadas	.27	Mercado Sisti	Mário Hendges, Orlando Long, Dorival Rigodanzo
Esquina Colorado	.27	Pavilhão Nilvo	Luiz Parizotto, Nelson Manfredo Matter, Erno Weimer
Dois Marcos	.27	Pavilhão Neri Pommer	Primo Salla, Antonio Davi Rigo, Carlos Ivo Ortolan
Santa Fé	.27	Clube Fink	Olmiro Callai, Serafin Lopes da Silva, Félix Gotardo
São Luiz	.27	Pavilhão Sicorra	Delarmando Portolan, Nilson Doneda, Irineu Krumeauer
São Pedro	.27	Clube Klever	Aléssio Fontaniva, Waldemar Ermuth Kirsch, Selvino Gerhke
Bom Plano	.27	Pavilhão Sérgio Didoné	Arlindo Lampert, Frederico Galli, Luiz Gervazoni
Capoeira Grande	.27	Clube Bresolim	Enio Júlio Dal Sotto, Pedro Mantelli, Armando da Silva
Jabuticaba	.27	Pavilhão Odilo	Valdir Gabriel, Joceli Dennes, Arosio Pandolfo
Linha Progresso	.27	Escola Tomazi	Arlindo Vogt, Alfredo Mokan, Elbio Lampert
Lagoa Bonita	.27	Pavilhão Ourique	Xisto Micolino, Adílio Zatti, Vilmar Setti
Barreiro	.27	Pavilhão Cláudio	Enor Carniel, Ildo Pedrinho Brum, Otacílio Pavinato
Vista Gaúcha	.27	Clube Jaime	Orides Ferla, Abílio Colpani, Genuino Mantelli
São Sebastião	.27	Pavilhão Raffaelli	Maximino Ottobelli, Alivino Righi, Paulo Miguel Zanetti
Tronqueiras	.27	Mercado Jorge Nervis	Bernardo Figur, Arnildo Schmitt, Armando Ulrich
Coxilha Ouro	.27	Clube 1º de Maio	Bruno Arnemann, Valdir Leonhardt, João Artur Schelhasse
Miraguaí	.27	Mercado Bandurski	Alfredo Mowes, Mário Euzires Guterres, Sillas Menezes
Irapuá	.27	Pavilhão Petri	Arduino Pilatti, Antonio A. Botton, Arlindo Radons
Sítio Gabriel	.27	Mercado Siqueira	Waldemar Bester, Orelino Sopran, Irmo Linn
Alto Alegre	.27	Salão Renato	Sebastião P. dos Santos, Ervino Müller, Odolino Jorge Grellmann
São Marcos	.27	Pavilhão Adão	Marcos da Silva Castro, Lauro Prates Silveira, Ilário Kriger
Alto Azul	.27	Escola Norberto	Armindo Rech, Olívio Kaiserkamp, Irineu Sestari
Daltro Filho	.27	Pavilhão Lauro	João Desengrino, Mariano Pommer, Jaime Bertoldo
Braço Forte	.27	pavilhão Ari Schmidke	Luiz Sofiatti, Gentil Bergonci, Valdir Furini
Sede Unidade	.27	Escritório	Benjamin Otto Schowanz, Albino Schepp e Selvino S. Biesdorf
Unidade	.28	Escritório	Vitório Fempau Decarli, Querino José Spindler, Celito João Cansi
Unidade	.29	Escritório	João Debortoli, Celso Antonolo, Generino Carniel
Unidade	.30	Escritório	Selvino Moresco, Ireno Bianchini, Ibanor Piccini

Em Tenente Portela, as urnas permanecerão abertas, tanto na Unidade quanto no interior, sempre das 8,00 às 18,00 horas.

SAFRA PRA NINGUÉM BOTAR DEFEITO



Fazia tempo que o produtor não colhia tanto feijão como neste ano

Já fazia um bom tempo que o produtor não via tanto feijão na lavoura como viu este ano, quando o Rio Grande do Sul — numa das melhores safras de sua história — colheu umas 150 mil toneladas (2 milhões de sacos) numa área de plantio que andou por volta de 170 mil hectares. Em regiões tradicionais na cultura do feijão, como Arroio do Tigre, a lavoura de feijão teve um crescimento de 40 por cento com relação a safra passada. Em Nova Palma, a área de feijão cresceu 10 por cento, enquanto que em Sobradinho a área passou de 5 mil hectares para 9.600 hectares. Sobradinho colheu perto de 115 mil sacos de feijão, uma produção que até poderia ter sido bem melhor, se uns ventos frios não tivessem atrapalhado um pouco.

Se comparada com as dos últimos 10 anos, esta última safra, em termos de rendimento por hectare, só foi superada pela produção dos anos 70, 71, 72, 74 e 75, conforme mostra a tabela abaixo. Em 70, por exemplo, numa área que chegou a atingir 270.707 hectares, o Rio Grande do Sul colheu 236.932 toneladas de feijão, com uma produtividade média em torno de 875 quilos por hectare. Mas desse tempo todo para cá, a área de feijão só diminuiu e o rendimento chegou a cair tanto, que em 80, dos 205.546 hectares, foram colhidas apenas 80.378 toneladas. O rendimento, baixíssimo, ficou em 391 quilos por hectare. As causas de tão baixa produtividade vão desde as condições climáticas desfavoráveis ao cultivo do feijão até a escolha de áreas para o plantio, que eram sempre as piores.

A partir da safra de 81 as coisas começaram a melhorar um pouco e a área de feijão, ganhando mais espaço na propriedade, chegou a atingir 212.608 hectares, ficando com uma produção de 127.623 toneladas. O rendimento aumentou para 600 quilos por hectare. Na última safra, apesar da área ter sido a menor desde 70 — apenas 170 mil hectares — o rendimento foi um dos melhores, se levando em conta a produção dos últimos seis anos, quando atingiu a 800 quilos de feijão por hectare.

POR TODOS OS CANTOS

É bem verdade que nesta última safra, qualquer cantinho de feijão deu que não foi pouco. As razões para o aumento da produtividade, e isso quem garante são os técnicos, estão diretamente relacionadas com a introdução de novas variedades, com a escolha de melhores áreas — que até um tempo atrás vinham sendo reservadas apenas para a cultura da soja — e também o uso de isumos modernos. E olha que o feijão, uma planta considerada bastante ingrata, andou enfrentando muita chuva na hora do plantio, ventos frios durante o ciclo de maturação e até uma estiagem bem regular na época da colheita.

Se está ressurgindo um certo interesse, por parte dos produtores, com relação a cultura do feijão, também dá para dizer que os responsáveis foram os preços pagos no ano passado, considerados muito bons, graças a escassez do produto no mercado, e também o aumento de incen-

tivo por parte do Governo, que veio sob a forma de financiamentos de custeio e garantias de preços mínimos, que a partir deste ano passarão a ser corrigidos pelo INPC. Vale ressaltar que até um tempo atrás, o feijão era uma cultura que não recebia nenhuma cobertura oficial por parte do Governo.

Mas se a safra foi cheia, não se pode dizer a mesma coisa dos preços, o que era até natural, dado ao excesso de produto no mercado e o baixo poder aquisitivo de povo, que nem todo o dia pode ter feijão na mesa. Na esperança de que o saco de feijão valesse perto de Cr\$ 5 mil neste ano, o produtor acabou mais uma vez se frustrando, pois até agora, o preço mínimo tem sido o preço máximo pago ao produtor, que ainda não passou dos Cr\$ 3.709,00, fixado pelo governo para o feijão tipo 3, isso, quando o produtor não entrega para o intermediário, por um preço ainda inferior.

PERSPECTIVAS

Para o agrônomo do Departamento Técnico da Cotrijuí, Francisco Tenório Falcão Pereira, o que levou o produtor a ter maior interesse pela cultura de feijão, foram as perspectivas de mercado. "O produtor estava certo de que o feijão fosse receber um preço bem compensador neste ano, o que acabou não acontecendo gerando um certo descontentamento". O Francisco ressalta, que também contou o fato de que o produtor mesmo sentiu a necessidade de baratear a sua alimentação, "plantando pelo menos para o consumo da casa".

Embora a área de ação da Cotrijuí não seja considerada tradicional na cultu-

ra do feijão e nem tenha uma participação expressiva em termos de abastecimento à nível estadual", nunca se colheu tanto feijão por esses lados, como nesta última safra. O que se plantava de feijão, quase sempre pelo pequeno produtor, era mais para o consumo "e mesmo porque nunca incentivamos o produtor a aumentar a sua área em demasia, para não acontecer o que aconteceu com a soja: criou-se uma dependência muito grande. O incentivo por parte da cooperativa tem sido no sentido de que se plante visando em primeiro lugar o consumo da família, comercializando apenas o excedente", explica o agrônomo Hélio Ito Polhmann, que garante que esta tem sido a filosofia da Cooperativa com relação a cultura do feijão. "Incentivamos o produtor a diversificação a sua lavoura, mas plantando de tudo e um pouco, principalmente aquele que tem pouca terra", complementa o Francisco Tenório.

Na Região Pioneira, a área de feijão passou de 1.300 hectares em 80/81, para 1.720 hectares em 81/82, com um crescimento que ficou por volta de 32 por cento. A produção desta última safra ficou em 15 mil sacos, "uma produção que não era esperada", comenda o Clóvis Rorato de Jesus, Coordenador Técnico da Cotrijuí. A produtividade também deu um salto, passando para 950 quilos por hectare. "Os rendimentos foram bons porque as condições climáticas ajudaram bastante e quem plantou feijão em fins de agosto e início de setembro conseguiu uma boa produção.

A safrinha foi bastante prejudicada devido a estiagem que.o plantio no momento oportuno.

ÁREA CULTIVADA E PRODUTIVIDADE DA CULTURA DE FEIJÃO NO ESTADO NOS ÚLTIMOS 12 ANOS

ANOS	ÁREA PLANTADA — ha	PRODUÇÃO t.	RENDIMENTO Kg/ha
70	270.707	236.932	875
71	256.142	206.569	806
72	218.164	179.538	823
73	220.613	176.576	800
74	189.279	152.712	806
75	187.653	155.624	829
76	182.000	140.300	770
77	175.090	109.431	625
78	203.700	132.300	649
79	178.300	136.700	766
80	205.546	80.378	391
81	212.608	127.623	600

Fonte: IBGE — CCEA/RS

Sem perspectiva de melhora

Uma certa desorganização no mercado somada a ação bastante atuante dos intermediários, que chegaram a pagar pelo feijão preços inferiores ao mínimo, gerando descontentamento por parte dos produtores, fizeram com que o Governo se decidisse pela liberação de compras do produto, sob a forma de AGFs (Aquisições do Governo Federal) e EGFs (Empréstimos do Governo Federal), para que as cooperativas pudessem estocar a produção entregue pelos associados, à espera de preços mais compensadores. E até o mês passado, as aquisições de feijão realizadas em Santa Catarina, Rio Grande do Sul, Paraná e São Paulo, já haviam passado das 80 mil toneladas. O volume de produto financiado, através da EGFs, na mesma data, ultrapassou as 120 mil toneladas de feijão.

MERCADO RUIM

O Ênio Weber, que anda às voltas com a comercialização de tudo quanto é produto que entra na

Cotrijuí, garante que em função do aumento da produção de feijão em todo o país — "do Mato Grosso prá cá, deu feijão que não foi pouco" — o mercado anda prá lá de ruim e o único jeito tem sido operar com preços mínimos. "Não existem perspectivas de melhora no mercado e as razões estão aí".

Só da Região Pioneira, a Cotrijuí recebeu mais de 15 mil sacos de feijão, "sendo que dessa quantia, apenas uns 5 mil sacos poderão ser colocados à venda em nossos supermercados". E a esperança do Ênio e de todo o pessoal envolvido com a comercialização do feijão é de que esse produto colocado à venda à varejo, consiga um preço melhor que o mínimo, "só que não podemos garantir nada", assegura o Ênio. "É apenas uma expectativa que temos".

O restante da produção, cerca de 10 mil sacos de feijão, será vendido para a Comissão de Financiamento de Produção — CFP, através de EGFs, pelo preço mínimo de Cr\$ 3.709,00, para o feijão tipo 3.

Uma receita "fora de hora"

Produtor de sorte com o feijão é o seu Alcides Antonio Ceolin, que tem 54 hectares em Tenente Portela. Ele planta há uns 20 anos, e só se lembra de uma safra que não deu boa, em 1978, exatamente quando tentou mudar as técnicas que vinha utilizando. Este ano, assim como o seu Alcides, outros tantos produtores colheram outra safra cheia, e chega a existir até gente bem empregada com essa cultura, plantada geralmente por conta, sem financiamentos.

Seu Alcides planta a bico de máquina, quase sempre um saco e meio, e na última safra colheu uns 44 sacos, que têm sido a sua média de produtividade. Ele tem semente própria do feijão preto "Taquara", e de dois a três anos vai trocando a semente, pegando de outras áreas, para que não haja refinamento. Ele tem também alguns segredos, para alcançar rendimentos que a vizinhança estranha de ver:

— Planto no segundo dia da lua nova, quando é época de plantio, e por isso o feijão vem mais viçoso. Na minha lavoura nem praga tem surgido, mas quando surge casudinho não uso veneno, só creolina com água.

A lavoura do seu Alcides é formada em áreas em que ele faz rodízio de culturas, e ali só se utiliza adubação orgânica, com muito esterco e serragem podre. Os custos são baixos, e ele não recorre a empréstimos. "O feijão", diz ele, "dá um dinheiro que vem fora de época, na entressafra, e todo o colono deveria plantar". Seu Alcides até que não acha os preços atuais muito bai-

xos, mas acredita que uns quatro mil cruzeiros pela saca bem que incentivaríamos muita gente.

SERVIÇO PARA A FAMÍLIA

Este também é o preço que o seu Aquiles Fontoura, que tem 5,5 hectares em Rincão Seco (Augusto Pestana), acha que seria o ideal. Ele planta em sociedade com um vizinho, Waldomiro Kuntz, desde o ano passado, pensando em vender. Antes o feijão era só para o consumo da casa, mas seu Aquiles descobriu que a cultura poderia dar um dinheiro extra e ainda ocupar melhor a família de cinco filhos na lavoura.

No ano passado ele plantou o feijão preto "chumbo" numa área, e em outra misturou semente do preto e do branco. Foram 33 sacas de rendimento, para uma e meia de semente, numa produtividade que seu Aquiles nunca tinha alcançado. A lavoura ocupou uma roça nova, e por isso não foi preciso nem adubação. O bom rendimento fez com que ele plantasse mais duas bolsas na safrinha, mas desta vez não espera colher tanto, porque o controle das pragas fica mais difícil.

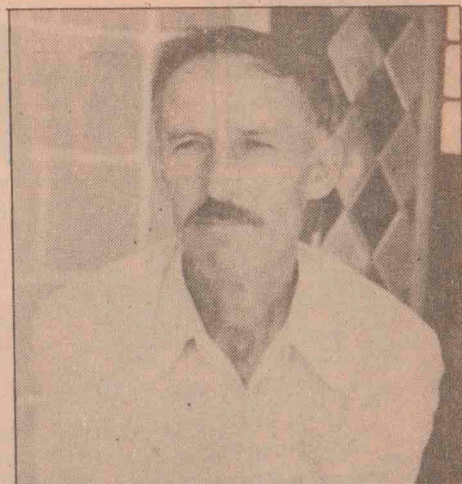
Este ano, seu Aquiles continua com o feijão, e sem utilizar adubo. "Pelo préstimo que o feijão tem, deveria valer bem mais, mas o preço até que não chega a ser ruim", diz o produtor, referindo-se aos Cr\$ 3.709,00 pagos como preço mínimo este ano. Seu Aquiles sabe que tem bastante feijão no mercado, mas acha que o preço não cairá tanto, nos próximos anos, pois — como ele diz — este é alimento que não pode faltar na mesa de ninguém.

UMA LAVOURA BEM CAPRICHADA

Na localidade de Manchinha, em Tenente Portela, Ibanês Antonio Fontaniva tem 9,5 hectares de terra e colheu agora sua segunda safra. Mas ele conhece feijão há bastante tempo, pois antes lidava com a planta na lavoura do pai, Alécio. Ele lembra que em 78 plantaram dois quilos e colheram cinco sacos, e aí a família sentiu que a cultura poderia ter boa produtividade, se bem cuidada, e garantir uns trocos a mais.

No ano passado, Ibanês plantou 25 quilos e colheu 21 sacos, numa área onde antes havia milho e soja. Ele manteve a palha e usou fosfato, adubo e uréia, com uma técnica especial: primeiro largou o adubo com a máquina de semear, e depois plantou o feijão a bico de máquina. A vantagem disso é que a colheita fica facilitada, segundo o Ibanês. As touceiras ficam mais separadas uma da outra, e a produtividade é a mesma. Além disso, a lavoura fica muito mais caprichada.

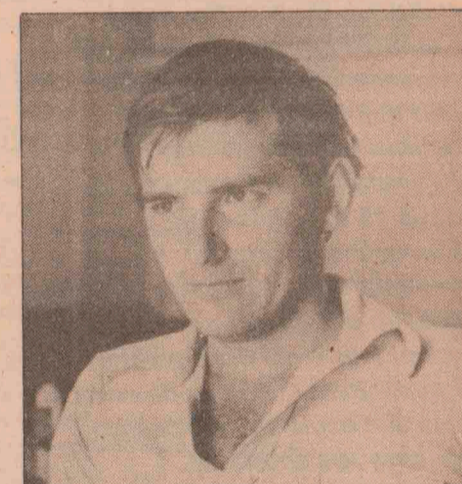
Ibanês usa uns 150 quilos de adubo, 40 quilos de fosfato e 25 quilos de uréia. O plantio é por conta, e a semente de feijão preto ele conseguiu em 1979 na Cotrijuf. Este ano, ele pretende plantar duas ou três sacas, por entender que, apesar do preço não ser muito compensador, essa planta é uma boa alternativa para quem tem pouca área e não pode recorrer a outra opção. Para Ibanês, uns seis mil cruzeiros seriam um bom preço para o feijão atualmente.



Antonio Ceolin: lua nova deixa viçoso



Aquiles Fontoura: serviço pra família



Ibanês Fontaniva: vendendo desde 78

A QUALIDADE ACIMA DE TUDO

Na Metalúrgica Modelar a qualidade sempre está acima de tudo. Por isso seus produtos já se encontram em todo o sul do País.

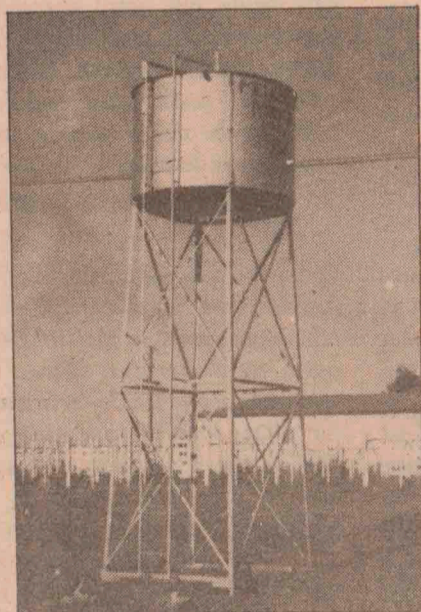
- Armazéns metálicos de vários modelos e qualquer tamanho.
- Coberturas para postos de combustível e garagens.
- Caixas d'água metálicas
- Tachos para banha e melado.

— Perfeição em todos os detalhes —

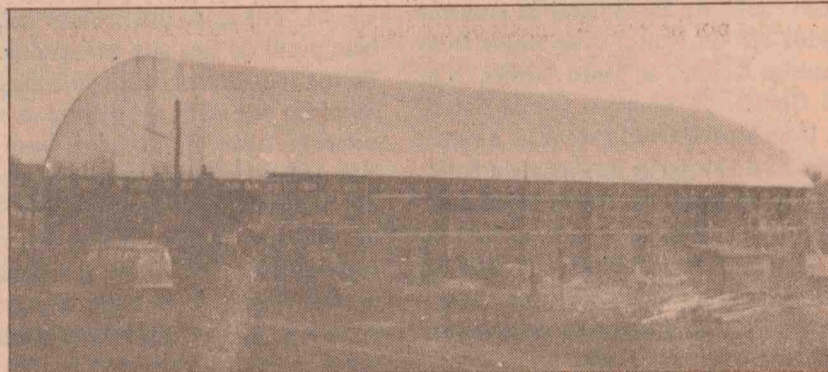


MODELAR INDÚSTRIA E COMÉRCIO LTDA.

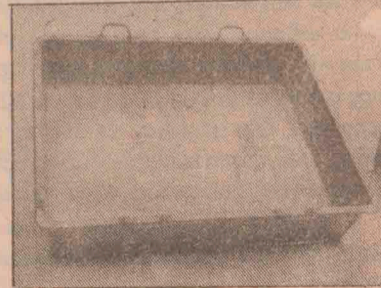
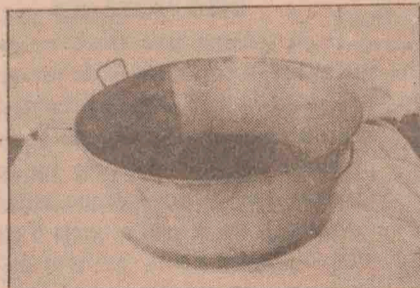
Rua Erno Fritz, 1105 — fone 332-4202
Distrito Industrial — IJUI — RS



Caixa d'água



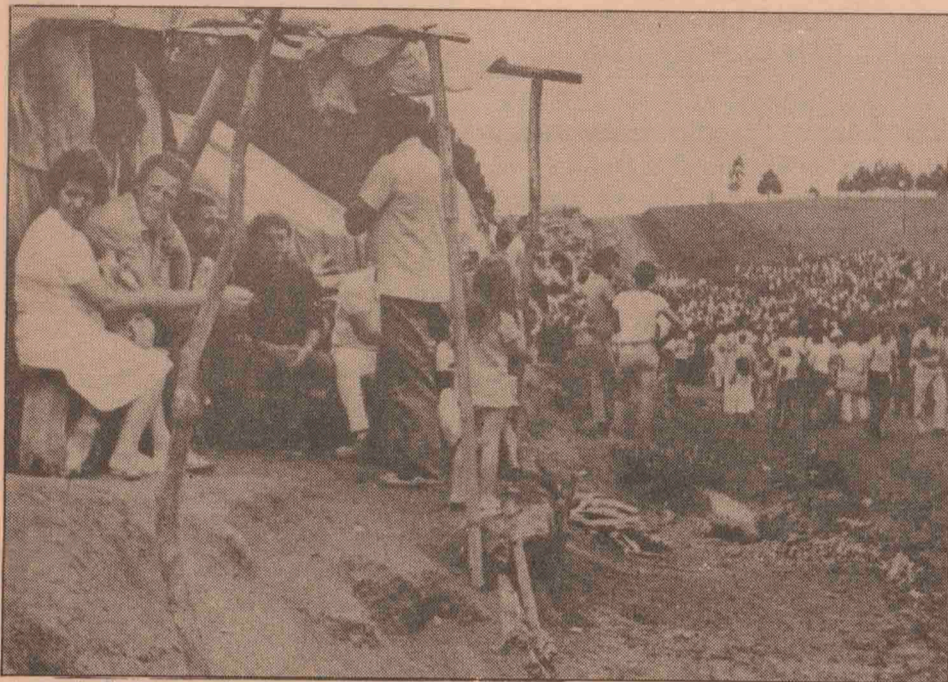
Armazém



Tachos redondos, quadrados e retangulares



A ROMARIA DA SOLIDARIEDADE



A procissão levou até gente do Norte à Encruzilhada

A Romaria da Terra deste ano foi bem mais que uma demonstração de solidariedade a todos os agricultores que não têm onde trabalhar. O encontro, que a Comissão Pastoral da Terra (CPT), da Igreja Católica, promoveu pela quinta vez, deu atenção especial a um dos tantos casos de acampados do país, levando umas 15 mil pessoas até a Encruzilhada Natalino, no município de Ronda Alta. No final do dia, ficou uma esperança: os colonos terão onde plantar, e poderão sair da beira da estrada, sem que a luta por um pedaço de terra seja encerrada.

A Romaria deste ano, no dia 23 de fevereiro, foi a primeira realizada pela CPT junto a um acampamento de colonos sem-terra. Os agricultores de Ronda Alta, que em março completam um ano à beira da estrada, já estão acostumados com concentrações e manifestações de apoio, mas nunca tinham visto tanta gente. Vieram romeiros de todo lado, do Paraná, de São Paulo, de Santa Catarina e outros Estados até do Norte, e os bispos Dom Estanislau Kreutz, de Santo Ângelo, Dom José Gomes, de Chapecó (Santa Catarina); Dom Moacir Grechi, do Acre e Perus; e Dom Paulo Moretto, de Caxias do Sul.

Agricultores, operários, estudantes, religiosos e o pessoal envolvido na luta por uma melhor distribuição da terra no Brasil abriram a romaria ali pelas 9 horas, caminhando pela estrada. Como acontece todo ano, foi encenada a Via-Sacra, com a apresentação, em cada estação, dos problemas enfrentados por trabalhadores rurais e urbanos. Em cada parada eles falavam do projeto das barragens que ameaça o pessoal do Alto Uruguai; da falta de emprego; das questões da saúde, da moradia, e da necessidade de organização dos moradores do campo e da cidade.

Nas faixas que carregavam, enquanto cantavam, tudo isso ficou bem claro: "Cumpram a lei: reforma agrária"; "Se a gente não se une, Deus não ajuda"; "O povo não quer barragens"; "Lutemos pelo

que é nosso. A terra é de todos". O cortejo andou, de um lado a outro do acampamento, sempre com a cruz que simboliza a luta dos colonos de Ronda Alta, com quatro mantos brancos lembrando cada uma das crianças mortas até agora. A procissão foi encerrada perto da uma da tarde, e pelas duas horas o pessoal se reuniu de novo para a tribuna livre.

AJUDA DO SERGIPE

A tribuna foi improvisada sobre a carroceria de um caminhão, e ali subiram gaiteiros, trovadores, dirigentes sindicais e representantes de outras entidades que apoiam os sem-terra. Foi da tribuna que o padre Plínio Maldaner anunciou muitos dos recados de solidariedade mandados aos colonos da Encruzilhada Natalino pelo argentino Adolfo Esquivel, ganhador do Prêmio Nobel de 81 por seu trabalho pela não-violência; dos bispos de Rio Grande e de Conceição Araguaia, no Pará; e de outros acampados do Estado de Sergipe, que mandaram inclusive 10 mil cruzeiros às famílias de Ronda Alta.

Cinésio Kuhn, da Comissão Pastoral da Terra do Mato Grosso do Sul, um dos primeiros a falar, disse que a situação por lá "é igual ou pior que aqui". Segundo ele, há "uns cinco mil colonos sem terra, bem perto da área que está sendo oferecida aos agricultores do Rio Grande do Sul". Também subiram na tribuna o sempre presente Adão Pretto, com seus versos que pedem reforma agrária; o presidente do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Tenente Portela, Walter Irber; um representante do Centro dos Professores do Rio Grande do Sul; um colono que já morou no Mato Grosso e pra lá não quer voltar; e alguns representantes dos acampados.

OITO PASTORES

A tribuna teve também, pela primeira vez, a participação de um grupo de religiosos da Igreja Evangélica de Confissão Luterana do Brasil, que anunciou a presença de oito pastores na romaria, dizendo que "o povo é que está despertando a Igreja, e não a Igreja é que conduz o povo, como se propala". Outro grupo de ex-acampados, que ocuparam a Fazenda Burro Branco, de Santa Catarina, foi mostrar aos romeiros milhos



Com faixas e cartazes, os romeiros cantavam e rezavam

e abóboras gigantes, colhidos na área "onde tudo antes era tapera sem serventia", para provar que "ninguém era vagabundo".

Os representantes dos acampados falaram de tudo um pouco, explicando principalmente porque não querem ir para o Mato Grosso, como foi proposto pelos governos estadual e federal. "Lá a terra dá bem só pra fazendeiros, pra quem tem gado e usa o pasto". Segundo eles, tampouco as terras da Bahia podem ser aceitas, e o mesmo vale para as ofertas de emprego: "Como é que nós vamos sair da agricultura, se não temos profissão?"

— Mas não são os religiosos que nos mantêm aqui. É a lei do estatuto da terra que não nos deixa sair dos barrancos. Nós não somos cabeças de papel, conhecemos a lei. E não são os religiosos que nos pagam pinga, pra tentar nos convencer a sair daqui.

Como demonstração de que os religiosos têm a simpatia dos acampados, foi lido um documento elaborado depois do dia 15 de fevereiro, quando houve passeata em Ronda Alta, em defesa do vigário Arnildo Fritzen. O padre estava ameaçado, segundo os colonos, de ser processado pela ajuda que dava aos sem-terra. O abaixo-assinado, com uns 8 mil nomes, diz que Arnildo "respeita o evangelho", e pede que o padre seja mantido em Ronda Alta, apesar das denúncias feitas pelos "acusadores de má fé".

MISSA COM APLAUSO

A missa, iniciada perto das cinco da tarde, foi celebrada pelo bispo de Santo Ângelo, com a participação de todos os religiosos presentes. Mas foi Dom Moacir quem fez a pregação, falando da "Igreja que quer ser fiel a Jesus Cristo". Segundo Dom Moacir, que é o coordenador nacional da CPT, a Igreja espera que "o Brasil seja o país da esperança para todos, e não para uma minoria".

— O que acontece aqui, acontece em toda a nossa América. Os acampados de Natalino não estão sozinhos, mas nós devemos ser persistentes, pois Deus nos quer solidários.

Dom Moacir foi aplaudido duas vezes durante a missa, mas os aplausos fortes mesmo seriam ouvidos depois,



Um descanso para o chimarrão

quando Dom Estanislau anunciou que a Igreja vem estudando uma solução para as quase 200 famílias ainda acampadas. Ele explicou que, recentemente, os bispos receberam uma sugestão dos colonos, na qual eles pediam a interferência da Igreja para que consigam pelo menos 100 hectares de terra. A proposta foi aprovada por todos os bispos reunidos em Itaiçi, e será levada adiante.

LUTA CONTINUA

"A situação é desumana, e não pode continuar assim", disse Dom Estanislau, lembrando que todas as dioceses serão movimentadas, para que o projeto possa ser executado. Dom Paulo Moretto ressaltou, por sua vez, a busca de uma saída "é obrigação da Igreja", e pediu que também os outros religiosos, e não só os católicos, apoiem a idéia. O bispo de Caxias do Sul acha que tudo depende agora da elaboração de um projeto detalhado, a ser entregue pelos colonos à Igreja.

Antoninho Campignoto, um dos representantes dos acampados, concorda que essa é a melhor opção no momento. "Cada dia a situação fica mais difícil, e não há solução em vista", disse ele. Os 100 hectares seriam ocupados de forma coletiva, ou seja, com todos participando em conjunto da exploração da terra, possivelmente com hortigranjeiros. Mas só que essa saída provisória, para que o pessoal não tenha que enfrentar outro inverno na estrada, é apenas um começo, como ressaltou o Antoninho: "A nossa luta não termina".

NOVIDADES NO EXTRATO

As constantes reclamações de associados, dizendo que não entendiam muito bem os tantos números de extrato de conta corrente e mesmo a necessidade de fornecer ao produtor um histórico mais ou menos completo da sua vida dentro da Cooperativa, fez com que a Diretoria Administrativa se decidisse por uma série de alterações no extrato. O projeto do novo modelo do extrato ficou por conta do pessoal da Cotridata, que passou algum tempo estudando a melhor forma de explicar os tantos códigos e números aos associados, de modo que de agora em diante eles possam se inteirar melhor de sua situação dentro da Cooperativa.

ATRAVÉS DE SOLICITAÇÃO

Entre as alterações feitas pela Diretoria Administrativa, entra a questão da emissão do extrato. É que a partir deste ano (os extratos começam a ser emitidos nos primeiros dias de março) somente receberá o seu extrato, aquele associado que demonstrar interesse em recebê-lo. Para tanto, ele terá que fazer uma solicitação nos escritórios de suas Unidades. Se não fizer a tal solicitação, seu extrato não será emitido. O Ari Zimpel, Assessor da diretoria Administrativa, é quem explica melhor as razões dessa decisão da Diretoria Administrativa:

— Acontecia que até o ano passado, todos os meses eram emitidos quase 20 mil extratos, sendo que boa parte ficava arquivado na Cooperativa, porque os associados não retiravam. Então, pensando em evitar tantos gastos desnecessários, foi tomada essa medida e só receberá o extrato aquele associado que demonstrar interesse, o que será confirmado através de uma solicitação.

Se o associado não fizer a tal solicitação, seu extrato não será emitido no fim do mês. Também vale ressaltar que aquele associado que deixar de retirar seu extrato por um determinado tempo, terá sua solicitação cancelada. Para que o extrato seja emitido novamente, ele terá de fazer uma outra solicitação.

UMA VISÃO MAIS COMPLETA

As mudanças feitas no corpo do extrato, segundo o Ari Zimpel, servirão para dar uma visão mais completa da vida do associado dentro da Cooperativa. "São mudanças que vieram para melhor". A novidade maior mesmo é que de agora em diante, as três contas (a corrente, a capital e a produto), aparecerão em quadro separados.

O quadro da conta corrente, por sua vez, traz bem claro, em colunas separadas, o débito, o crédito e o saldo do associado, mostrando todo o movimento no mês, dia por dia. O extrato acima mostra bem direitinho todo o movimento do associado Roberto dos Santos. No dia 1º, o seu Roberto completou a liquidação de sua soja, integralizou o capital, descontou o Funrural e ainda fez a transferência para a conta corrente. Na primeira coluna do quadro da conta corrente, bem à direita, sempre vão aparecer alguns asteriscos (*) ou então as letras "C" e "P", que significam respectivamente, movimento da conta corrente, movimento da conta capi-

C O N T A		C O R R E N T E			
DIA	LOCAL	HISTÓRICO	DÉBITO	CRÉDITO	SALDO
01	01	COMPL. LIQ. SJA - M 371309 Kg *		620.086,03	
01	01	INTEG CAPITAL SJA - M *	12.401,72		
01	01	FUNRURAL SJA - M *	15.502,15		
01	01	TRANSFERÊNCIA C/CORRENTE *		2.000.000,00	2.649.923,56C
02	01	TRANSFERÊNCIA C/CORRENTE *		800.000,00	
02	01	TRANSFERÊNCIA SALDO NF 13329 *	51.962,50		
02	06	C. CR. N/Pg REF CANCELAMENTO *	164,00		3.397.797,06C
03	01	C. CR. SACARIA 1773 *	1.425,00		
03	01	CRED S/ ENTR. CPG - M 113911 *		52.837,31	
03	01	ENTR SEM. CPG - M 113911 355 Kg P			3.449.209,37C
09	01	C. CR. LOJA 91691 *	3.464,00		
09	02	C. CR. N/Pg REG. TITULOS *	938,00		
09	01	PGTO SALDO SOJA *	100.000,00		3.344.807,37C
10	01	TRANSFERÊNCIA PARTE NF *	14.204,00		3.330.603,37C
11	01	PGTO SALDO SOJA *	184.000,00		3.146.603,37C
14	02	C. CR. ARROZ 14203 *	27.600,00		3.119.003,37C
16	01	DEVOL. FNRL. SEMENTE FORRAGEIRAS *		1.866,20	
16	01	BONIFICAÇÃO SEMENTE FORRAGEIRAS *		56.420,00	3.119.289,57C
30	01	INTEG CAPITAL BONIF. S/PROD. *	3.554,67		
30	01	FUNRURAL BONIF. S/PROD. *	2.962,22		
30	01	BONIFICAÇÃO S/PRODUÇÃO *		118.488,84	
30	01	ENTREGA SJA - D 113950 777 KG P			
30	01	ENTREGA MLO - D 113951 2350 KG P			
30	01	DEVOLUÇÃO MLO - D 113951 2350 KG P			3.289.261,52C

DÍVIDA CONSOL. EM PROMISSÓRIA		DÍVIDA NO DECRÉ VENCIDA A VENCER		CARTÃO DE CRÉDITO		
VALOR	DATA	VALOR	DATA	LIMITE CONCEDIDO	VALOR UTILIZADO	VALOR A UTILIZAR
6.000,00		200.000,00		459.136,45	261.000,00	198.136,45

DEMONSTRATIVO CONTA PRODUTO		QUANTIDADE		
PRODUTO	UNID.	ENTREGUE	LIQUIDADA	A LIQUIDAR
ARZ-M	Kg	12.330	-	12.330
CPG-M	Kg	355	-	355
MLO-D	Kg	5.710	-	5.710
SJA-D	Kg	2.591	1.814	777
SJA-M	Kg	371.309	371.309	-
SRG-M	Kg	10.555	-	10.555

DEMONSTRATIVO CONTA CAPITAL		VALOR	
HISTÓRICO		TOTAL	
SALDO NO INÍCIO DO EXERCÍCIO	INTEG. EM CRÉD. CORR. MON. EXERC.	376.586,86	68.128,00
TOTAL		444.714,86	
INTEGRALIZ. NO EXERCÍCIO	INTEG. NO MÊS ACUM. DO EXERC. CORR. MON. EXERC.	15.956,39	299.019,87
TOTAL		315.976,26	
SALDO NO FIM DESTA MÊS	INTEG. EM CRÉD. CORR. MON. EXERC.	675.606,73	155.813,83
TOTAL		831.420,56	

Como ficou o novo extrato do conta corrente

tal e da conta produto. Sempre que o associado realizar um movimento que se refira a duas contas, aparecerá o asterisco (*), que é o indicador da Conta Corrente (por exemplo: integralização de capital). "Isto porque, explica o Eugênio Kusler, assessor técnico da diretoria da Cotridata e que andou às voltas com as modificações do extrato, só os lançamentos da conta corrente é que terão valores à débito ou à crédito". Somente estes lançamentos é que alteram a situação financeira do associado na Cooperativa. Um exemplo bem claro é a entrega de sementes, que não tem valor e traz junto apenas o número da nota fiscal, a quantidade entregue e mais o indicador "P", dizendo que é um movimento da conta produto, e que aparece em separado. Na conta produto, aparece todo o movimento do ano, produto por produto, quantia entregue, o que foi liquidado e o que ainda resta para ser liquidado.

O novo extrato traz ainda de forma bem clara, a "dívida consolidada em nota promissória" - que é o valor que o associado deve em notas promissórias - o valor da dívida junto ao Departamento de Crédito e também informações referentes ao Cartão de Crédito, (limite a que tem direito, valor já utilizado e valor a utilizar).

A conta capital traz desde o saldo no início do exercício (no extrato deste ano constará o saldo acumulado até 31 de dezembro de 81) formado pelo capital integralizado em cruzeiros (valor retido na liquidação de produtos), bem como a correção monetária acumulada dos anos anteriores e o total do capital do associado no início do exercício. Aparece ainda a quantia que foi integralizada durante o ano (integralização no mês, o acumulado no exercício e também a correção monetária feita durante o exercício). No final, o extrato mostra os valores acumulados das integralizações, das correções e do total geral, até o mês em que o extrato foi emitido, mostrando a situação atual.

TABELA DE HISTÓRICOS

ABREVIATURAS	SIGNIFICADO COMPLETO
Adiant. por Conta.	.Adiantamento por conta
Ajuste pr. Entrega.	.Ajuste preço entrega
Amort. de Antec.	.Amortização de antecipação
Amort. Contr.	.Amortização contrato
Antecip. Cap. Integ.	.Antecipação capital integralizado
Baixa Cap. Integralizado	.Baixa capital integralizado
Baixa Cap. Subsc.	.Baixa capital subscrito
Capit. Sobras	.Capital sobras
C. Cr.	.Cartão de crédito
C. Cr. Devol.	.Cartão de crédito devolução
C. Cr. Dev. Sem.	.Cartão de crédito devolução sementes
C. Cr. Frete	.Cartão de crédito frete
C. Cr. Sem.	.Cartão de crédito semente
C. Cr. Serv. A. Técnica	.Cartão de crédito serviço assistência técnica
C. Cr. Inscr. Prod. Sem.	.Cartão de crédito inscrição produto semente
C. Cr. S/Pg.	.Cartão de crédito seu pagamento*
C. Cr. N/Pg.	.Cartão de crédito nosso pagamento
C. Cr. Plano Unimed	.Cartão de crédito plano Unimed
C. Cr. Pulverização Aérea	.Cartão de crédito pulverização Aérea
C. Cr. Reconh. e Reg. Firmas	.Cartão de crédito reconhecimento e registro de firma
C. Cr. Serv. Destocamento	.Cartão de crédito serviço destocamento
C. Cr. Serv. Elab. Proj.	.Cartão de crédito serviço elaboração de projeto
C. Cr. Serv. Ins. Artificial	.Cartão de crédito serviço inseminação artificial
C. Cr. Loja	.Cartão de crédito loja
C. Cr. Serv. Terraceamento	.Cartão de crédito serviço terraceamento
C. Cr. Ser. Vis.	.Cartão de crédito serviço vistoria
Compl. Entrega	.Complemento entrega
Compl. Liq.	.Complemento liquidação
Corr. Monetária Cap. Integ.	.Correção monetária capital integralizado.
Cred. s/Ent.	.Crédito sobre entrega
Disp. Fin. S/Ant.	.Despesas financeiras sobre antecipação
Devol. Fnrl. Semente	.Devolução Funrural semente
Entr. Sem.	.Entrega semente
F. D. P. T.	.Fundo Desenvolvimento Pesquisa Trigo
Integ. Capital	.Integralização Capital*
Integ. Capital Inicial	.Integralização capital inicial
IRF S/Juros Capital	.Imposto de Renda Fonte s/juros capital
Juros s/Cap.	.Juros sobre capital
Liq. Contrato	.Liquidação contrato
N/Ordem Pg.	.Nossa ordem pagamento
Pagto. Bonif. Semente	.Pagamento bonificação de semente
Pagto. Saldo	.Pagamento saldo
Reaj. Cap. Subsc.	.Reajuste capital subscrito
Ressarc. Desp. Financ.	.Ressarcimento Despesas Financeiras
Rev. Cred. Ent.	.Reversão crédito entrega
S/Pagto Antec.	.Seu pagamento antecipação
Sobras Dist.	.Sobras distribuídas
S/Entrega P/Cap. P/Promiss.	.Sua entrega para capitalização por promissória
Sub. Cap.	.Subscrição capital
Transf. cap. A Restituir	.Transferência capital a restituir
Var. Camb. Ant.	.Variação Cambial Antecipação

A tabela acima traz todas as abreviaturas que poderão aparecer no quadro do conta corrente e seus significados, de acordo com o movimento do associado durante o mês.

O CTC QUER MOSTRAR O QUE FAZ

O agricultor Herwin Wilibaldo Mertins, da Linha 8 Oeste, em Ijuí, ficou admirado com o que viu dia 17 de fevereiro, quando visitou o Centro de Treinamento da Cotrijuí, em Augusto Pestana. Ele não aparecia por lá há muito tempo, e só esteve no Centro na época em que funcionava como Posto Agropecuário da Secretaria da Agricultura. Depois da visita, seu Herwin dizia entusiasmado que estava até meio surpreso: "Isso aqui mudou bastante, pois hoje há muito mais pra se ver".

Só que o seu Herwin não foi o único que ficou surpreso com o que viu. A maioria dos produtores que apareceram no CTC, naquele dia, nunca tinha visitado o Centro. E quantos mais há por aí que também não conhecem o trabalho da Cotrijuí nessa área? O gerente do Centro de Treinamento, o técnico agrícola Walter Colombo, acha que não são poucos os que ainda desconhecem as atividades do CTC, que mantém uma área de 236 hectares no município de Augusto Pestana, a uns 15 quilômetros de Ijuí.

Ali, desde 1976, quando assumiu o então posto agropecuário — que funcionava desde a década de 30 —, através de convênio com a Ministério da Agricultura, a Cotrijuí faz experimentos, treina técnicos e produtores, ministra cursos e leva adiante uma série de trabalhos em colaboração com os órgãos de pesquisa. São 70 hectares de mato, 80 de pastagens artificiais e pastagens melhoradas (campo nativo com consorciação) e outros 80 de experimentos com várias culturas, mantidos por uns 20 funcionários.

PASTAGENS

Quem for ao CTC agora verá que a diversificação da produção está merecendo prioridade no encaminhamento dos experimentos. O Centro realiza ensaios com forrageiras anuais de inverno, para multiplicação de sementes básicas e avaliação da produção de massa verde e matéria seca (feno). Essa atividade envolve culturas como azevém, aveia e trevos, e está completando uns quatro anos.

Segundo Colombo, o CTC avalia a produção de várias formas, realizando de dois a três cortes nas pastagens, para que chegue a conclusões sobre a influência do pastoreio no rendimento de grãos. Com esses ensaios, o Centro vai poder dizer quais são as pastagens que se prestam para pastoreio, para a produção de grãos ou para as duas coi-

sas ao mesmo tempo.

Os experimentos com pastagens são feitos também com culturas perenes de verão, como setária, pânico e capim Ramirez (Guenoaro). Há ainda uma consorciação de alfafa com pensacola, para pastejo. Colombo lembra que essa consorciação permite que se reduzam os custos pelo pastejo direto da alfafa e ainda diminui os riscos dos animais sofrerem timpanismo, que é a formação de gases no aparelho digestivo. O Centro mantém em experimento, nessa área de forrageiras, uns 300 cultivares de inverno e verão de diferentes espécies, e realiza ensaios com 18 cultivares de alfafa, para comparação com a produção de feno da variedade crioula, mais plantada na região.

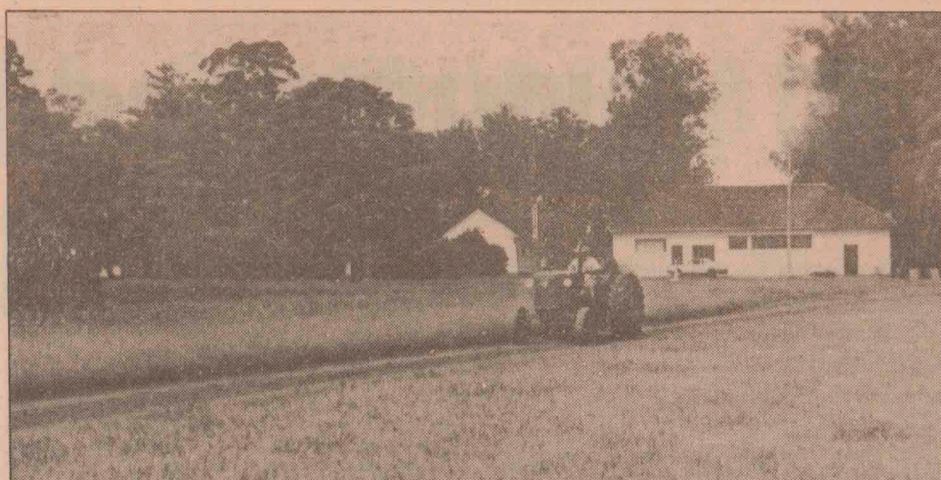
PISCICULTURA

Este ano, também a piscicultura ganha maior atenção. Desde 78 o CTC vem multiplicando novas espécies de tilápia e nilótica, e em 79 passou a criar carpa-espelho, mantidos junto com jundiá e carpa comum. Todo ano o açude é esvaziado, para distribuição de alevinos (filhotes) aos produtores, e em 82 isso acontecerá depois de um curso previsto para os dias 8, 10 e 12 de março. Os agricultores vão levar alevinos de carpa e nilótica, e receber informações sobre alimentação, adubação dos açudes e tudo sobre o manejo dos peixes.

Mas a maior novidade mesmo na piscicultura, este ano, poderá ser o início da execução de um projeto de multiplicação de peixes, para fornecimento de filhotes aos produtores. Se os recursos forem liberados, o CTC terá tanques para criação de alevinos, e não mais dependerá do esvaziamento do açude, todo ano. Colombo lembra ainda que em 82 o Centro pretende introduzir uma nova espécie de carpa.

SUINOCULTURA

Na área da suinocultura, o CTC colocará em testes em 82 a idéia de se reduzir os custos de alimentação, implantando uma espécie de potreiro de cinco hectares, onde os porcos ficarão soltos na pastagem. Os animais serão alimentados com alfafa consorciada com pensacola, grama bermuda, pangola e kikuio, e trevo com kikuio. O pasto já está pronto, e falta agora apenas cercar a área e largar os porcos. Serão escolhidas raças rústicas, que se prestem para este tipo de criação, e talvez seja testado o tal porco Sorocabá (veja Cotrijornal nº 91).



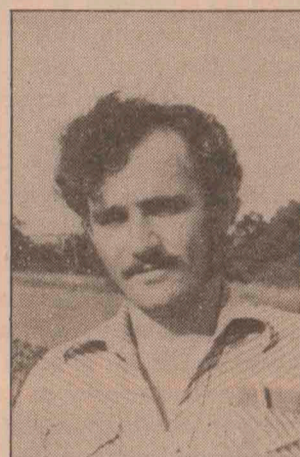
Diversificação também ganha prioridade no plano de trabalho do CTC



Walter Colombo



Herwin Mertins



Renato Wender

Outra criação que ficará meio solta será uma de galinhas caipiras, que também se alimentarão de pasto verde, para multiplicação e distribuição aos produtores. O CTC terá ainda 10 vacas holandesas e cinco da raça Jersey, que manterá para fins didáticos, como diz o Colombo. Essas vacas servirão para treinamento de técnicos e produtores, para que se divulgue tudo que diz respeito a manejo, desde a alimentação do gado de leite até a ordenha.

POMAR

Este ano, também o pomar do CTC apresentará novidades, com novas coleções de frutíferas. O pomar já dispõe de pessegueiros com 20 variedades, citros (laranja, limão), maçã, marmelo, figo e pera, todas com avaliação de adubação e poda. Colombo anuncia para junho a realização da Semana da Fruticultura, que será desenvolvida em colaboração com o pessoal da Embrapa e dirigida a técnicos e produtores. Ainda na área de hortifrutigranjeiros, o CTC introduzirá este ano novas coleções de morango e alho. Haverá experimentos com algumas variedades de feijão e serão mantidos os ensaios com 11 cultivares de mandioca.

O milho teve três ensaios implantados no final de 81, com variedades híbridas de ciclos precoce e normal, e outros cultivares crioulos. São umas 40 variedades, no total, para comparação de produtividade. Há milho plantado sobre trevo yuchi, com três sistemas: um com plantio direto, outro com plantio normal com plantadeira, e o terceiro com apenas a abertura de um sulco na terra e plantio com plantadeira convencional. O trevo serve, no caso, como proteção para o solo e, ao mesmo tempo, incorpora nitrogênio, o que favorece o desenvolvimento do milho. Também foi plan-

tado milho com quatro doses diferentes de nitrogênio, em áreas antes utilizadas com três leguminosas e uma gramínea.

SUGESTÕES

Enquanto vai inovando, testando novas culturas e novas variedades, o CTC mantém, ao mesmo tempo, os experimentos que realiza há mais tempo com a colza, o tremoço, o feijão miúdo. Colombo lembra que o Centro quer fazer de tudo um pouco, para ajudar na diversificação, e ressalta que nada deixa de ser divulgado, em forma de cursos, treinamentos. Além de tudo o que já foi citado, o Centro vem experimentando, junto com o IPA-GRO e UFRGS, um plano de rotação de culturas que prevê o plantio de trigo, soja, milho, tremoço, colza e aveia, numa área que tem ainda pastagem perene.

"Mas nós só podemos melhorar se todos colaborarem, com sugestões e visitas", diz o Colombo, que espera levar muita gente ao CTC este ano. É como diz o seu Herwin Mertins, que tem 44 hectares: "Eu vinha muito aqui, no tempo do posto agropecuário, mas depois não tive mais idéia do que a Cotrijuí vinha fazendo. É preciso aparecer no Centro, pra que se possa saber de coisas novas, de novas técnicas".

Na mesma situação do seu Herwin, outro agricultor, Renato Wender, que tem 20 hectares em Doutor Bozano, em Ijuí, acha que há mesmo muito o que se ver no CTC. Ele nunca tinha visitado o Centro, e gostou dos experimentos com pastagens. "Aqui tem tanta coisa, que seria preciso passar um dia inteiro pra se conhecer tudo", dizia Renato, durante a visita do dia 17. Ele mesmo reconhece que não havia visitado o Centro antes por causa de um certo desinteresse.

UMA REIVINDICAÇÃO MUITO ANTIGA

Com uma solenidade bastante simples, porque os tempos não estão para festas, o vice-presidente da Cotrijuí, Arnaldo Oscar Drews, mais alguns diretores, representantes eleitos, associados e o pastor da comunidade deram por inaugurado mais uma loja e mercado da Cooperativa. A inauguração da 29ª loja e mercado da Cotrijuí aconteceu na localidade de Coronel Barros, distante uns 20 quilômetros de Ijuí, no dia 1º de fevereiro.

Como a inauguração foi bastante simples, os discursos também foram rápidos e naquela oportunidade, Arnaldo Drews fez questão de ressaltar que a instalação de mais uma loja e mercado da Cotrijuí, era o resultado de uma reivindicação muito antiga "e bastante insistente do pessoal da região". Colocando a loja e mercado à disposição dos associados e comunidade em geral, o vice-presidente da Cotrijuí, reforçou o compromisso que a Cooperativa tem de sempre estar ao lado do seu associado também na área de consumo, setor que vem assumindo e dando grande importância de uns tempos para cá.

JUNTO COM O ASSOCIADO

Para o diretor de Compras e Abastecimento da Cotrijuí, Valdir Zardin, toda a vez que se instala um novo mercado ou se faz alguma modificação ou ampliação num mercado antigo, a cooperativa está chegando cada vez mais perto do seu associado. "De uma maneira ou de outra, não só na área de grãos, mas também na área de consumo, a Cooperativa está procurando permanecer sempre junto ao associado".

Por outro lado, Zardin entende que a instalação de uma nova lo-



Sonia Veckaer: encurtando distâncias

ja e mercado pelo interior, onde tudo é bem mais difícil, é uma maneira de beneficiar o pequeno produtor e também proporcionar-lhes as mesmas comodidades de que dispõe o associado que tem condições de ir até a cidade fazer as suas compras. "E ao mesmo tempo, com a loja em Coronel Barros, estaremos desafogando um pouco, o mercado e loja aqui da sede, enquanto que aqueles associados que não podem vir toda a semana a Ijuí, estarão deixando de comprometer parte de seus ganhos com os bolicheiros".

A COOPERATIVA JUNTO ÀS BASES

A grande vantagem da instalação do mercado em Coronel Barros, para a dona Sonia Fries Veckaer é o encurtamento das distâncias. Morando em Rincão dos Pampas, divisa entre Coronel Barros e Augusto Pestana, dona Sonia diz que de agora em diante precisa andar só 9 quilômetros para fazer suas compras. "Antes eu tinha de ir até Ijuí, que ficava bem mais longe de casa e com o preço da gasolina, não dava



Valdemar Michael: junto às bases



Homero Ziemer: depende do associado

para ir tão seguido".

O seu Valdemar Michael, representante eleito por Coronel Barros, garante que o mercado na comunidade é mais um marco da presença da Cooperativa junto às suas bases, que são os associados. "Dessa maneira, a Cooperativa está somando pontos junto aos seus associados, já que o mercado era uma antiga reivindicação, que só não foi concretizado antes devido a proxi-

midade de Ijuí, e por causa dos investimentos. Mas já não estava dando mais para adiar a instalação do mercado". Segundo o seu Michael, agora só resta o associado dar a sua contribuição, "para que a Cooperativa sinta a necessidade de implantar na comunidade um outro tipo de prestação de serviço, como a construção de um graneliro, por exemplo, também uma reivindicação bem antiga". Também o seu Homero Ziemer acha que tudo agora vai depender da colaboração do associado. "Já conseguimos uma loja e mercado, agora, quem sabe, com o tempo, a Cotrijuí até instale por aqui escritórios para atender liquidação de safras, assistência técnica. . .

Para seu Homero, a instalação da loja e mercado é apenas um primeiro passo, "é o início de um trabalho efetivo da Cooperativa junto a Coronel Barros" e também uma medida de economia, já que o associado não precisa ir a Ijuí, toda a vez que quiser fazer seu rancho, ou então comprar algum medicamento para a criação.

A META AGORA É OUTRA

Depois da instalação da loja e mercado em Coronel Barros, a meta da Diretoria de Compras e Abastecimento para a Região Pioneira é fazer remodelações e ampliações em mercados já existentes e que estejam ficando pequenos demais e ainda buscar a eficiência dentro do próprio setor. "Nosso objetivo maior agora é dar prioridade para a questão da qualidade, da eficiência no atendimento, profissionalizando o pessoal envolvido no setor e no aspecto físico, ampliando e remodelando mercados que já estejam pequenos demais", explica Valdir Zardin.

Contou a opinião do associado

Num prédio de madeira, alugado, onde funcionava o salão de festas da comunidade de Coronel Barros, foi instalada a 29ª loja e mercado da Cotrijuí, atendendo a uma antiga reivindicação do pessoal daquela localidade.

Seis funcionários — todos da própria comunidade — e mais o Hélio Basso, gerente, são os responsáveis pelo atendimento da loja e mercado que ocupa 200 metros quadrados do prédio. Todos os funcionários, e isso quem garante é o Hélio, são pessoas altamente capacitadas, que estiveram por alguns meses fazendo estágios em todos os setores de consumo da loja e mercado da Cotrijuí sede.

COMPRAS TAMBÉM PELO BALCÃO

Uma das novidades do mercado e loja de Coronel Barros, se comparado com as demais, é que nem toda a compra poderá ser feita através do auto-atendimento, quando a pessoa vai às prateleiras, escolhe a mercadoria, passa no caixa e efetua o pagamento. "Compras no setor de ferragens e produtos veterinários, explica o Hélio, terão de ser feitas através

do balcão". O Santo Desordi, Coordenador de Compras e Vendas da Unidade de Ijuí, explica essa modificação, dizendo que a experiência tem mostrado que o associado gosta de ser atendido, de receber maiores informações sobre o que está

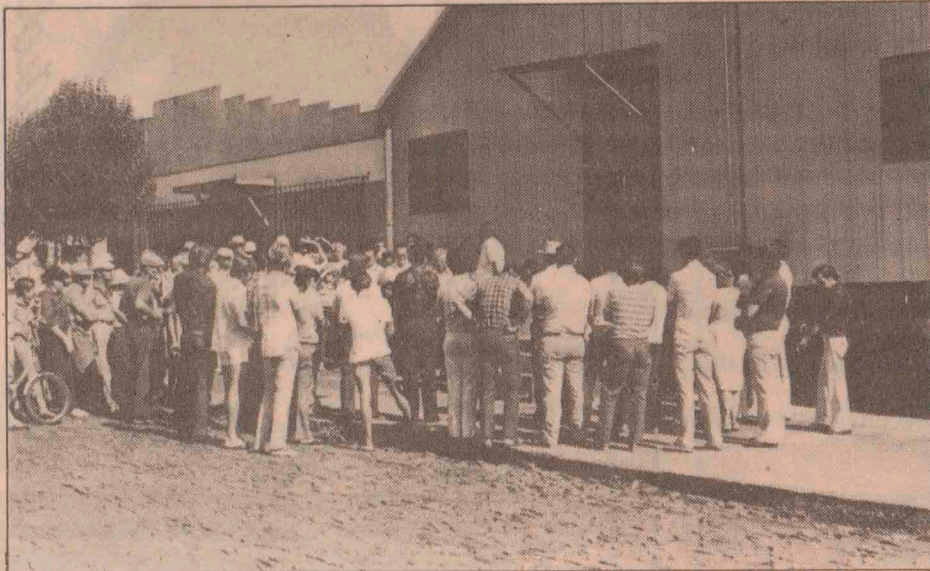
comprando. "O balcão aproxima o vendedor do comprador e ele sai dali com informações do produto que está levando. Não é a mesma coisa do que simplesmente passar na prateleira e pegar o produto. O associado gosta de saber o que está levando", diz o Santo.

do", diz o Santo.

Uma outra novidade, principalmente para o mercado foi a introdução de gôndolas com cinco prateleiras. "Só assim, teremos um espaço físico bem maior e onde poderemos colocar uma quantidade ainda maior de mercadorias em exposição", comenta o Hélio Basso.

CONTOU A OPINIÃO DO ASSOCIADO

Para a instalação da loja e mercado em Coronel Barros, foi levado em conta a opinião da comunidade. "Procuramos levar mercadorias, tanto para o mercado como para a loja — tecidos, calçados, eletrodomésticos — que se adaptassem para a localidade e que tivessem saída. São mercadorias que rodam e não ficam em estoque", comenta o Santo Desordi. Para que se chegasse a tal consenso, principalmente no que se refere às mercadorias da loja, a participação do associado contou em muito e produtos supérfluos foram deixados de lado. "O associado, durante a pesquisa, optou por mercadorias básicas", diz ainda o Santo Desordi.



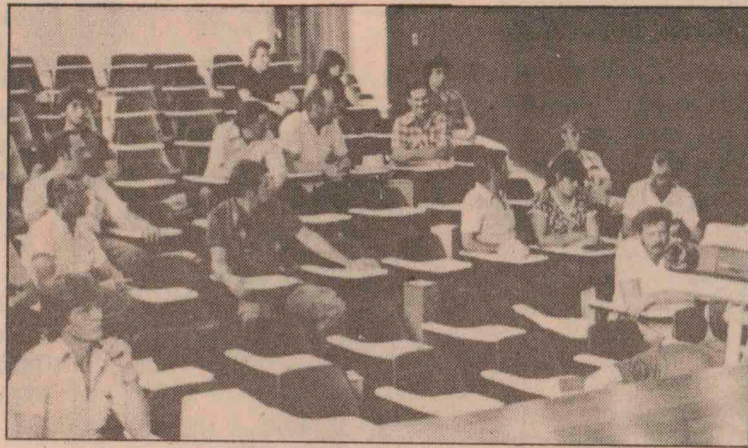
Com uma solenidade simples, o novo mercado foi entregue à comunidade de Coronel Barros

As normas para o peixe

Como acontece todos os anos bem nesta época, mais uma vez associados ligados a criação de peixes, estiveram reunidos com o pessoal dos departamentos de comercialização e técnicos, para definir as normas de comercialização de peixe a vigorar durante a Semana Santa.

Levando em conta a exigência do consumidor, que não gosta de comprar peixe pequeno demais, ficou definida durante a reunião, duas classificações de acordo com a espécie e o peso do peixe. Na classe 1, ficam incluídas as traíras e as carpas, que apresentarem um peso mínimo de um quilo e os jundiás e as nilóticas, com peso em torno de 500 gramas. Na classe 2, estão incluídos os peixes carpas e traíras, com peso mínimo de 800 gramas. "Tendo em vista as exigências do consumidor, a cooperativa só receberá peixes com pesos iguais ou superiores aos estabelecidos durante a reunião", alerta o Nilo Rubem Leal da Silva, engenheiro florestal do departamento Técnico da Cotrijuí.

Também ficou estabelecido que os produtores deverão entregar os peixes com as escamas e as guelras. O transporte deverá ser feito através de caixas de conservação apropriadas, para que não haja nenhum risco de que os peixes se estraguem pelo caminho.



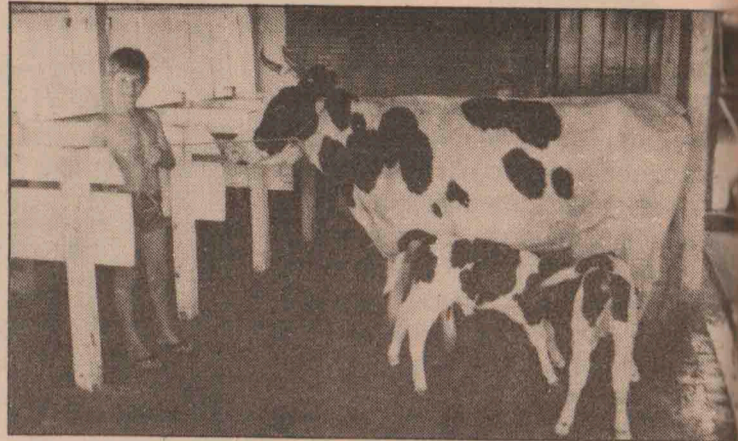
TEMPO DE ENTREGA

Ficou acertado ainda que a entrega de peixes deverá ocorrer no período de 29 de março até às 18 horas do dia 7 de abril, no mercado de Ijuí. Os associados que não participaram da reunião e que portanto não definiram as suas datas de entrega, poderão entrar em contato com o departamento técnico ou mesmo o de comercialização da sede, para acertarem direitinho esse detalhe, tendo em vista que o mercado consumidor de Ijuí e demais municípios da Região Pioneira tem condições de absorver apenas uns oito ou nove mil quilos, no máximo, de peixes. Aliás, quantia esta que ficou suprida pelos associados presentes a reunião do dia 19 de fevereiro. Segundo o Nilo, esses associados que não participaram da reunião, precisam entrar em contato com a cooperativa o mais depressa possível, para verificarem da possibilidade de entregarem ou não a sua produção.

O PREÇO

Pelo peixe enquadrado na classe 1, o produtor receberá Cr\$ 230,00 pelo quilo e Cr\$ 200,00 pelo peixe da classe 2. Para evitar tanta ida e vinda do associado até a Cooperativa, ficou acertado que o pagamento será feito em apenas uma parcela, a ser pago por ocasião da última entrega de peixes.

Os gêmeos da "Pitanga"

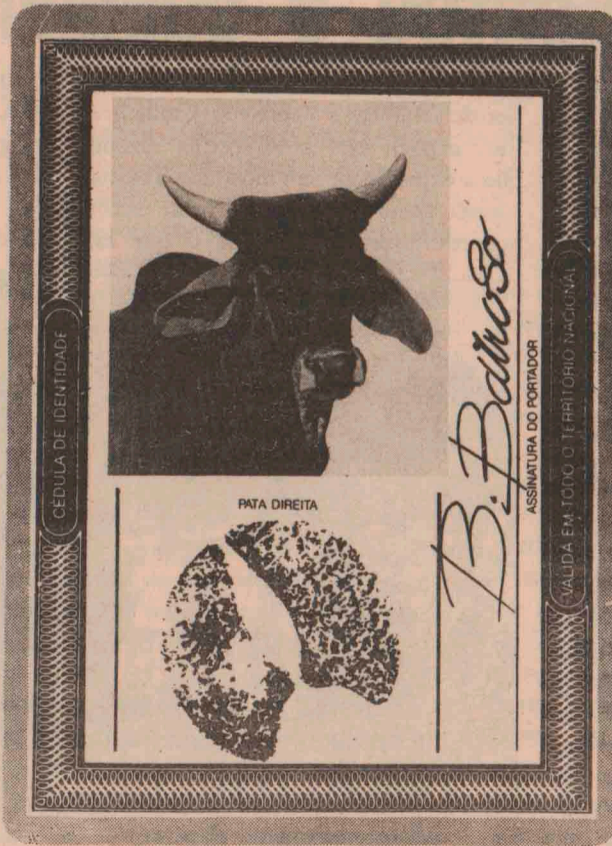


Qual não foi a surpresa do seu Silvino Porazzi, morador da Linha 11, Ijuí, mas associado na Unidade de Ajuricaba, quando percebeu que a sua vaca holandesa pura por cruz, mais conhecida por "Pitanga", estava tendo gêmeos pela segunda vez, agora duas ternas muito lindas que estão se criando loucas de sadia. O fato não teria causado tanta estranheza no seu Silvino, se a "Pitanga" estivesse tendo gêmeos pela primeira vez, mas

aquela já era a segunda cria de gêmeos. Na primeira cria a "Pitanga" teve dois ternos machos.

Com apenas cinco anos de idade a vaca do seu Silvino já teve seis ternos, em apenas quatro crias. Pode se dizer com isso, que a "Pitanga" é uma das poucas vacas que tem mais filhos que a sua própria idade. E todas as crias de "Pitanga", foram frutos de inseminação artificial.

Brasileiro, solteiro, vacinado.



As Vacinas Irfa imunizam os rebanhos contra a febre aftosa, garantindo saúde aos animais e maiores lucros ao criador. É um produto totalmente gaúcho, com a qualidade e eficiência Irfa. Prestígio o que é nosso.

irfa
Vacinas Irfa
Instituto Riograndense
de Febre Aftosa

SINDICATO DOS TRABALHADORES RURAIS DE IJUÍ

EDITAL DE CONVOCAÇÃO

Pelo presente Edital ficam convocados todos os associados deste Sindicato, quites e em pleno gozo dos seus direitos Sindicais, para a ASSEMBLÉIA GERAL ORDINÁRIA a realizar-se no próximo dia 12 (doze) de março de 1982, às 13,00 (treze) horas em 1a. (primeira) convocação, ou às 14,00 (catorze) horas em segunda (2a.) e última convocação com qualquer número de associados presentes. Local - Sede do Sindicato dos Metalúrgicos de Ijuí, sita à rua Dr. Pestana, número 351, nesta Cidade de Ijuí/RS.

ORDEM DO DIA

- 1º - Leitura, discussão e votação das Atas das Assembléias realizadas no dia 30 de outubro de 1981;
 - 2º - Leitura, discussão e votação do Balanço do Exercício de 1981, relatório da Diretoria e Parecer do Conselho Fiscal;
 - 3º - Ratificação de admissão de funcionários e fixação de ordenado dos mesmos;
 - 4º - Assuntos Gerais.
- De acordo com o Estatuto a votação será procedida pelo sistema de voto secreto.

IJUÍ/RS, 24 de fevereiro de 1982

Carlos Karlinski

Presidente do Sindicato dos Trab. Rurais de Ijuí

Plantio direto no dia de campo

Na hora de fazer as contas, o que compensa mais: o plantio convencional ou o plantio direto? As respostas variam de produtor pra produtor, e foi isso o que constataram os participantes de um dia de campo no Centro de Treinamento da Cotrijuí, em Augusto Pestana. O encontro reuniu uns 40 produtores e técnicos da Cooperativa, dia 19 de fevereiro, para debater exatamente em torno do plantio direto.

Primeiro, o pessoal participou de uma reunião, para troca de idéias, quando o técnico agrícola Altamir Antonini falou das conclusões existentes até

agora sobre este sistema de plantio. Ele lembrou que o sistema existe há cerca de 50 anos, mas tem uns 20 de implantação no Brasil. No sul, o Estado do Paraná, que teve 130 mil hectares de lavoura com plantio direto em 81, é o que mais utiliza o sistema.

As vantagens que ele oferece já são mais ou menos conhecidas: reduz os custos, quanto a operações (movimento de máquinas), mas aumenta as despesas na hora de se aplicar herbicidas, em função da maior incidência de ervas daninhas. O técnico Luís Juliani, que falou dos custos, ressaltou bem esses aspectos, mostrando que, fazen-

do uma comparação, o plantio direto quase que empata em despesas com o convencional.

Mas todos concordaram num ponto, durante a reunião e, depois, quando da visita às lavouras do CTC: esse sistema tem a grande vantagem de ajudar na conservação e recuperação do solo. É claro que, por causa das máquinas que exige e outros fatores, ele não pode ser utilizado por todos os produtores, e nem é recomendado para toda a propriedade. Antes de tudo como disse o Altamir, é preciso conhecer bem o sistema, avaliar suas vantagens e problemas, e escolher as áreas adequadas.



A visita dos moçambicanos

Margarida Martins, diretora Nacional Adjunta de Economia Agrária, Ana Margarida de Souza, diretora Nacional de Recursos Humanos, e Paulo Muianga, diretor das Agro-Indústrias, todos ligados ao Mi-

nistério da Agricultura da República de Moçambique, na África do Sul, passaram um dia e meio em Ijuí. A convite do Itamaraty, os moçambicanos estiveram visitando a Cotrijuí, a CCGL, a Cotridata

e a Fidene.

A visita do pessoal de Moçambique era mais para conhecer a tecnologia de produção desenvolvida na região, organização da Cooperativa, sistema educacional e tomarem pé do desenvolvimento da agro-indústria.

Na Cotrijuí, além de ouvirem o presidente Ruben Ilgenfritz da Silva e o diretor de Comunicação e Recursos Humanos, Rui Polidoro Pinto contarem um pouco da história da Cooperativa, sua organização, estrutura de funcionamento, área de ação, os moçambicanos ainda visitaram algumas lavouras experimentais no CTC, em Augusto Pestana.



Visita para ver a tecnologia de produção

Silagem: escapando da seca com puxirão



Os produtores que decidiram formar grupos, para realização de silagem de milho em conjunto, conseguiram escapar da seca de janeiro. Os puchirões, estimulados pelo departamento técnico da Cotrijuí — como forma de reduzir custos e reaproximar os agricultores — têm entusiasmado o pessoal, e o técnico Pedro Pitol já anuncia que mais um grupo está em formação, na Linha 8 Oeste, em Ijuí.

No dia 21 de janeiro, os produtores de Coronel Barros (foto) andavam apressados para concluir a quinta silagem do grupo daquela localidade, na propriedade de Othomar Fegler. Dias depois, eles realizaram o mesmo trabalho na propriedade do seu

Adolfo Gutknecht, quando a estiagem já começava a castigar o milho. Mesmo que o produto já estivesse meio seco, seu Adolfo conseguiu garantir parte da alimentação necessária para o gado de leite no inverno.

Além desses dois produtores, outros seis participam do grupo de Coronel Barros: Alberto Fegler, Sady Reimann, Oldemar Heberle, Ari Niremberg, Édio Romeu Krug e Waldemar Michael. O seu Waldemar é o mais experiente de todos nesse tipo de silagem, que guarda o milho triturado, com palha e tudo, em trincheiras abertas no solo. Há três anos ele faz essa lida, que parece bem simples mas tem seus segredos.

AMARELÃO!



Observe a sua soja atentamente. Ela pode estar com amarelão pelo uso de um herbicida pouco seletivo. Agora compare-a com aquele talhão onde você usou DUAL. Você poderá notar a diferença. Onde passou DUAL a soja cresce forte e bonita, as folhas de cor verde escuro, a produção abundante. É que DUAL é o herbicida de superfície realmente seletivo para soja, mesmo usado no dobro de sua dosagem. Da próxima vez, pense em segurança, use DUAL na área toda.

Dual, a opção que faltou ao Agricultor Brasileiro nos últimos 10 anos.

CIBA-GEIGY
DIV. AGROQUÍMICA

Dual, o herbicida para soja.

Ensinando a costurar



O encerramento do curso em Marmeleiro

Bem no final do ano passado, mais dois cursos de Corte e Costura para Senhoras e Filhas de Associados foram concluídos. Os dois cursos realizados em Augusto Pestana foram ministrados pela professora Liane Ketzer.

Um dos cursos aconteceu no núcleo da Linha Progresso, quando foram dados cerca de 130 horas/aulas, entre práticas e teóricas. O encerramento do Curso aconteceu de forma simples, contando com a presença apenas das participantes e professora. Na oportunidade, foram colocadas em exposição todos os trabalhos realizados pelas alunas durante o desenvolvimento do Curso. Cada participante confeccionou em média

10 peças de roupas, entre vestidos, saias, blusas, roupas de nenê. . .

Concluíram os cursos de Corte e Costura da Linha Progresso, Alice Matte, Clarisse Possel, Irini Matte, Ivoni Kuhn, Loreni B. Rhode, Maria Dolores Posselt, Marisa Reisdorfer, Marlene Jantsch, Mirian Friske, Nair Bruisma, Lori Bruisma, Neli Bauer e Zenir Posselt.

No núcleo de Marmeleiro, onde foi desenvolvido um outro, 23 participantes concluíram o curso que teve uma duração de 140 horas/aulas. As alunas foram as seguintes: Adilse T. Rohenkol, Clair Steiernagel, Elizabete Maehler, Elci Maria Kerber, Elégia Wendt, Gládis Heisler, Irena Voigt, Janice

Pletsch, Jurema dos Santos Pereira, Loreni Kern, Lili Haas, Lisete Gerhke, Maria L. Maehler, Marlene Reisdorfer, Nelci Schmalz, Nelci Führ, Onorina Wunder, Soeli Heisler, Sueli Griesang, Terezinha Escher, Walli Rech, Wilma Schmalz e Rosane Bruisma.

O encerramento do Curso aconteceu no salão da comunidade no início de dezembro do ano passado e contou com a participação das alunas, seus familiares, amigos, vizinhos, da professora Liane Ketzer, de Iolanda Teixeira e Nelson Thesing do Setor de Comunicação da unidade de Augusto Pestana, do gerente daquela unidade, Geraldo Schorn e ainda da Coordenadora da Área Feminina de Comunicação, Noemi Huth. Na oportunidade estiveram em exposição 273 peças de roupas confeccionadas pelas participantes.

A IMPORTÂNCIA

Para a professora Liane Ketzer, a importância dos Cursos de

Corte e Costura está no fato de que as participantes ficam aptas a confeccionar qualquer peça de vestuário, tanto feminino como masculino. Os cursos desenvolvidos através de aulas práticas e teóricas, ensinam as participantes a moldar corretamente a peça a ser confeccionada, a tirar medidas exatas, e a escolher tecidos sempre de acordo com os modelos. "Também aproveitamos e orientamos as Senhoras no sentido do que vestir, quando e onde".

Por outro lado, as participantes adquirem noção de aproveitamento adequado dos tecidos e de algum material que sobra e fica guardado em casa. "Elas são orientadas de forma que possam aproveitar melhor retalhos de tecidos, confeccionando, por exemplo, pequenas peças ou então formando combinações com outros retalhos, bem como reformar roupas usadas, para que sejam melhor aproveitadas pela família", explica Liane.

Núcleo feminino em Ponte Seca

A exemplo de outras Unidades, que nem Vila Jôia, Augusto Pestana, Ijuí e Ajuricaba, também Santo Augusto começa a se preocupar com a organização da família do associado. A partir desta preocupação, o Departamento de Comunicação e Educação daquela Unidade, fundou no dia 28 de janeiro passado, o seu primeiro núcleo cooperativo de Senhoras e Filhas de Associados.

A criação do núcleo aconte-

ceu na localidade de Ponte Seca, interior de Santo Augusto e que contou com a participação de 30 pessoas, mais o representante eleito por Ponte Seca.

Na reunião de fundação do núcleo, foram levadas até as presentes os objetivos do trabalho de Comunicação e Educação junto as Senhoras e Filhas de Associados. Ao mesmo tempo foi feito um planejamento do trabalho a ser desenvolvido nas próximas reuniões.

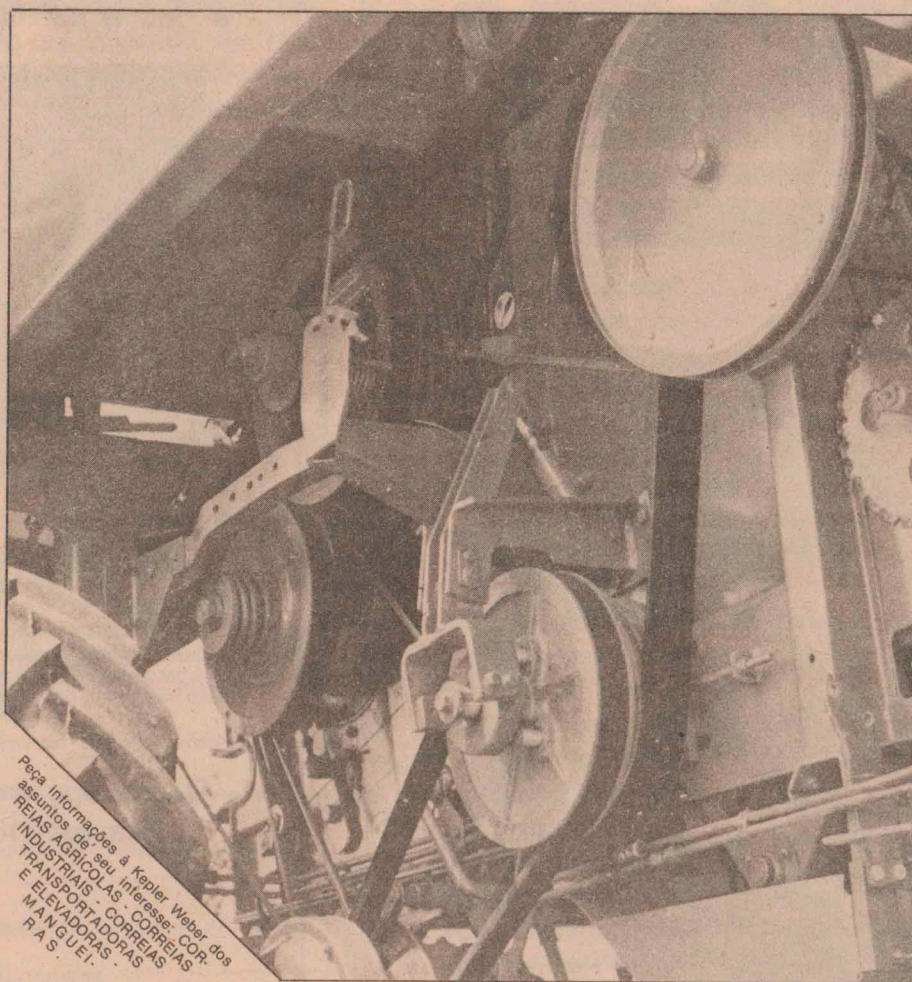


**COTRIEXPORT -
CORRETORA DE
SEGUROS LTDA.**

INVESTIMENTO EM
SEGURO, SEJA
INCÊNDIO, VEÍCULOS,
ROUBO, VIDA,
ACIDENTES PESSOAIS
E OUTROS,
REPRESENTA
TRANQUILIDADE
CONTRA AS
INCERTEZAS DO
DIA-A-DIA.

A COTRIJUÍ ATRAVÉS
DE SUA CORRETORA
DE SEGUROS, PRESTA
TODAS AS
INFORMAÇÕES E
ASSISTÊNCIA
TÉCNICA.

Em Ijuí: Rua das Chácaras
1513 - fone 332-1914
ou 332-2440 ramal 364
Em Porto Alegre: Av.
Júlio de Castilhos, 342
5º andar - fone 33-50-32



Peça informações à Kepler Weber dos
assuntos de seu interesse: COR-
REIAS AGRÍCOLAS - CORREIAS
INDUSTRIAIS - CORREIAS
TRANSPORTADORAS
ELEVADORAS
E MANUSEIO
P.A.S.

Na hora da colheita, Kepler Weber e Gates não deixam você na mão.

Afinal, o seu trabalho (e o seu dinheiro) está em jogo. Por isso, a Kepler Weber faz questão de estar ao seu lado, através da distribuição das correias Gates para colhedoras.

São correias desenvolvidas especificamente para uso agrícola, onde sofrem severas condições de intempéries e grandes exigências impostas pelas transmissões. Confie na Kepler Weber. Ela coloca os produtos Gates à sua disposição, para pronta entrega.

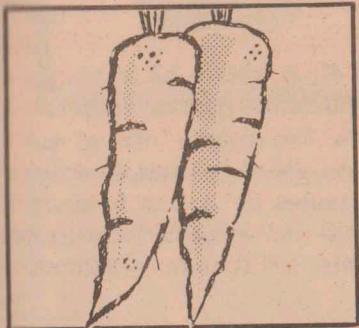


Kepler Weber S.A.
DEPTO. AGROCOMERCIAL

Rua Herrmann Meyer, 43 - Cx. Postal 2 - Fones 2 e 32
(055) 322-2194 - End. Telegr. "KEPLERSA"
Telex 0552349 KEWE BR - CEP 98280 Panambi - RS

O seu distribuidor  Gates do Brasil S.A.

A LAVOURA NO MÊS



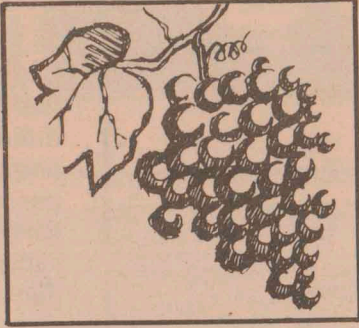
HORTA DOMÉSTICA

O mês de março é muito importante para quem deseja cultivar uma horta de fundo de quintal, pois é bem nesta época do ano (veja calendário da edição passada) que pode ser feita a semeadura da maior parte das hortaliças. Grande parte das hortaliças, como a couve, a alface, a beterraba, a cenoura, o repolho e tantas outras, apresentam seu cultivo preferencial durante o outono, inverno e primavera.

Para que as hortaliças tenham um bom desenvolvimento seguido de um rendimento satisfatório, é fundamental que o solo esteja muito bem preparado. Para tanto, se faz necessário aplicação de adubo orgânico na razão de 4 a 5 quilos por metro quadrado, o que vem dar uma grande contribuição na hora da produção. Uma recomendação do Departamento Técnico é no sentido de que o pessoal cuide a aplicação do esterco. Se o esterco não estiver bem curtido, além de não ser eficiente, ainda pode infestar os canteiros das hortaliças com insetos.

A complementação da fertilidade do solo, pode muito bem ser feito com adubo químico — inorgânico — que também beneficia a produção. A recomendação do Departamento Técnico é a de que a aplicação fique em torno de 100 gramas por metro quadrado, de uma fórmula de baixa concentração.

As plantas que exigem transplante, como a alface, o repolho, a beterraba, o repolho e outras, devem ser semeadas inicialmente em canteiros ou caixas de madeiras, com terra bem preparada e sem torrões. A profundidade da semeadura não deve ser superior ao dobro do tamanho da semente.

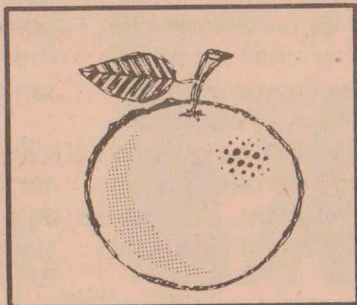


VIDEIRA

A boa produtividade apresentada pela maioria dos parreirais, incentiva o produtor a tratar esta cultura com mais cuidado para o próximo ano.

A manutenção da fertilidade do solo é um aspecto que o produtor não pode se descuidar nenhum pouco, se quiser repetir o sucesso com o seu parreiral.

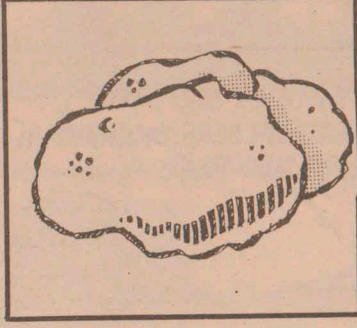
Neste período de após produção, além do cuidado com a fertilidade do solo, também deve se levar em conta a manutenção das condições favoráveis da parte aérea da cultura. Isto pode ser alcançado repetindo-se um ou dois tratamentos com fungicidas para manter a sanidade das folhas e ramos novos.



CITRUS-LARANJA

As mudas de citrus como também de qualquer outra espécie, tiveram o seu crescimento paralisado por causa da estiagem que se fez presente em toda a região. Com o reinício das chuvas, certamente, ainda ocorrerá um ciclo de desenvolvimento até que chegue o outono e depois o inverno.

Os citrus, principalmente as mudas de laranjeiras, nesta época do ano são frequentemente atacadas por pulgões. A recomendação técnica é a de que se faça o seu controle. Também as lagartas tem atacado bastante as mudas de citrus, comendo as folhas. O melhor controle para as lagartas é a catação manual.



BATATA

Estamos ainda no período em que a batata anda com um preço bastante baixo e isso termina por desestimular o produtor a fazer agora o plantio da safrinha. Acontece que na época de inverno, o preço normalmente sobe, porque o produto quase não existe. Esta deficiência pode muito bem ser suprida pela produção da safrinha, que apesar de não apresentar uma produtividade alta, sempre contribui para a manutenção de estoque para o consumo familiar.

A cooperativa não vai dispor de sementes para o fornecimento nesta época, mas como se trata de um

cultivo onde normalmente não se costuma adotar uma alta tecnologia, o produtor interessado em fazer a safrinha pode muito bem utilizar sementes de batatas comuns.



ALHO

Dando continuidade às observações publicadas no mês anterior, lembramos aos produtores que guardaram sementes em casa, que a observação para verificar a ocorrência de traças deve ser constante, para manter a boa qualidade da semente. O alho armazenado pode sofrer chochamento, também por outras causas, como ácaro, deficiência nutricional. Se o chochamento acontecer,

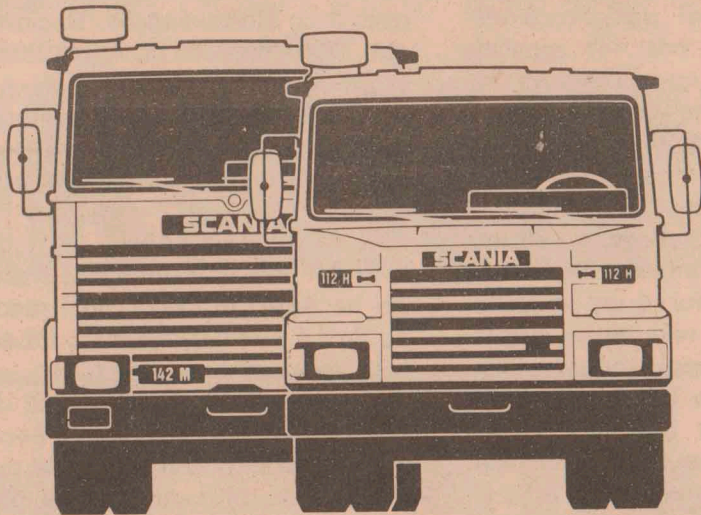
a medida mais correta é retirar logo em seguida algumas amostras de alho doentes e encaminhar ao Departamento Técnico para que sejam tomadas as providências necessárias.

Aos associados que já andam preocupados com a área em que irão plantar alho, é importante lembrar que vem se observando o plantio muito espaçado e portanto, com pouco aproveitamento do solo. A pesquisa indica que plantas mais próximas resultam em produtos de boa qualidade, por causa do melhor aproveitamento do adubo, maior eficiência na aplicação de defensivos, facilitando ainda os cuidados, já que a área se torna menor.

VENDE-SE

Uma colheitadeira Braud. Tratar com o proprietário, Alvaro Ruttilli, em Esquina São João, Coronel Bicaco.

CAMINHÕES PROGRAMADOS SCANIA

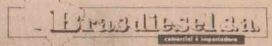


NA BRASDIESEL VOCÊ ENCONTRA OS CAMINHÕES FEITOS SOB MEDIDA PARA SUA CARGA, COM VANTAGENS SOB MEDIDA PARA VOCÊ.

A Scania sempre foi capaz de melhorar o que era ótimo. Sua tecnologia produz, entre outras coisas, motores a jato, computadores precisos e os caminhões mais testados e aprovados em todo mundo. Na Brasdiesel você vê de perto as vantagens que essa tecnologia trouxe para você. Os Caminhões Programados Scania. Programados para dar lucro ao transportador. Para durar muito. Com economia e versatilidade. A Brasdiesel tem condições de venda especialmente programadas para você. Conheça na Brasdiesel os caminhões feitos para sua carga. A Brasdiesel tem vantagens sob medida para você. Não perca.



CAXIAS — CARAZINHO — IJUÍ



MUITO PATRÃO, POUCO EMPREGADO

Se depender da movimentação que os produtores estão organizando, desta vez a nível nacional, o tal enquadramento sindical terá mudanças dentro de pouco tempo. A briga não é nova, mas agora é que vem ganhando força, com a adesão de agricultores de vários Estados. Eles pretendem decidir em conjunto as formas de pressão que deverão utilizar, para que o enquadramento não continue esvaziando cada vez mais os sindicatos que congregam pequenos proprietários e trabalhadores rurais. É tal lei do "patrão sem empregado" que volta a ser discutida.

O debate em torno do assunto ressurgiu no final do ano passado, quando o governo divulgou um novo projeto que pretende modificar as atuais normas de enquadramento sindical. Mas o documento, elaborado pelo Ministério do Trabalho, não ganhou a simpatia dos trabalhadores rurais, pois pouco iria alterar a situação. Os produtores querem fazer valer a idéia de que só pode ser empregado quem realmente tem empregado, para que possam continuar descontando a contribuição sindical em benefício de suas entidades, e não em favor das que congregam os patrões.

MÓDULO

Essa distorção existe desde 1969, quando se criou a figura do módulo rural, para fins de enquadramento, mas foi agravada mesmo em 71, com uma nova mudança na lei. Na região de soja e trigo, por exemplo, só é trabalhador rural quem tem menos de um módulo, ou seja 25 hectares, e explora a propriedade em regime de economia familiar. Com área igual ou superior a um módulo, e mesmo que não tenha empregados, o pequeno produtor é enquadrado como patrão. Em função disso, sua contribuição vai para o sindicato dos empregadores, e aí então começa o esvaziamento dos cofres das entidades

Patrão sem empregado é coisa que não existe, de acordo com a Organização Internacional do Trabalho, mas no Brasil esta figura está na legislação para o meio rural, desde 69. Antes, porém, nem tudo era tão esquisito assim. A partir de 1965, quando a portaria 71, do Ministério do Trabalho, disse o que era empregador e o que era trabalhador, o sindicalismo cresceu bastante, pois essa história de patrão "inventado" ainda não existia.

Em 69, no entanto, veio o decreto-lei 789, que criou o módu-



dos minifundiários e trabalhadores assalariados.

Dados levantados pelas federações mostram que, apesar da estrutura fundiária brasileira não ter sido muito alterada, entre 1970 e 1980 os sindicatos de trabalhadores rurais perderam uma boa soma dos recursos que arrecadavam como contribuição. Nesse período, aliás, houve até uma inversão na situação: a CONTAG, que é a Confederação Nacional dos Trabalhadores na Agricultura, e que em 70 arrecadava mais que a CNA (Confederação Nacional da Agricultura), entidade nacional dos empregadores, hoje arrecada menos.

DESUMANO

A Federação dos Trabalhadores na Agricultura do Rio Grande do Sul, a FETAG, fez mais um debate sobre o enquadramento, no dia 3 de fevereiro, em função do novo projeto do governo, e encaminhou ofícios com apelos a políticos e autoridades. Nesses ofícios, a entidade relaciona tudo o

que aconteceu a partir de 69, quando surge a figura do módulo, e afirma que o enquadramento é "injusto e desumano", por criar um "empregador por ficção", ou seja, um patrão que não existe.

A FETAG ressalta ainda que as distorções não implicam apenas no esvaziamento financeiro dos sindicatos dos trabalhadores rurais, mas transferem para outra entidade — no caso a dos empregadores — a filiação de produtores que pouco têm a ver com as aspirações e as condições de vida dos grandes proprietários. Para a federação, tudo é apenas uma questão de justiça, mesmo porque as autoridades devem respeitar, pelo menos, o direito à "autenticidade de representação".

PROJETO

Da troca de idéias sobre possíveis mudanças, já resultou até uma sugestão de projeto de lei, que a FETAG entregou, no dia 16 de fevereiro, em Brasília, ao ministro do Trabalho, Murilo Macedo. O presidente da federação,

Orgênio Rott, esteve na audiência com o ministro, quando o enquadramento foi tratado não só em nome dos gaúchos, mas também por dirigentes de outros Estados, em defesa de trabalhadores que igualmente se sentem prejudicados.

A principal sugestão da FETAG cria o direito à opção, por parte do pequeno produtor. A entidade propõe que o critério de enquadramento, através do módulo, seja alterado. Assim, o agricultor que trabalha em regime de economia familiar, e tem área igual ou inferior a dois módulos, seria considerado trabalhador. Também será enquadrado da mesma forma, de acordo com a sugestão, quem mantém suas atividades nas mesmas condições (sem empregado) e, apesar de ter mais de dois módulos, optar pela condição de trabalhador rural, e não de empregador.

ENCONTROS

Segundo Orgênio Rott, não houve, por parte do Ministério, nenhuma resposta à sugestão. Mas de 9 a 11 de março, a FETAG realizará um encontro estadual, em Viamão, para avaliação das lutas dos produtores em 81 e programação das prioridades para 82. Nesse encontro, o enquadramento deverá ser novamente discutido, e Rott prevê a inclusão das reivindicações entre as mais importantes deste ano, junto com a Previdência Social e a questão da terra.

E no final de março, em Brasília, um encontro nacional das federações talvez defina as formas de pressão, para que o enquadramento seja finalmente alterado. Rott lembra que cada região tem seus problemas, e cita o exemplo dos trabalhadores que cortam cana, no Nordeste. Eles são trabalhadores rurais, mas estão sendo meio que obrigados a se filiarem aos sindicatos da área da alimentação, que congregam operários urbanos, da cidade.

As mudanças, sempre para pior

lo rural. Quem tinha, então, área de "até um módulo", era trabalhador, e quem tinha mais era empregador. O decreto tem um item que os pequenos produtores consideram uma "aberração", segundo a FETAG, pois diz que, mesmo trabalhando em regime de economia familiar (só com a família), quem tem mais de um módulo já é empregador.

Em 71, outro decreto-lei, com o número 1.116, piora a situação. Este decreto diz que só será trabalhador quem tiver área "inferior" ao módulo. Na região

da soja e trigo, passou a ser empregador todo o produtor que tivesse área igual ou superior a 25 hectares. Vale lembrar que nessa região as colônias tinham 25 hectares, e que muitas áreas se mantêm com essa dimensão. Os pequenos proprietários foram, portanto, atingidos em cheio com a mudança.

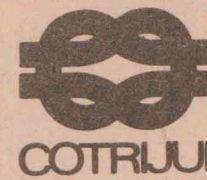
Agora, o Ministério do Trabalho quer dar outra mexida na lei, mas sem mudar muita coisa, segundo a FETAG. Para a federação, a coisa é tão absurda, que em abril de 1980 a Previdência Social deci-

diu deixar de lado a figura do módulo, para enquadramento previdenciário, pois o critério era o mesmo do enquadramento sindical. A Previdência aceitou o argumento de que não existe patrão sem empregado.

O absurdo está no fato de que, hoje, o pequeno produtor é enquadrado como trabalhador rural, na hora de descontar para a Previdência, e de repente se transforma em empregador, no momento de se filiar a sindicatos. De um lado, ele é trabalhador, e de outro ele é patrão, sem ter nenhuma culpa de toda essa confusão.

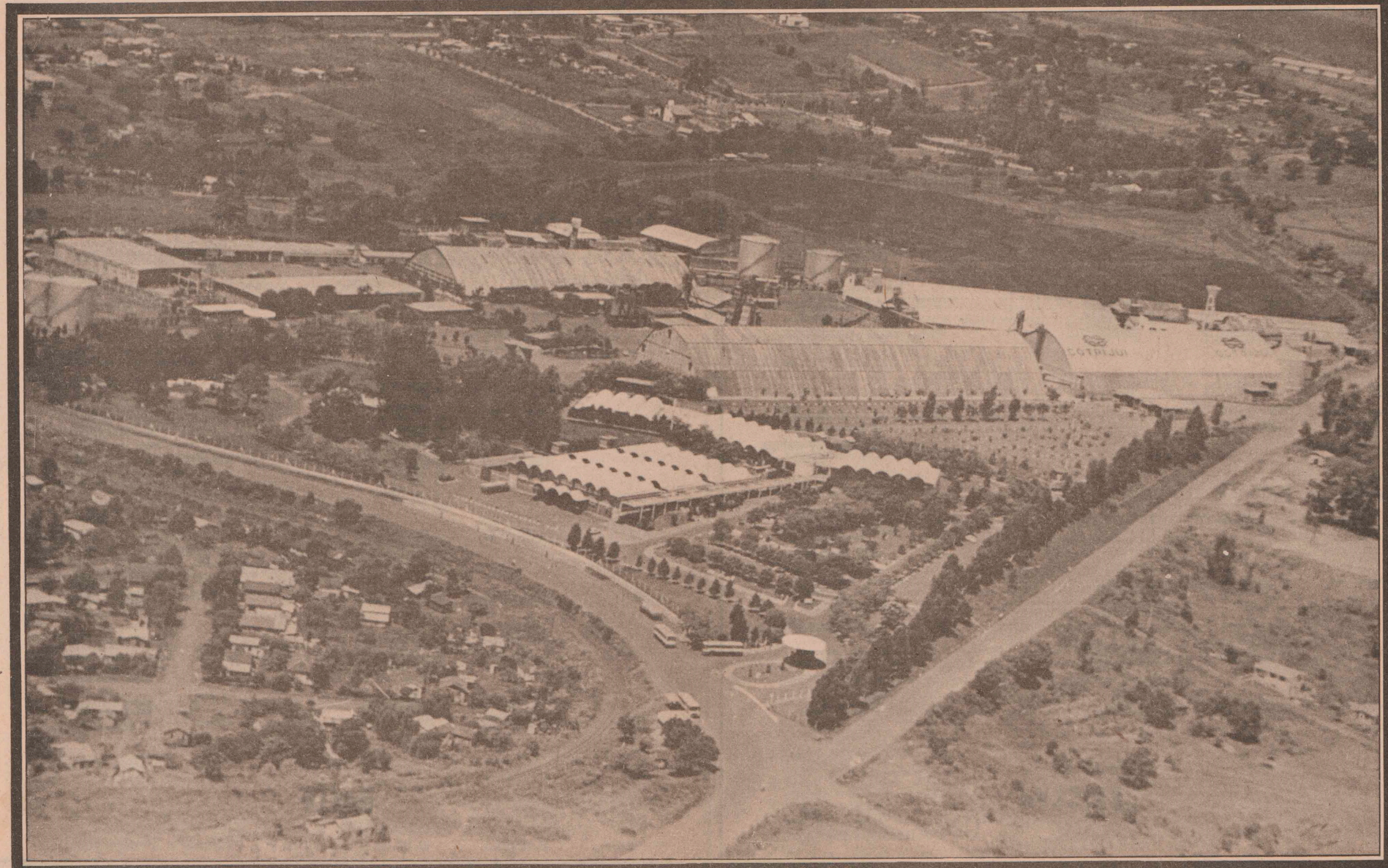
Caderno de Balanço

EXERCÍCIO ENCERRADO EM 31/12/81



COTRIJUI

COOPERATIVA REGIONAL TRITÍCOLA SERRANA LTDA.



ATIVO

CIRCULANTE

Disponibilidades

Bens Numerários	37.586.788,60		
Depósitos Bancários à vista	<u>799.986.789,91</u>	837.573.578,51	

Clientes

Duplicatas a receber	2.046.963.887,05		
Títulos Descontados	(960.574.456,97)		
Provisão para Crédito Liquidação Duvidosa	(18.476.588,28)		
Clientes no Exterior	<u>626.266.539,89</u>	1.694.179.381,69	

Associados

Conta Particular	439.029.053,11		
Conta Financiamento - Ração e Leite	14.244.956,70		
Conta Financiamento - Lavoura	<u>1.744.257.389,60</u>		
Conta Financiamento - Investimento	39.761.161,10		
Conta Financiamento - Assistência Médica	14.981.530,88		
Conta Promissórias a Receber	353.026.229,12		
Notas Promissórias-Sacaria	11.982.880,29		
Notas Promissórias-Insumos	<u>430.117.162,17</u>	3.047.400.362,97	

Outros Créditos

Representantes no Exterior	24.220.586,09		
Antecipação a Fornecedores	74.802.427,35		
Cheques em Cobrança	6.447.523,28		
Adiantamento de Viagem	1.259.456,33		
Créditos Funcionários	46.245.595,40		
Créditos com Cooperativas Centrais	42.550.803,67		
Créditos de Armazenagem	5.063.922,78		
Créditos Fiscais	11.696.002,84		
Créditos Recuperáveis Pacal	154.473.352,88		
Créditos com Subsidiárias ou Coligadas	80.873.779,45		
Outros Créditos	<u>136.688.228,52</u>	584.321.678,59	

Estoques (Nota 2.)

.....	<u>6.252.222.533,98</u>	6.252.222.533,98	
-------	-------------------------	------------------	--

Despesas Exercício Seguinte

Despesas Diferidas		<u>1.033.986.133,48</u>	13.449.683.669,22
--------------------------	--	-------------------------	-------------------

REALIZÁVEL A LONGO PRAZO

Associados

Conta Financiamento Investimento	249.265.268,18		
Conta Promissória Capitalização	<u>217.854.234,55</u>	467.119.502,73	

Outros Créditos

Investimentos a Realizar		<u>57.717.355,56</u>	524.836.858,29
--------------------------------	--	----------------------	----------------

PERMANENTE

Investimentos

Participação Empresas Subsidiárias (Nota 3.)	369.992.753,84		
Participação Cooperativas Centrais	328.690.373,05		
Outras Participações	86.007.078,96		
Participação p/Investimentos Fiscais	<u>6.628.744,80</u>	791.318.950,65	

Imobilizado (Nota 4.)

Valor Histórico Corrigido	11.548.826.709,27		
Depreciação Acumulada	(2.306.262.615,88)		
		9.242.564.093,39	

Diferido

Despesas Prê Operacionais	249.060.152,24		
Benefitorias em Prédios de Terceiros	6.208.637,05		
Amortização Acumulada	(979.882,00)		
		<u>254.288.907,29</u>	<u>10.288.171.951,33</u>

TOTAL DO ATIVO 24.262.692.478,84

PASSIVO

CIRCULANTE

Associados

Contas Safras a liquidar	983.599.922,68		
Contas Disposição	<u>381.795,39</u>	983.981.718,07	

Débitos de Financiamentos

Financiamentos (Nota 5.)	10.382.508.674,57		
Contratos de Cambio	<u>4.930.071.395,74</u>	15.312.580.070,31	

Obrigações Sociais e Tributárias

Obrigações Tributárias	202.013.121,11		
Obrigações Sociais	85.893.274,30		
Obrigações com Pessoal	74.940.091,40		
Obrigações Diversas	<u>443.314.658,02</u>	806.161.144,83	

Outros Débitos

Títulos a Pagar	179.215.500,00		
Fornecedores	1.196.978.557,78		
Empresas Subsidiárias ou Coligadas	177.144.316,56		
Provisão para Imposto de Renda	<u>1.418.258,00</u>	1.554.756.632,34	

Receitas Exercício Seguinte

		<u>295.152.196,34</u>	18.952.631.761,89
--	--	-----------------------	-------------------

EXIGÍVEL A LONGO PRAZO

Financiamentos (Nota 5.)	1.218.830.165,99		
Associados Capital a Restituir	3.476.575,67		
Financiamento Telefonia Rural	<u>11.133.996,00</u>	1.233.440.737,66	

PATRIMÔNIO LÍQUIDO

Capital Social (Nota 6.)

Subscrito	1.535.205.730,88		
A Realizar	(544.740.332,65)		
Realizado por Financiamento	<u>217.854.234,55</u>	1.208.319.632,78	

Reserva de Sobras

Fundo de Reserva	150.081.969,95		
Fundo desenvolvimento Econômico	214.680.380,63		
Fundo de Assistência Técnica Educacional e Social	<u>34.869.082,11</u>	399.631.432,69	

Reserva de Capital

Correção Monetária do Ativo	1.000.235.810,23		
Correção Monetária do Capital	829.693.271,94		
Sobra Inflacionária a Realizar	<u>563.551.211,67</u>	2.393.480.293,84	4.001.431.359,31

Sobra a Disposição da A.G.O. 75.188.619,98

TOTAL DO PASSIVO 24.262.692.478,84

IJUI (RS), 31 de dezembro de 1981.

Ruben Ilgenfritz da Silva
 Presidente
 CPF 056268970-20

Arnaldo Oscar Drews
 Vice-Presidente
 CPF 028619400-34

Clovis Adriano Farina
 Superintendente
 CPF 010133350-15

Carlos Gilberto Krause
 CRC-RS 31357- CPF 093483010-04
 Técnico Contábil

DEMONSTRATIVO DE SOBRAS E PERDAS - 31.12.81

1.- REGIÃO PIONEIRA

1.1.- Trigo Industria

Vendas ao Banco do Brasil	2.905.093.760,45		
Vendas de Resíduos	2.092.317,82		
Armazenagem	13.186.000,00		
Receitas de Custeio e secagem	<u>56.757.480,81</u>	2.977.129.559,08	
Custo de Vendas	2.859.587.319,74		
Custo de Armazenagem	2.973.024,67		
Despesas Indiretas	227.021.399,51		
Sobra Inflacionária Realizada	<u>(115.574.008,91)</u>	<u>2.974.007.735,01</u>	3.121.824,07

1.2.- Semente de Trigo

Vendas	<u>247.879.414,04</u>	247.879.414,04	
Custo de Vendas	219.187.751,86		
Despesas de Vendas	14.882.681,99		
Despesas Indiretas	27.346.104,92		
Sobra Inflacionária Realizada	<u>(13.743.145,90)</u>	<u>247.673.392,87</u>	206.021,17

1.3.- Soja Industria

Exportação	336.958.492,49		
Vendas Mercado Interno	1.110.773.800,88		
Vendas de Resíduos	242.695,00		
Recuperação Juros s/Adiantamento	<u>90.758.617,23</u>	1.538.733.605,60	
Custo de Vendas	1.174.140.623,90		
Despesas de Vendas	410.786.327,59		
Despesas Indiretas	122.685.977,79		
Sobra Inflacionária Realizada	<u>(174.713.397,40)</u>	<u>1.532.899.531,88</u>	5.834.073,72

1.4.- Semente de Soja

Vendas	<u>402.741.633,48</u>	402.741.633,48	
Custo de Vendas	363.350.620,56		
Despesas de Vendas	13.359.496,64		
Despesas Indiretas	45.211.962,23		
Sobra Inflacionária Realizada	<u>(19.298.885,74)</u>	<u>402.623.193,69</u>	118.439,79

1.5.- Forageiras

Vendas	61.068.339,94		
Eventuais	<u>57.862,07</u>	61.126.202,01	
Custo de Vendas	51.431.894,84		
Despesas de Vendas	8.890.130,51		
Despesas Indiretas	5.622.673,12		
Sobra Inflacionária Realizada	<u>(4.897.823,27)</u>	<u>61.046.875,20</u>	79.326,81

1.6.- Milho

Vendas	<u>251.798.277,37</u>	251.798.277,37	
Custo de Vendas	208.856.446,89		
Despesas de Vendas	31.384.934,21		
Despesas Indiretas	27.838.519,90		
Sobra Inflacionária Realizada	<u>(18.567.867,34)</u>	<u>249.512.033,66</u>	2.286.243,71

1.7.- Feijão Preto

Vendas	<u>2.320.199,77</u>	2.320.199,77	
Custo de Vendas	1.390.542,40		
Despesas com Vendas	61.438,90		
Despesas Indiretas	899.741,19		
Sobra Inflacionária Realizada	<u>(73.101,84)</u>	<u>2.278.620,65</u>	41.579,12

1.8.- Cevada

Vendas	<u>55.532.514,21</u>	55.532.514,21	
Custo de Vendas	37.026.568,02		
Despesas com Vendas	353.800,42		
Despesas Indiretas	20.005.925,74		
Sobra Inflacionária Realizada	<u>(2.266.157,04)</u>	<u>55.120.137,14</u>	412.377,07

1.9.- Linhaça Comércio

Vendas	<u>33.845.053,59</u>	33.845.053,59	
Custo de Vendas	19.642.927,72		
Despesas de Vendas	5.171.544,02		
Despesas Indiretas	11.088.852,48		
Sobra Inflacionária Realizada	<u>(2.704.768,08)</u>	<u>33.198.556,14</u>	646.497,45

1.10.- Sorgo Comércio

Vendas	<u>11.886.079,35</u>	11.886.079,35	
Custo de Vendas	9.756.415,09		
Despesas de Vendas	601.590,86		
Despesas Indiretas	1.983.456,70		
Sobra Inflacionária Realizada	<u>(584.814,72)</u>	<u>11.756.647,93</u>	129.431,42

1.11.- Arroz

Vendas	1.021.648,00		
Eventuais	<u>22.822,96</u>	1.044.470,96	
Custo de Vendas	772.846,00		
Despesas com Vendas	215.466,07		
Despesas Indiretas	184.750,77		
Sobra Inflacionária Realizada	<u>(219.305,52)</u>	<u>953.757,32</u>	90.713,64

1.12.- Colza

Vendas	<u>4.197.046,39</u>	4.197.046,39	
Custo de Vendas	3.420.765,07		
Despesas com Vendas	402.647,38		
Despesas Indiretas	627.386,52		
Sobra Inflacionária Realizada	<u>(292.407,36)</u>	<u>4.158.391,61</u>	38.654,78

1.13.- Aveia

Vendas	<u>104.730.486,83</u>	104.730.486,83	
Custo de Vendas	62.760.673,28		
Despesas com Vendas	25.008.022,74		
Despesas Indiretas	27.010.170,63		
Sobra Inflacionária Realizada	<u>(11.111.479,67)</u>	<u>103.667.386,98</u>	1.063.099,85

1.14.- Hortigranjeiros

Vendas	<u>114.839.225,76</u>	114.839.225,76	
Custo de Vendas	83.564.137,14		
Despesas de Vendas	26.144.351,95		
Despesas Indiretas	16.835.742,35		
Sobra Inflacionária Realizada	<u>(12.342.498,07)</u>	<u>114.201.733,37</u>	637.492,39

1.15.- Bovinos - Gado Leiteiro

Vendas	<u>28.119.500,00</u>	28.119.500,00	
Custo de Vendas	28.679.159,50		
Despesas de Vendas	396.297,54		
Despesas Indiretas	638.750,44		
Sobra Inflacionária Realizada	<u>(596.527,60)</u>	<u>29.117.679,88</u>	(998.179,88)

1.16.- Leitaria			
Vendas	504.980.337,14	504.980.337,14	
Custo De Vendas	497.685.918,40		
Despesas de Vendas	18.574.523,65		
Despesas Indiretas	18.448.082,12		
Sobra Inflacionária Realizada	(24.708.421,89)	510.000.102,28	(5.019.765,14)
1.17.- Bovino de Corte			
Vendas	2.506.842,80	2.506.842,80	
Custo de Vendas	955.894,69		
Despesas Diretas	291.227,99		
Despesas Indiretas	1.313.693,26		
Sobra Inflacionária Realizada	(146.203,68)	2.414.612,26	92.230,54
1.18.- Suínos			
Vendas	102.762.704,53	102.762.704,53	
Custo de Vendas	88.591.051,98		
Despesas Diretas	3.579.948,88		
Despesas Indiretas	14.952.407,45		
Sobra Inflacionária Realizada	(4.970.925,11)	102.152.483,20	610.221,33
1.19.- Secção de Consumo			
Vendas de Insumos	1.093.041.347,99		
Vendas de Mercadorias	1.948.889.684,37		
Eventuais	1.402.051,45	3.043.333.083,81	
Custo de Vendas Insumos	601.043.840,73		
Custo de Vendas Mercadorias	1.225.620.606,11		
Despesas de Vendas Insumos	54.221.323,16		
Despesas de Vendas Mercadorias	379.687.796,43		
Despesas Indiretas	807.064.946,89		
Sobra Inflacionária Realizada	(240.212.645,96)	2.827.425.867,36	215.907.216,45
1.20.- Sacaria			
Vendas	40.924.396,60	40.924.396,60	
Custo de Vendas	40.174.736,37		
Despesas Diretas	615.559,34		
Despesas Indiretas	1.707.737,44		
Sobra Inflacionária Realizada	(1.754.444,16)	40.743.588,99	180.807,61
1.21.- Máquinas e Equipamentos			
Vendas	3.201.500,00		
Assistencia Técnica	2.461.544,56	5.663.044,56	
Custo de Vendas	621.000,00		
Despesas Diretas	9.997.461,69		
Despesas Indiretas	1.300.459,81		
Sobra Inflacionária Realizada	(3.070.277,28)	8.848.644,22	(3.185.599,66)
1.22.- Sêmem			
Vendas	2.057.086,50	2.057.086,50	
Custo de Vendas	1.542.814,88		
Despesas de Vendas	1.930.982,97		
Despesas Indiretas	159.699,70		
Sobra Inflacionária Realizada	(657.916,56)	2.975.580,99	(918.494,49)
1.23.- Fábrica de Ração			
Vendas	35.414.128,80	35.414.128,80	
Custo de Vendas	12.166.707,81		
Despesas de Vendas	5.583.757,63		
Despesas Indiretas	19.416.497,82		
Sobra Inflacionária Realizada	(2.924.073,60)	34.242.889,66	1.171.239,14

1.24.- Fábrica de Óleo Ijuí			
Vendas Mercado Externo	59.154.467,42		
Vendas Mercado Interno	863.177.732,57		
Eventuais	10.714.332,45	933.046.532,44	
Custo de Vendas	774.252.158,47		
Despesas de Vendas	231.661.209,42		
Despesas Indiretas	29.580.627,63		
Sobra Inflacionária Realizada	(75.587.302,48)	959.906.693,04	(26.860.160,60)
1.25.- Departamento Técnico			
F.A.T.E.S.	46.661.304,91		
Receitas Ordinárias	9.095.192,32	55.756.497,23	
Despesas Ordinárias	71.077.873,54		
Rateio	(15.321.376,31)	55.756.497,23	
1.26.- DAMS			
F.A.T.E.S.	3.321.035,29		
Receitas Ordinárias	101.655.875,85	104.976.911,14	
Despesas Ordinárias	104.976.911,14	104.976.911,14	
1.27.- Centro de Treinamento			
F.A.T.E.S.	13.841.367,67		
Receita Ordinárias	4.394.855,07	18.236.222,74	
Despesas Ordinárias	18.236.222,74	18.236.222,74	
2.- REGIÃO RIO GRANDE			
2.1.- Terminal			
Receitas Ordinárias	764.087.144,06		
Receitas Extraordinárias	33.192.562,18	797.279.706,24	
Despesas Ordinárias	793.277.988,46		
Despesas Indiretas	67.882.383,65		
Sobra Inflacionária Realizada	(67.932.833,56)	793.227.538,55	
Provisão para Imposto de Renda	1.418.258,00		
F.A.T.E.S.	2.633.909,69	4.052.167,69	
2.2.- Fábrica de Óleo Rio Grande			
Exportação	3.995.543.382,14		
Vendas Mercado Interno	2.674.653.002,62		
Receita Financeira	45.718.211,50		
Taxa de Industrialização	190.964.869,68		
Recuperações	311.458.861,18	7.218.338.327,12	
Custo de Vendas	6.205.860.944,28		
Despesas de Vendas	606.449.635,67		
Despesas Indiretas	614.623.915,80		
Hedge	171.988.251,75		
Sobra Inflacionária Realizada	(390.936.495,39)	7.207.986.252,11	10.352.075,01
2.3.- Colonia de Férias			
Receitas Ordinárias	2.095.599,00	2.095.599,00	
Despesas Ordinárias	2.314.313,68	2.314.313,68	(218.714,68)
2.4.- Manufaturados de Lã			
Vendas	18.696.587,67		
Eventuais	588.267,00	19.284.854,67	
Custo de Vendas	17.105.575,25		
Despesas de Vendas	2.905.884,88		
Despesas Indiretas	1.667.530,41		
Sobra Inflacionária Realizada	(1.468.612,53)	20.210.378,01	(925.523,34)

2.5.- Seção de Consumo			
Vendas	107.423.087,91		
Eventuais	<u>1.052.568,63</u>	108.475.656,54	
Custo de Vendas	85.031.607,15		
Despesas de Vendas	27.687.448,75		
Despesas Indiretas	9.240.897,67		
Sobra Inflacionária Realizada	<u>(11.830.489,78)</u>	<u>110.129.463,79</u>	(1.653.807,25)
2.6.- Cebola			
Vendas	<u>14.570.304,05</u>	14.570.304,05	
Custos	9.802.897,43		
Despesas com Vendas	7.233.002,92		
Despesas Indiretas	1.181.167,37		
Sobra Inflacionária Realizada	<u>(2.692.456,30)</u>	<u>15.524.611,42</u>	(954.307,37)
3.- REGIÃO DOM PEDRITO			
3.1.- Trigo Industria			
Vendas ao Banco do Brasil	17.548.940,86		
Receita Custeio e Secagem	303.927,62		
Vendas de Resíduos	<u>96.303,00</u>	17.949.171,48	
Custo de Vendas	17.890.460,48		
Despesas Indiretas	3.762.132,94		
Sobra Inflacionária Realizada	<u>(769.305,92)</u>	<u>20.883.287,50</u>	(2.934.116,02)
3.2.- Semente de Trigo			
Vendas	<u>2.206.674,50</u>	2.206.674,50	
Custo de Vendas	1.838.065,86		
Despesas de Vendas	269.115,86		
Despesas Indiretas	452.736,99		
Sobra Inflacionária Realizada	<u>(139.873,80)</u>	<u>2.420.044,91</u>	(213.370,41)
3.3.- Soja Industria			
Vendas	83.133.665,68		
Eventuais	<u>15.051.490,77</u>	98.185.156,45	
Custo de Vendas	81.392.845,35		
Despesas de Vendas	8.196.490,87		
Despesas Indiretas	20.664.897,08		
Sobra Inflacionária Realizada	<u>(5.967.948,98)</u>	<u>104.286.284,32</u>	(6.101.127,87)
3.4.- Semente de Soja			
Vendas	<u>28.926.140,72</u>	28.926.140,72	
Custo de Vendas	28.252.222,94		
Despesas de Vendas	1.015.363,12		
Despesas Indiretas	6.095.682,45		
Sobra Inflacionária Realizada	<u>(1.468.674,94)</u>	<u>33.894.593,57</u>	(4.968.452,85)
3.5.- Forrageiras			
Vendas	<u>10.753.279,72</u>	10.753.279,72	
Custo de Vendas	9.495.191,69		
Despesas de Vendas	3.097.638,60		
Despesas Indiretas	2.276.467,13		
Sobra Inflacionária Realizada	<u>(1.118.990,43)</u>	<u>13.750.306,99</u>	(2.997.027,27)
3.6.- Milho			
Vendas	447.589,80		
Eventuais	<u>186.205,17</u>	633.794,97	
Custo de Vendas	247.964,50		
Despesas de Vendas	16.701,31		
Despesas Indiretas	131.884,86		
Sobra Inflacionária Realizada	<u>(23.312,30)</u>	<u>373.238,37</u>	260.556,60

3.7.- Arroz			
Vendas	1.238.087.649,32		
Armazenagem e Secagem	29.150.357,24		
Receitas Financeiras	<u>55.082.000,00</u>	1.322.320.006,56	
Custo de Vendas	839.088.671,53		
Despesas de Vendas	394.422.102,51		
Despesas Indiretas	185.031.027,53		
Sobra Inflacionária Realizada	<u>(99.753.334,70)</u>	<u>1.318.788.466,87</u>	3.531.539,69
3.8.- Sorgo			
Vendas	<u>9.328.146,74</u>	9.328.146,74	
Custo de Vendas	7.523.413,33		
Despesas de Vendas	3.692.603,23		
Despesas Indiretas	1.968.905,06		
Sobra Inflacionária Realizada	<u>(1.165.615,03)</u>	<u>12.019.306,59</u>	(2.691.159,85)
3.9.- Feijão Preto			
Vendas	<u>270.037,10</u>	270.037,10	
Custo de Vendas	189.025,97		
Despesas de Vendas	3.625,00		
Despesas Indiretas	61.512,41		
Sobra Inflacionária Realizada	<u>(23.312,30)</u>	<u>230.851,08</u>	39.186,02
3.10- Linhaça			
Vendas	<u>4.312.929,57</u>	4.312.929,57	
Custos	3.481.170,40		
Despesas de Vendas	668.504,09		
Despesas Indiretas	896.613,93		
Sobra Inflacionária Realizada	<u>(326.372,22)</u>	<u>4.719.916,20</u>	(406.986,63)
3.11- Hortigranjeiros			
Vendas	<u>812.128,30</u>	812.128,30	
Custo de Vendas	609.096,23		
Despesas de Vendas	167.544,28		
Despesas Indiretas	180.107,21		
Sobra Inflacionária Realizada	<u>(69.936,90)</u>	<u>886.810,82</u>	(74.682,52)
3.12- Frigorífico			
Vendas	1.034.135.716,33		
Armazenagem	3.471.271,05		
Eventuais	10.979.676,34		
Receita Financeira	<u>42.924.900,92</u>	1.091.511.564,64	
Custo de Vendas	798.041.270,36		
Despesas de Vendas	257.610.674,04		
Despesas Indiretas	135.793.653,39		
Sobra Inflacionária Realizada	<u>(79.658.131,49)</u>	<u>1.111.787.466,30</u>	(20.275.901,66)
3.13- Frutos do País			
Vendas	<u>3.161.570,40</u>	3.161.570,40	
Custo das Vendas	2.211.509,04		
Despesas de Vendas	1.378.305,72		
Despesas Indiretas	650.564,29		
Sobra Inflacionária Realizada	<u>(419.621,41)</u>	<u>3.820.757,64</u>	(659.187,24)
3.14- Lã			
Vendas	218.895.398,82		
Receitas Financeiras	<u>3.361.000,00</u>	222.256.398,82	
Custo das Vendas	175.318.373,69		
Despesas de Vendas	60.773.778,66		
Despesas Indiretas	36.000.910,82		
Sobra Inflacionária Realizada	<u>(20.258.389,31)</u>	<u>251.834.673,86</u>	(29.578.275,04)

3.15- Secção de Consumo			
Vendas de Mercadorias	186.586.284,26		
Vendas de Insumos	<u>93.156.880,39</u>	279.743.164,65	
Custo de Vendas Mercadorias	144.193.128,38		
Custo de Vendas Insumos	46.185.284,03		
Despesas de Vendas	43.866.999,21		
Despesas Indiretas	63.843.760,28		
Sobra Inflacionária Realizada	<u>(20.841.196,82)</u>	<u>277.247.975,08</u>	2.495.189,57
3.16- Sêmen			
Vendas	<u>6.105.787,00</u>	6.105.787,00	
Custo de Vendas	8.809.815,00		
Despesas de Vendas	3.005.577,00		
Despesas Indiretas	1.278.978,47		
Sobra Inflacionária Realizada	<u>(885.867,43)</u>	<u>12.208.503,04</u>	(6.102.716,04)
3.17- Sacaria			
Vendas	<u>4.695.038,00</u>	4.695.038,00	
Custo de Vendas	10.895.064,94		
Despesas de Vendas	149.089,83		
Despesas Indiretas	1.006.348,70		
Sobra Inflacionária Realizada	<u>(233.123,01)</u>	<u>11.817.380,46</u>	(7.122.342,46)
3.18- C.T.C.			
Receitas	2.175.230,00		
F.A.T.E.S.	<u>197.754,89</u>	2.372.984,89	
Despesas	<u>2.372.984,89</u>	<u>2.372.984,89</u>	
3.19- Departamento Técnico			
F.A.T.E.S.	14.619.989,67		
Receitas Ordinárias	<u>780,00</u>	14.620.769,67	
Despesas Ordinárias	19.424.080,37		
Rateio	<u>(4.803.310,70)</u>	<u>14.620.769,67</u>	
3.20- Dams			
F.A.T.E.S.	385.937,32		
Receita Ordinárias	<u>786.664,41</u>	1.172.601,73	
Despesas Ordinária	<u>1.172.601,73</u>	<u>1.172.601,73</u>	
4.- REGIÃO MATO GROSSO DO SUL			
4.1.- Trigo Industria			
Vendas ao Banco do Brasil	894.515.277,18		
Vendas Resíduos	593.982,22		
Receitas de Armazenagem	4.279.217,65		
Receitas de Custeio e Secagem	<u>32.260.037,74</u>	931.648.514,79	
Custo de Vendas	873.664.092,84		
Custo de Armazenagem	3.161.890,98		
Despesas Indiretas	74.138.898,13		
Sobra Inflacionária Realizada	<u>(19.425.909,69)</u>	<u>931.538.972,26</u>	109.542,53
4.2.- Semente de Trigo			
Vendas	<u>87.924.370,00</u>	87.924.370,00	
Custo de Vendas	68.806.077,24		
Despesas de Vendas	10.196.786,14		
Despesas Indiretas	12.429.439,27		
Sobra Inflacionária Realizada	<u>(3.944.048,33)</u>	<u>87.488.254,32</u>	436.115,68

4.3.- Soja Industria			
Vendas	4.443.842.033,44		
Eventuais	423.523.944,99		
Receita Industria	<u>1.834.405.735,73</u>	6.701.771.714,16	
Custo de Vendas	3.492.276.856,42		
Despesas de Vendas	1.462.924.866,92		
Custo Industria	1.753.298.781,18		
Despesas Indiretas	431.024.945,61		
Sobra Inflacionária Realizada	<u>(442.322.077,08)</u>	<u>6.697.203.373,05</u>	4.568.341,11
4.4.- Semente de Soja			
Vendas	<u>680.533.557,73</u>	680.533.557,73	
Custo de Vendas	600.108.959,94		
Despesas de Vendas	11.929.118,64		
Despesas Indiretas	90.110.151,67		
Sobra Inflacionária Realizada	<u>(16.188.258,08)</u>	<u>685.959.972,17</u>	(5.426.414,44)
4.5.- Arroz			
Vendas	478.883.425,40		
Eventuais	<u>96.301,81</u>	478.979.727,21	
Custo de Vendas	368.605.064,11		
Despesas de Vendas	95.212.010,05		
Despesas Indiretas	42.829.020,45		
Sobra Inflacionária Realizada	<u>(29.668.662,08)</u>	<u>476.977.432,53</u>	2.002.294,68
4.6.- Semente de Forrageiras			
Vendas	<u>9.737.088,68</u>	9.737.088,68	
Custo de Vendas	8.917.738,00		
Despesas de Vendas	1.304.889,40		
Despesas Indiretas	468.901,07		
Sobra Inflacionária Realizada	<u>(470.931,14)</u>	<u>10.220.597,33</u>	(483.508,65)
4.7.- Milho			
Vendas	118.018.940,56		
Eventuais	<u>92.598,90</u>	118.111.539,46	
Custo de Vendas	85.397.674,18		
Despesas de Vendas	16.745.172,66		
Despesas Indiretas	19.336.142,48		
Sobra Inflacionária Realizada	<u>(5.886.639,30)</u>	<u>115.592.350,02</u>	2.519.189,44
4.8.- Feijão Preto			
Vendas	<u>10.198.308,94</u>	10.198.308,94	
Custo de Vendas	8.344.529,41		
Despesas de Vendas	915.542,93		
Despesas Indiretas	1.268.901,07		
Sobra Inflacionária Realizada	<u>(412.064,75)</u>	<u>10.116.908,66</u>	81.400,28
4.9.- Sorgo			
Vendas	<u>5.112.689,19</u>	5.112.689,19	
Custo de Vendas	4.293.818,57		
Despesas de Vendas	555.826,84		
Despesas Indiretas	494.450,52		
Sobra Inflacionária Realizada	<u>(235.465,57)</u>	<u>5.108.630,36</u>	4.058,83
4.10- Secção de Consumo			
Vendas de Insumos	486.289.190,68		
Vendas de Mercadorias	604.950.652,94		
Vendas de Máquinas	3.701.118,00		
Eventuais	<u>507.400,88</u>	1.095.448.362,50	
Custo de Vendas	605.413.096,17		
Despesas de Vendas	227.820.191,87		
Despesas Indiretas	296.350.205,29		
Sobra Inflacionária Realizada	<u>(69.815.542,12)</u>	<u>1.059.767.951,21</u>	35.680.411,29

4.11- Sacaria			
Vendas	9.596.211,08	9.596.211,08	
Custo de Vendas	8.883.580,58		
Despesas Diretas	555.561,24		
Despesas Indiretas	450.010,95		1.390,28
Sobra Inflacionária Realizada	(294.331,97)	9.594.820,80	
4.12- Departamento Técnico			
F.A.T.E.S.	21.598.465,47		
Receitas Ordinárias	11.695.510,97	33.293.976,44	
Despesas Ordinárias	40.382.534,35		
Rateio	(7.088.557,91)	33.293.976,44	
4.13- Dams			
Receita Ordinária	3.697.871,87		
F.A.T.E.S.	1.815.247,74	5.513.119,61	
Despesas Ordinárias	5.513.119,61	5.153.119,61	
5.- PROVISÕES PARA CRÉDITOS DE LIQUIDAÇÃO DUVIDOSA			
Reversão	4.874.868,54		
Formação	18.476.588,28		(13.601.719,74)
6.- RESULTADO VENDA BENS ATIVO IMOBILIZADO			
Vendas	73.115.306,28		
Custo de Vendas	21.057.909,49		52.057.396,79
7.- RESULTADO DE COLIGADAS			30.628.655,01
RESULTADO DO EXERCÍCIO			233.063.291,77
8.- F.A.T.E.S.			
Resultado Venda Bens Ativo Imobilizado			(52.057.396,79)
Resultado de Coligadas			(30.628.655,01)
9.- RESULTADO A DISTRIBUIR			150.377.239,97
10.- FUNDOS ESTATUTÁRIOS			
Fundo Desenvolvimento Economico (30% das Sobras Liq.)	45.113.171,99		
Fundo de Reserva (10% das Sobras líquidas)	15.037.724,00		
F.A.T.E.S. (10% das Sobras Líquidas)	15.037.724,00		(75.188.619,99)
11.- SOBRAS A DISPOSIÇÃO DA A.G.O.			75.188.619,98

IJUÍ (RS), 31 de dezembro de 1981.

Rubens Ilgenfritz da Silva
Presidente
CPF 056268970-20

Clóvis Adriano Farina
Superintendente
CPF 010133350-15

Arnaldo Oscar Drews
Vice-Presidente
CPF 028619400-34

Carlos Gilberto Krause
Tecnico Contabilidade
CRC-RS 31357 - CPF 093483010-04

NOTAS EXPLICATIVAS DO CONSELHO DE ADMINISTRAÇÃO ÀS DEMONSTRAÇÕES

CONTÁBEIS DE 31.12.1981

NOTA 01.- PRINCIPAIS PRÁTICAS CONTÁBEIS

1.1.- Os produtos agrícolas encontram-se avaliados ao preço de recebimento. Os produtos industrializados, ao custo de produção. Os produtos beneficiados estão avaliados com base nos percentuais regressivos do preço de venda, previstos na legislação vigente. As mercadorias, Insumos, Almoarifados e Sacaria encontram-se avaliados ao preço da última compra. Todos os valores são inferiores aos preços de mercado vigentes e encontram-se líquidos de I.C.M.

1.2.- As participações não relevantes estão valorizadas ao custo, acrescidas da correção monetária. As participações relevantes estão valorizadas pela equivalencia patrimonial.

1.3.- As immobilizações estão registradas aos valores de aquisição ou construção, sendo corrigidas monetariamente.

As depreciações são procedidas pelo método linear, sendo observados os percentuais previstos na legislação vigente.

1.4.- Os valores arrolados no Permanente Diferido são corrigidos monetariamente e amortizados nos períodos previstos na legislação.

1.5.- A provisão para pagamento do imposto sobre a renda foi constituída pelo seu valor bruto, antes das deduções para aplicação em incentivos fiscais.

NOTA 02.- ESTOQUES

É a seguinte a composição analítica dos estoques:

EXISTENCIAS	Cr\$
Produtos Agrícolas	1.860.769.068,16
Produtos Pecuários	391.606.189,67
Produtos Industrializados	1.369.712.597,59
Produtos Beneficiados	39.163.348,34
Mercadorias- Insumos	1.142.559.283,59
Mercadorias- Lojas e Mercados	1.181.003.575,83
Comércio em Geral	92.911.061,20
Outros Estoques	174.497.409,60
TOTAL	6.252.222.533,98

NOTA 03 - EMPRESAS SUBSIDIÁRIAS

As participações em empresas subsidiárias apresentam a seguinte composição:

EVENTOS/EMPRESAS	COTRIEXPORT CIA. COM. INTERNACIONAL	INSTITUTO RIOGRANDENSE DE FEBRE-AFTOSA LTDA.	COTRIDATA - PROCESSAMENTO DADOS LTDA.	HOSPITAL BOM PASTOR S/A.
Capital Social	122.709.160,00	16.000.000,00	11.000.000,00	20.000.000,00
Patrimônio Líquido	257.814.041,14	132.539.601,97	24.887.858,80	44.772.029,97
Participação %	66,99	97,16	99,00	97,93
Lucro Líquido	18.818.971,07	17.151.234,04	1.575.000,50	(5.745.212,34)
Saldo em Conta Corrente	(168.107.139,65)	51.604.865,72	(9.037.176,91)	29.268.913,73
Saldo em Clientes	199.305.058,83	-	-	-
Saldo em Fornecedores	-	3.956.910,00	-	-
Participação do BNCC	32,35	-	-	-
Participação de Terceiros	0,66	2,84	1,00	2,07

04.- IMOBILIZAÇÕES TÉCNICAS

4.1.- É a seguinte a composição analítica dos valores em 31.12.1981.

CONTA	REGIÃO PIONEIRA	REGIÃO RIO GRANDE	REGIÃO DOM PEDRITO	REGIÃO MATO GROSSO DO SUL	TOTAL
Marcas e Patentes	1.556.611,88	47.600,00	211.502,05	-	1.815.713,93
Terrenos	167.325.112,12	2.460.784,70	14.572.944,61	155.648.760,41	340.007.601,84
Prédios	2.203.742.445,69	1.396.100.281,89	491.999.392,24	857.544.620,33	4.949.386.740,15
Móveis e Utensílios	246.680.309,76	36.562.076,42	33.575.724,75	75.040.121,88	391.858.232,81
Máq. e Equipamentos	1.002.160.005,37	1.376.432.546,47	182.401.295,71	532.627.538,40	3.093.621.385,95
Instalações	185.486.698,11	157.387.160,63	15.604.053,79	46.782.147,77	405.260.060,30
Veículos	88.196.818,61	33.521.077,42	50.826.329,44	46.613.046,06	219.157.271,53
Contr.em Andamento	188.008.151,28	53.788.375,66	459.216.818,81	1.381.427.342,01	2.082.440.687,76
Semoventes	335.274,73	-	176.055,55	-	511.330,28
Reflorestamento	327.016,27	-	-	61.350,00	388.366,27
Equip.em construção	62.135.373,90	1.340.588,32	-	903.356,23	64.379.318,45
SUB-TOTAL	4.145.953.817,72	3.057.640.491,51	1.248.584.116,95	3.096.648.283,09	11.548.826.709,27
(-) Depr. Acumulada	(975.214.758,76)	(1.025.300.099,63)	(117.970.744,37)	(187.777.013,12)	(2.306.262.615,88)
TOTAL	3.170.739.058,96	2.032.340.391,88	1.130.613.372,58	2.908.871.269,97	9.242.564.093,39

4.2.- Neste exercício foram contabilizadas à conta de imobilizações os valores dos encargos relativos aos financiamentos para o imobilizado, no montante de Cr\$ 2.980.000.000,00.

NOTA 05 - FINANCIAMENTOS

Os financiamentos apresentam a seguinte composição:

FINALIDADE	CURTO PRAZO	LONGO PRAZO	TOTAL
Capital de Giro	4.780.981.951,20	188.241.095,00	4.969.223.046,20
Capital de Giro Rural	1.506.792.674,56	90.000,00	1.506.882.674,56
Safras	1.940.773.395,04	-	1.940.773.395,04
Imobilizado	159.725.901,48	794.608.559,02	954.334.460,50
Insumos	246.622.761,36	14.440.270,00	261.063.031,36
Repasse	1.747.611.990,93	221.450.241,97	1.969.062.232,90
Contratos de Câmbio	4.930.071.395,74	-	4.930.071.395,74
	15.312.580.070,31	1.218.830.165,99	16.531.410.236,30

- Os empréstimos foram contratados a juros e encargos financeiros que variam de 24% a 105,61.

- Os financiamentos a longo prazo apresentam vencimento a partir de 01/1983 a 02/1991.

- As garantias oferecidas compreendem Penhor, Hipoteca e Aval de Diretores.

NOTA 06 - CAPITAL SOCIAL

REGIÕES	CAP. INTEGRAL. 31.12.80	VARIAÇÃO 01/01 a 31/12/81	CAP. INTEGRAL. ATÉ 31.12.81	%
Pioneira	214.561.344,75	337.463.860,11	552.025.204,86	157,28
Dom Pedrito	43.734.057,94	68.627.123,39	112.361.181,33	156,92
Mato Grosso do Sul	122.761.828,20	203.317.183,84	326.079.012,04	165,62
TOTAL	381.057.230,89	609.408.167,34	990.465.398,23	159,93

PARECER DO CONSELHO FISCAL

Em cumprimento ao que determina o Artigo 52º do Estatuto Social da Cooperativa Regional Tritícola Serrana Ltda., reuniu-se nesta data o Conselho Fiscal desta entidade, a fim de proceder ao exame do balanço, demonstrativo de sobras e perdas e todos os documentos referentes ao exercício encerrado em 31 de dezembro de 1981, inclusive o levantamento dos saldos em caixa. Tendo sido assessorado pela empresa NARDON, NASI & Cia. - Auditores Independentes e, tendo examinado todos os documentos, encontramos tudo em ordem e emitimos o nosso parecer favorável, recomendando à Assembléia Geral a sua aprovação.

Ijuí, (RS), 04 de março de 1982.

DAIR FISCHER

ANTONIO BANDEIRA

AQUILINO BAVARESCO

PARECER DOS AUDITORES INDEPENDENTES

03 de março de 1982

Ilmos. Srs.

Conselheiros da

COOPERATIVA REGIONAL TRITÍCOLA SERRANA LTDA.

Ijuí - RS

Examinamos o Balanço Patrimonial anexo, da Cooperativa Regional Tritícola Serrana Ltda. - COTRIJUI, levantado em 31 de dezembro de 1981 e a respectiva demonstração do resultado econômico do exercício findo naquela data. Nosso exame foi efetuado de acordo com as normas de auditoria geralmente aceitas e, conseqüentemente, incluiu as provas nos registros contábeis e outros procedimentos de auditoria que julgamos necessários nas circunstâncias.

Em nossa opinião, o balanço patrimonial e a demonstração do resultado econômico acima referidos representam, adequadamente, a posição patrimonial e financeira da Cooperativa Regional Tritícola Serrana Ltda. - COTRIJUI, em 31 de dezembro de 1981, e o resultado de suas operações correspondentes ao exercício findo naquela data, de acordo com os princípios de contabilidade geralmente aceitos, aplicados de maneira uniforme em relação ao exercício anterior, exceto ao mencionado na nota explicativa nº 4.2.

NARDON, NASI & CIA. - AUDITORES INDEPENDENTES

CGCMF 92.838.150/0001 - CRC-RS 542 - OCB - 015

ARTHUR NARDON FILHO

Responsável Técnico

Contador CRC/RS 13.866

CPF 004.036.440-20

Membro do IAIB 07/6ª Regional



SUPLEMENTO INFANTIL

ELABORADO NA ESCOLA DE 1º GRAU FRANCISCO DE ASSIS - FIDENE IJUI



AGORA É TEMPO DE ESTUDAR

Oi pessoal. Como é que foram de férias e carnaval? Bem, agora que a folia já terminou e as aulas começaram de verdade, o Cotrisol traz muitas brincadeiras para vocês aprenderem sempre mais. Mas o nosso jornal deste mês também tem a história de Mateus, que vai pela primeira vez à escola.

Imaginamos que vocês estavam ansiosos para conhecer a nova professora e os novos coleguinhas. Que bom, não é mesmo, conhecer novas pessoas e aprender juntas coisas interessantes?

Vamos começar este novo ano escolar com muita alegria e entusiasmo. E tem mais: Não esqueçam de nos escrever mandando algum trabalho para ser examinado e se for o caso, publicado.

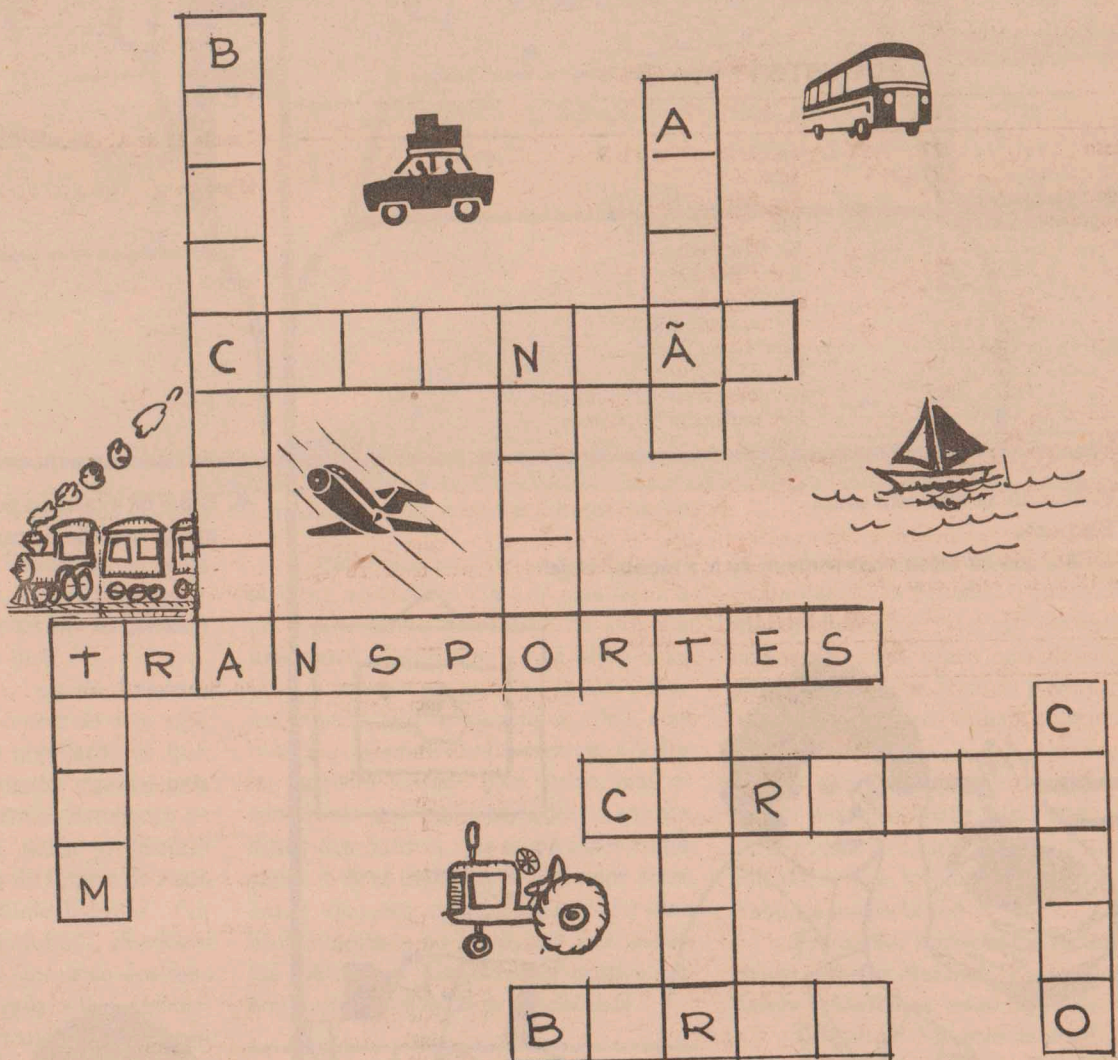
O Endereço é:
Cotrijornal
Rua das Chácaras, 1513
C. P. 111 - IJUI - RS
Um abraço

PALAVRAS CRUZADAS

"Quando papai recebe o Cotrijornal, a primeira coisa que eu faço é ler o Cotrisol. E assim com imenso prazer, quero também participar com a cruzadinha "Meios de Transportes".

Meu nome é Elaine Mariela Dunke. Estudo na Escola Municipal de 1º Grau Incompleto Pinto Bandeira. Tenho 9 anos. Moro na Bôlsa do Ijuizinho - Augusto Pestana.

Elaine, agradecemos a contribuição. Escreva sempre!



RESP. - BICICLETA - CAMINHÃO - AVIÃO - NAVIO - JIPE - CARROÇA - CARRO - BARCO - ONIBUS - TREM - TRATOR

QUE TAL
UMA PIADA?



PAI AO FILHO:

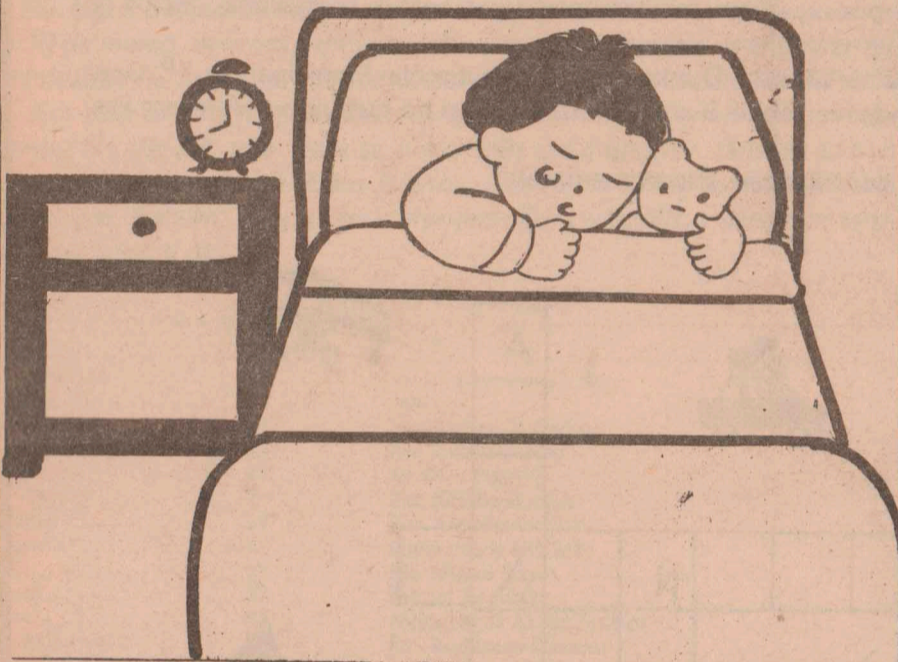
- Filhinho, o refrigerante atrapalha o seu almoço!
- Mas, papai, como pode um refrigerante atrapalhar o meu almoço e uns aperitivos aumentar o seu apetite?

O PRIMEIRO DIA DE ESCOLA



Esta é a história que conta a primeira ida de Mateus à escola.

1. É cedinho.
Mateus ainda dorme.



2. Mamãe o chama docemente:
Iremos à escola, hoje.
Levanta, meu pintinho.

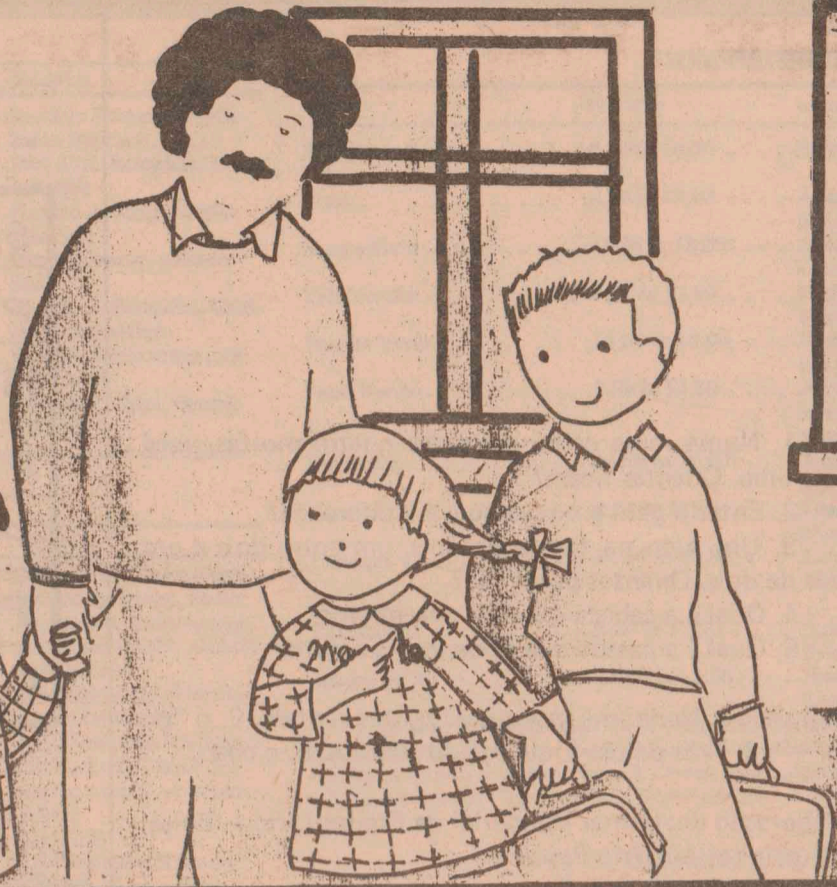
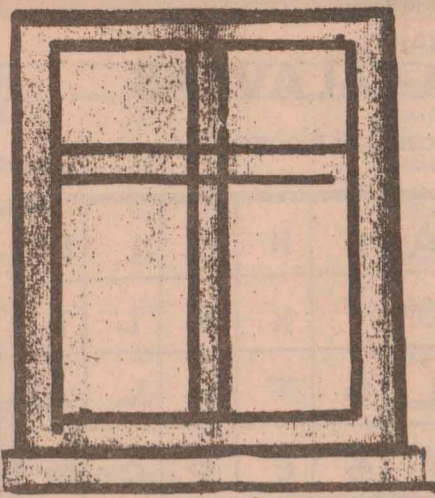


3. Mateus ainda está com sono.
Ele pensa
— Será que eu estou com vontade de ir à escola, hoje?



4. Papai dá a mão ao pequeno Mateus, que não tem
muita vontade de caminhar.





5. Marieta também vai hoje à escola.
Ela vestiu seu avental.
A Senhora Elvira, da janela, diz:
- Eis aí três bonitos alunos!

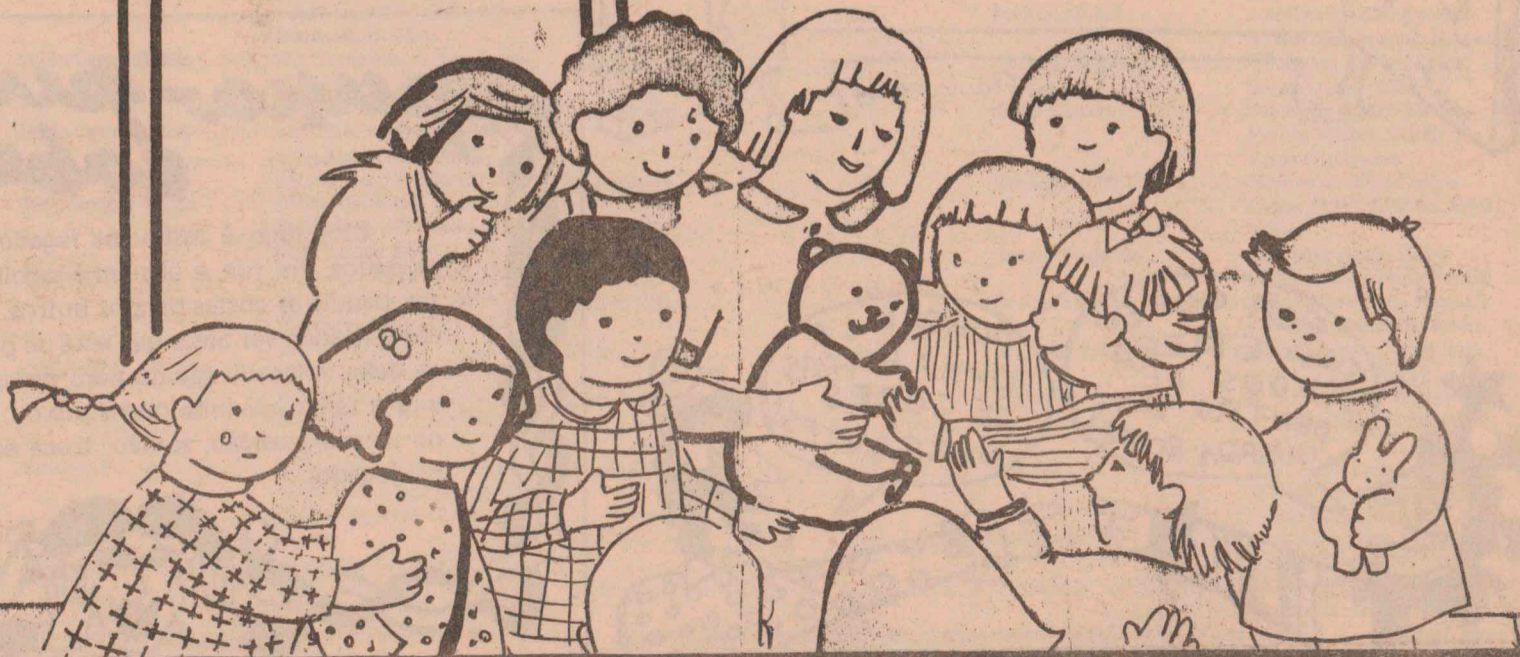
6. Venham dizer bom-dia à professora.



7. Papai dá um beijo em Mateus:
- Até logo mais, meu pintinho.



8. A professora disse:
O ursinho vai dizer bom dia às crianças.
Mateus ri:
- Eu também tenho um ursinho assim.



EDUCAÇÃO

COMUNIDADE – FAMÍLIA – ESCOLA

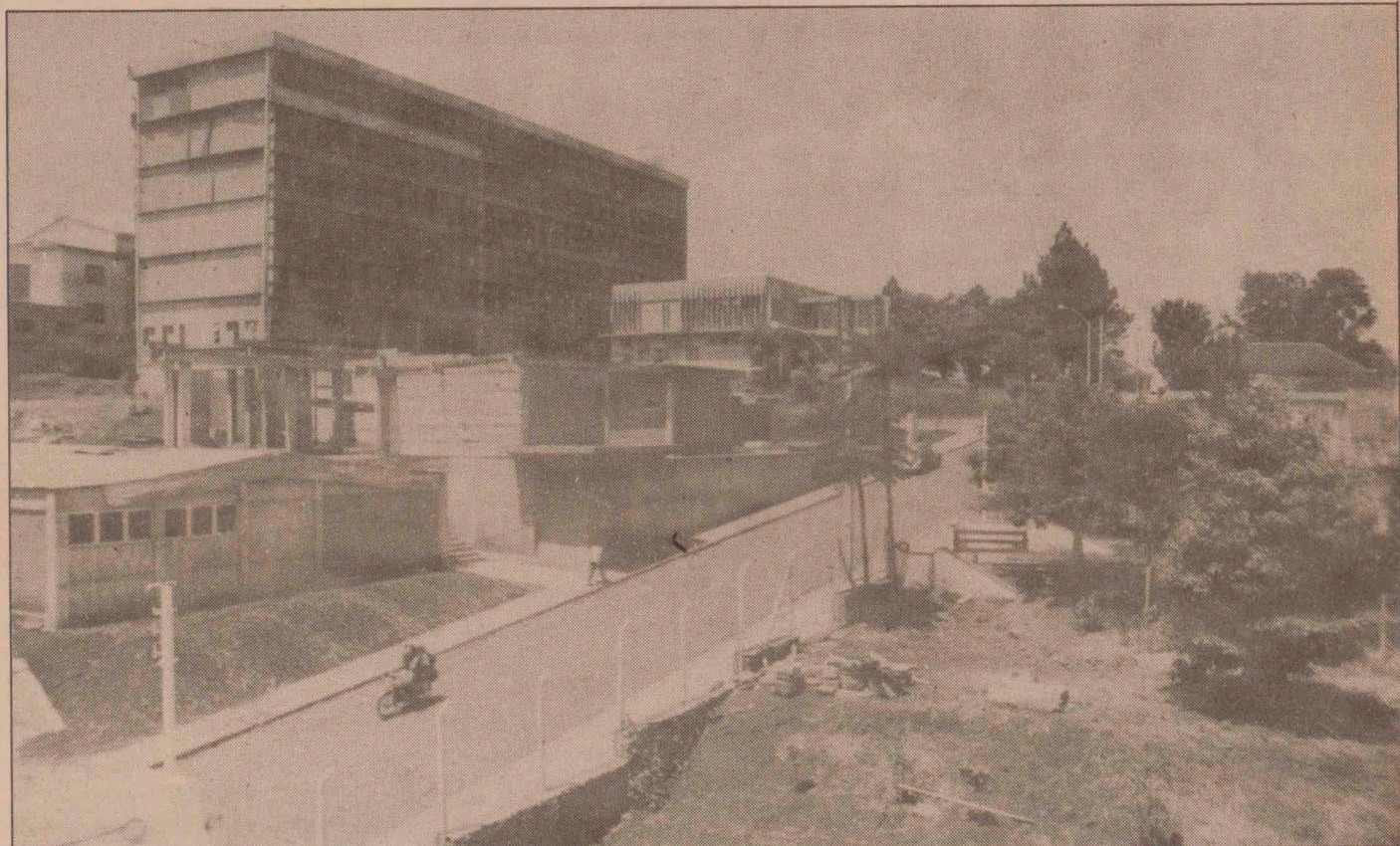
Suplemento elaborado pelo Grupo de Assessoria aos Professores Rurais – Convênio Cotrijuí/Fidene

25 ANOS DE ENSINO SUPERIOR EM IJUÍ

No próximo mês de março estaremos comemorando os 25 anos de existência do Ensino Superior em Ijuí e na região. Trata-se de um evento por demais significativo, ao qual este suplemento não poderia ficar indiferente. Será realmente um momento de grande júbilo, mas também, um momento de muita reflexão sobre aspectos muito reais de nossas vidas.

Para entendermos melhor este acontecimento, convidamos algumas pessoas, que muito têm a nos dizer desta história de 25 anos e, principalmente, das perspectivas futuras que as experiências aí vividas nos indicam. A nossa conversa, em forma de mesa redonda, foi muito longa. O nosso esforço, ao elaborar este suplemento, foi no sentido de selecionar aquelas afirmações que julgamos ser de maior interesse, tendo em vista para quem é destinado o jornal.

Para participar deste trabalho, convidamos gente de dentro e gente de fora da Fidene, instituição que estaria sendo analisada. Da Fidene, tivemos a presença dos seus Presidente e vice, respectivamente, o Prof. Adelar Francisco Baggio e o Prof. Paulo Frizzo; mais a presença do diretor da Fafi, Prof. Jaeme Callai e, dos professores Mário O. Marques e Argemiro J. Brum. Como representante dos alunos, o presidente do DAJF, Boniperti de Oliveira; da Cotrijuí, o seu presidente Dr. Ruben Ilgenfritz da Silva; do meio rural, o presidente do STR – Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Ijuí, Sr. Carlos Karlinski; do meio urbano, o presidente do CBI – Conselho de Bairros de Ijuí, Sr. Adelino Lima. Com isto não tivemos a pretensão de representar todos os setores sociais, mas apenas trazer à mesa dos debates, pessoas com algumas opiniões diversificadas.



A sede da Fidene, no Bairro São Geraldo. Em primeiro plano, o Museu Diretor Pestana

Suplemento de Educação: A nossa primeira questão seria no sentido de destacarmos alguns aspectos do surgimento do ensino Superior em Ijuí.

Mário Osório: O ensino Superior nasce em Ijuí pelo encontro de duas aspirações. De um lado a população de Ijuí, representada de um modo especial pela UGEI – União dos Grêmios Estudantis de Ijuí (atual UEMI) e, pelos professores ijuíenses organizadores do Centro de Estudos Pedagógicos “Antonio Balbino”. Por outro lado os “Capuchinhos”, desejosos de dar suporte legal à formação dos seus seminaristas. . . a chegada a Ijuí da notícia da aprovação da Faculdade, dá-se num ato bastante comunitário. Era exatamente um dia de festa popular, que na época, movimentava praticamente todos os habitantes. Então, a badalação do dia, foi a criação da Faculdade, havia o regosijo popular por isso.

Educação: No artigo 2, parágrafo único dos seus estatutos a Fidene define-se “. . . por uma especial atenção aos setores da população, mais carenciados de recursos próprios”. Esta definição existe desde o início ou só veio acontecer mais tarde?

Mário Osório: Bom, a proposta que se tinha no começo era a de uma faculdade aberta para a população. Se entendia um pouco ingenuamente que todos eram irmãos fraternais, e que iam dançar a mesma música. Mas foi a partir de 1961, com o MCB – Movimento Comunitário de Base, também lançado para todos, mas assumido de fato pelos agricultores e moradores dos bairros, que as posições começaram a ficar mais claras. Podemos dizer, então, que este posicionamento foi mais uma conquista do povo, que deu respostas efetivas às propostas de organização comunitária lançadas pela faculdade.

Falava-se em união nos bairros, para defender direitos

Educação: Quem sabe o Adelino nos conta um pouco de sua experiência como participante deste MCB, nos bairros de Ijuí.

Adelino: As primeiras reuniões que eu participei, eu fui saber o que levaria de vantagem pros bairros. Falava-se então em organização, em união para defender os direitos. . . Muitas eram as reivindicações dos bairros que não tinham colégios, ruas em condições, água, luz. . . No meu bairro por exemplo, (B. Elizabeth) as primeiras reuniões foram feitas numa esquina. Dali partiu a idéia de se construir um colégio, o que foi conseguido com o esforço e a união de todos. . .

Educação: Poderíamos também ver alguns reflexos deste MCB no meio rural. Talvez o Carlinhos tenha algo a nos dizer.

Carlinhos: Na colônia o MCB iniciou com a organização de núcleos de agricultores. Eu lembro que o pessoal participava destas reuniões bastante entusiasmado. Cada núcleo tinha o presidente, o secretário e os delegados. Todo o mês se participava dos encontros de líderes de núcleos quando o pessoal então tomava as decisões. Todos traziam os problemas e propostas discutidas nos núcleos. Era feito uma mistura no caso. . . Cada reunião era, marcada no prazo e, sempre se tinha assunto prá levar. . .

UMA OPÇÃO: PELOS INTERESSES POPULARES

Este prédio, hoje de salas de aula, antes tinha até camas

Educação: Mas como era a participação da faculdade neste movimento todo?

Carlinhos: Se dava um acompanhamento maior no sentido de preparar as reuniões de líderes. No início participavam também das reuniões de núcleos. Mas, mais adiante estes núcleos começaram a assumir o trabalho por conta própria. Este prédio da Fidene, onde hoje tem salas de aulas, tinha até camas onde o pessoal ficava aí dois ou três dias, estudando. . . foi uma época boa . . .!

Mário Osório: O método de trabalho era através da realização de campanhas. . . (de combate a formiga; de conservação do solo; de associação ao sindicato). Desta campanha de associativismo, por exemplo, resulta a fundação, em 1962, de dois sindicatos. Um congregando os agricultores proprietários de terra e o outro, os agricultores que não tinham terras. Deste segundo, a maioria dos participantes eram os próprios filhos dos colonos proprietários. . . Mais tarde foram fundidos num só. Vêm a Ijuí 1.500 agricultores na fundação do sindicato dos proprietários, e setecentos agricultores, no dia da fundação do sindicato dos não-proprietários.

Argemiro: Foram as primeiras grandes manifestações do poderio, da força dos agricultores aqui na cidade.

Foi graças ao MCB que a cooperativa conseguiu sobreviver

Ruben: Há um fato que não poderíamos deixar de registrar, neste momento, em relação ao cooperativismo. Isto em 1966, quando ainda não se falava em Cotrijuí, mas em Cooperativa Tritícola Ser-



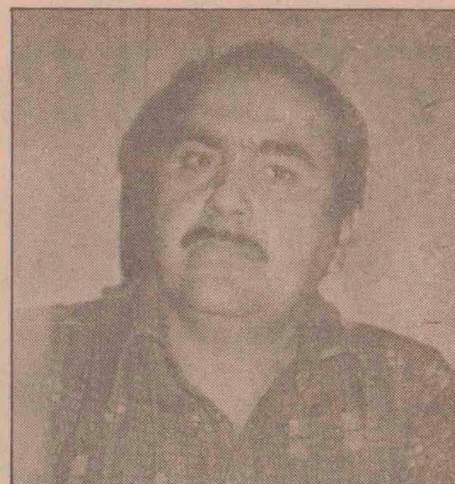
Adelar Baggio



Jaeme Callai



Carlos Karlinski



Adelino Dutra de Lima

rana. Esta era uma das tantas cooperativas criadas pela política do trigo, de cima para baixo, e a partir de determinações governamentais. . . Foi neste ano que a nossa cooperativa viveu uma crise administrativa muito séria. Tínhamos um compromisso de exportação de trigo para cumprir. Dez mil toneladas, uma quantia que hoje é inexpressiva, isto é, constitui a entrega de algumas horas numa safra normal. Mas, naquela ocasião, foi um problema tremendo. E, se não tivéssemos a base organizada, não teria sido possível superar. Foi graças ao MCB que a cooperativa conseguiu sobreviver.

Argemiro: É importante mencionar a integração da faculdade neste trabalho todo. Mas eu queria destacar aqui a participação dos estudantes. Eles também entravam em contato com as associações de bairros e com os núcleos rurais. Aquelas turmas de alunos tomaram um banho de realidade. Isto lhes deu uma riqueza de conhecimentos que os livros não dão. Outro fato importante a destacar era a atuação ao nível cultural. Os grupos de estu-

dantes organizavam apresentações artísticas e culturais nos bairros e no interior, seguidas de debates sobre os problemas da realidade.

Jaeme: Vou tentar fazer avançar um pouco a discussão. Ao lembrar estes primeiros anos, vê-se que a participação do pessoal da faculdade nestes trabalhos comunitários era intensa. Esta questão hoje não tem a mesma dimensão. Os sindicatos, por exemplo, estão reunindo e funcionando independentes da Fidene, as outras associações, indem. Alguém poderia perguntar: — Mas por que a Fidene não participa mais com a mesma intensidade através de seus professores e alunos que são hoje, no mínimo, dez vezes mais do que naquela época? Eu diria que acho até salutar que não participe daquela mesma forma. Não pode ser de competência de uma escola, a condução política de todo um trabalho que é diversificado com interesses variados e contraditórios. Isto leva a Fidene a mudar a sua forma de atuação, voltando-se mais para o ensino, para a abertura de novas frentes de trabalho, e

para o estudo e reflexão sobre tudo o que está acontecendo nos aspectos econômicos, políticos e sociais de nossa sociedade.

Educação: E os estudantes, hoje, como estão participando dos movimentos sociais que ocorrem fora da universidade, isto é, ao nível de comunidade?

Boniperti: Esta participação se dá hoje de forma menos canalizada. Hoje as diversas categorias profissionais estão organizadas nos seus sindicatos e associações de forma independente. Os estudantes também se organizam nas suas entidades. Acontece, então, uma atuação conjunta, mas através das entidades.

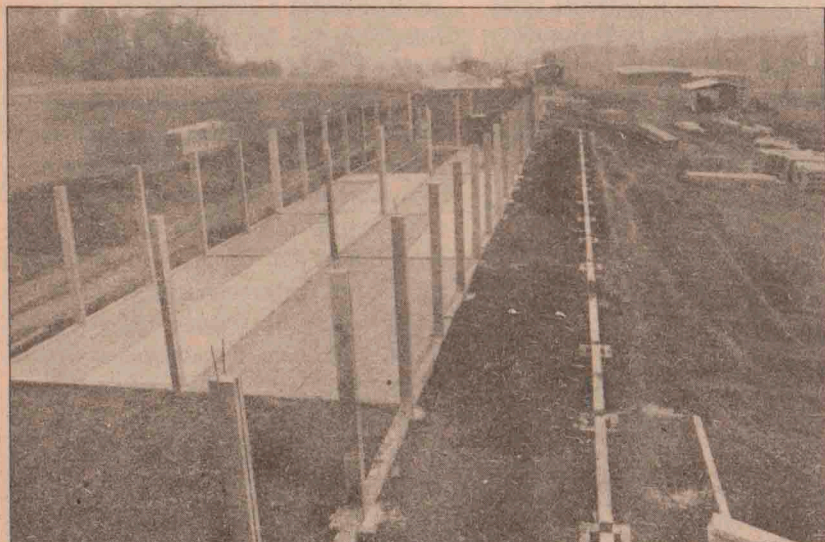
Mário Osório: Eu só queria brevemente costurar algumas datas que julgo importante. Em 1965, o MCB no meio rural evolui no seu esquema de funcionamento. Criam-se as equipes distritais. Na cidade é criado o CBI formando então uma união de todos os bairros. A tônica aí é a elaboração de documentos reivindicatórios para a busca de solução de problemas, seja a nível local ou estadual. Na Fidene temos a organização do Instituto de Educação de Base, criado por solicitação, principalmente dos agricultores, que sentiam a necessidade de estudar mais os problemas.

Em 1970, dentro das perspectivas de expansão deste trabalho todo, surge o convênio Cotrijuí-Fidene. Isto vai possibilitar o estendimento desta ação para outros municípios. Hoje, temos um setor específico dentro da própria Cotrijuí que cuida destes serviços.

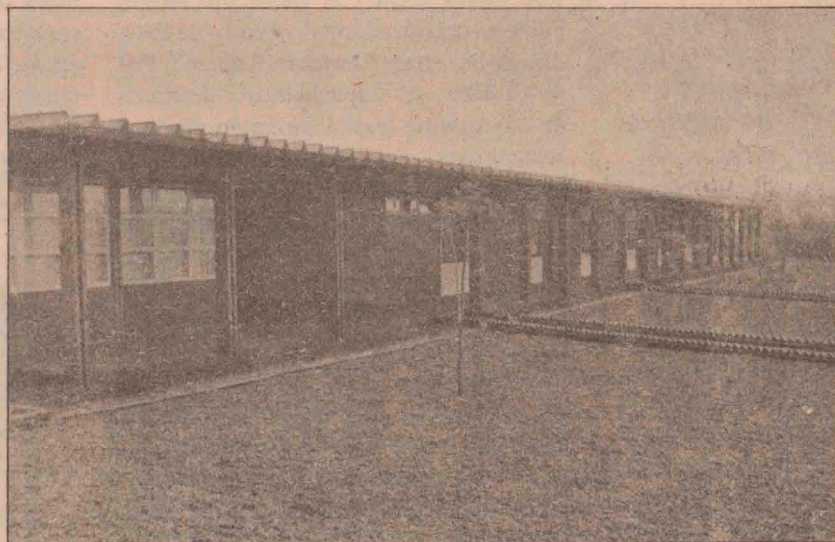
Baggio: Eu tenho uma pergunta. Por que a transformação de Fafi para Fidene em 1969? Por que Fundação e não mais somente faculdade?

Argemiro: As mudanças ocorridas no modelo econômico, social e político, exigem da Fafi uma instrumentalização que possa corresponder aos novos desafios que aí se apresentassem. E, partindo da visão de que as decisões não poderiam mais ser em termos de um município isolado, mas tínhamos que pensar

Por que a transformação de faculdade para Fidene, em 1969?



A fundação vem construindo os prédios. . .



. . . do campus universitário desde 1978. . .



mais amplamente, propomos a organização de uma fundação regional de ensino superior.

Educação: Esta idéia de envolver a região em grande parte não se concretizou. Estaria ela sendo retomada agora com a proposta de UNIJUI?

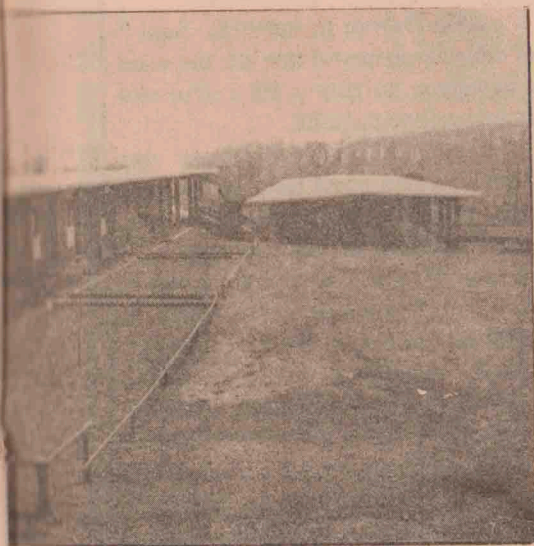
Mário Osório: Deixa esta para o Baggio responder depois. Mas eu acho que há na época uma abertura muito grande da faculdade para a região. Funcionavam as extensões de Santo Ângelo e Cruz Alta. Em 1967/68 se faz um grande trabalho de regionalização do MCB. Daí começa a surgir esta idéia de região. Por outro lado, os Capuchinhos sentem dois problemas. O primeiro, de que eles são limitados diante da necessidade de expansão da faculdade. O segundo, é o de que o patrimônio que lhes pertencia teria que ser devolvido para a comunidade. E a forma jurídica de se restituir este patrimônio é a fundação.

Daí se pensou na Fundação local, regional, o que fazer? Decidimos abrir o jogo; convidamos toda a região. Se todos aceitassem, muito bem! Poderia ser que só alguns aceitassem, ou que só Ijuí aceitasse, faríamos igual. Inicialmente Ijuí e Santo Augusto aceitaram, depois ficou somente Santo Augusto.

Adelino: Não sei se isto já está indo para os finais. Eu tenho ainda uma colocação a fazer. O que eu queria refletir é o porque tudo na Fidene foi se desenvolvendo e, no entanto, o CBI ficou estagnado. Acontece que o CBI não consegue se manter como os sindicatos, por exemplo, que têm os seus contribuintes. O CBI vive de doações e de contribuições do poder público. E neste sistema atual nada nos foi facultado. . . Então, durante algum tempo a gente anda levando o barco na medida do possível. Agora é necessário que a Fidene volte a assessorar os bairros. . . Como diz o ditado, "a cria é da Fidene", é um filho que ficou por aí meio perdido.

Educação: Feita a reivindicação!

Baggio: No momento em que a Fafi-Fidene fez uma opção básica de atuar com o povo — e quem respondeu mais positivamente a esta opção foram os produtores rurais e os moradores dos bairros —, ela se definiu também pela região ou pela cultura popular da região. Foram estes setores que souberam responder e corresponder à proposta-Fidene colocada no mercado. É claro que aí aconteceram reações dos diversos grupos sociais e políticos. Nem todos foram capazes de entender e responder, como democratas, a estas propostas da Fidene.



... através de uma mobilização regional

A Fafi e a Fidene nunca se comprometeram com partidos ou grupos

A característica básica é que nem a Fafi e nem mais tarde a Fidene, se comprometeram com partidos políticos, com grupos econômicos de capital X ou Y. Se comprometeram isto sim, com os interesses populares. Este comprometimento sim, para nós é um desafio, e é um papel que a Fidene como universidade vai continuar a desempenhar.

Aquelas pessoas que são capazes de viver a democracia e defender os seus interesses em nível de associações, sindicatos, cooperativas, etc. . . , continuarão tendo espaço aberto na Fidene. Então, esta perspectiva, que é para nós uma lição histórica, deverá continuar.

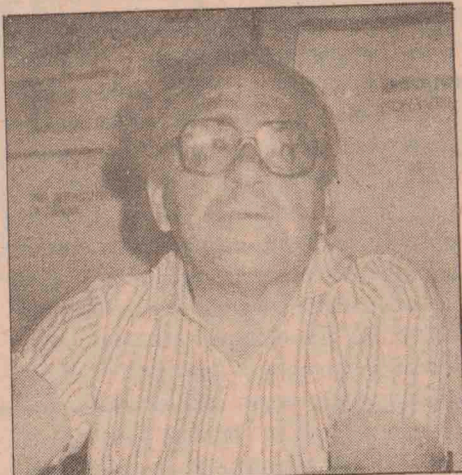
Uma segunda característica, que é um patrimônio da Fidene, é a grande dose de otimismo dos seus dirigentes. Então, este otimismo, este idealismo, ligado a criatividade, a participação, a continuidade, isto continuará. É uma lição que está incorporada. Eu diria que isto se torna metodologia de trabalho da Fidene hoje.

Uma terceira característica marcante na história da Fidene e da Fafi é a importância da reunião, do debate, que é o instrumento básico de relacionamento das pessoas dentro da comunidade universitária, no povo e entre as diversas categorias sociais. O debate pode ser mais ameno ou não, dependendo do que está se fazendo. Se está havendo negociação, ou lutas. . . Isto caracteriza uma história de grupos sociais em movimento.

Não se pode dizer que a Fundação é coisa sem gosto, cor ou sabor

Educação: Como você vê este debate internamente na Fidene?

Baggio: A Fidene se torna hoje, como é sua função, o espaço onde todos os interesses, as idéias, são manifestadas, discutidas, debatidas, sob a forma de argumentação, de ciência. É claro que a Fidene deve estar vigilante, deve mostrar, argumentar, propor, discordar e resistir para que as decisões políticas e econômicas não eliminem mais a população dos be-



Mário Osório Marques



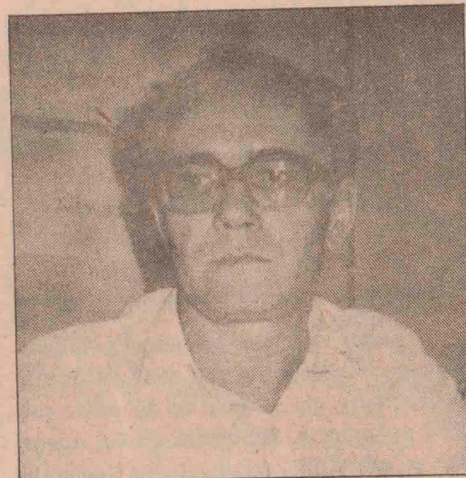
No debates, a história e os novos projetos do ensino superior

nefícios do desenvolvimento. Por outro lado, devemos estar atentos àquelas decisões que beneficiem mais pessoas, mais população, no sentido de apoiá-las e implementá-las.

O que importa é que o espaço de debate que a Fidene oferece sirva para que este debate entre os diversos grupos e categorias sociais seja vitalizado e que o papel da faculdade ou da universidade seja novamente no sentido de dinamizar isto. Então, o compromisso básico, a articulação básica da instituição, continua ainda hoje no sentido de buscar modificações das condições gerais de nossa sociedade, para que mais pessoas participem e se beneficiem dos efeitos ou dos resultados.

Educação: Sobre a Fidene hoje, o Baggio fez algumas colocações. Todos estão de acordo, teriam aspectos a acrescentar?

Jaeme: Eu acho que a Fidene, pelo bem ou pelo mal, tem uma postura. Pode ser meia tortuosa eventualmente, mas de qualquer forma não se pode dizer que a Fidene é uma coisa sem gosto, sem cor e sem sabor. E essa cor e esse sabor são resultados, no meu entendimento, de uma experiência que foi e está sendo este trabalho de extensão e, que se reflete em todo o trabalho de ensino. E aqui eu quero falar do ensino dentro da Fidene, que também tem 25 anos. Se verificarmos os programas das disciplinas, as próprias apostilas e livros utilizados ao longo destes 25 anos, a gente vai ver uma caminhada muito grande no tipo de aula que se deu, onde tivemos vários momentos. Nas primeiras aulas, e falo aqui como ex-aluno, em algumas disciplinas, se tinha um ensino extremamente conservador. Foi esta perspectiva, de estar aberto para a comunidade, que levou a faculdade a desenvolver uma metodologia de ensino bem mais dinâmica e conseqüente.



Argemiro Brum

Hoje a Fidene tem condições de oferecer proposições de educação, seja ao nível de pré-escolar, de ensino de 1º grau, tanto rural como urbano, de ensino de 2º grau, seja ao nível de educação não escolar, seja ao nível de empresa, de cooperativismo, de trabalhos com a saúde, etc.

Educação: O pessoal de fora como vê a Fidene hoje? Parece que a sua atuação acontece hoje de modo diferente daquela de anos atrás. O Adelino reclamou disto aí, pedindo que a Fidene voltasse a atuar mais intensamente nos bairros. E o sindicato e a cooperativa como vêem esta atuação?

Carlos: Quanto ao sindicato, acho que foi dado um passo muito grande no sentido de assumir as coisas mais com suas próprias pernas. Isto não quer dizer que não haja mais a necessidade de dados, de pesquisas, de estudos. Hoje há a necessidade de repensar as coisas. Tudo o que foi feito é válido. Hoje estamos diante de uma realidade diferente, e isto é um desafio para nós, de ver como enfrentar isto aí.

Uma grande consultora da comunidade que vive ao seu redor

Ruben: Eu vejo a Fidene como uma grande consultora da comunidade, do povo que vive ao seu redor. Agora, claro, para que isto aconteça ela precisa estar organizada, ela precisa ter condições de interpretar o que este povo quer. A mim preocupa muito se, num determinado momento, com a transformação da Fidene em Universidade, ela não vá ter o cuidado necessário para manter esta interdependência profunda com a comunidade.

Agora mesmo eu vejo, até não é uma crítica, é um sentimento, mas eu vejo, digamos assim, a necessidade dos alunos e professores se aproximarem mais da comunidade como um todo. Isto se dá hoje com os estagiários, mas é um relacionamento assim, razoavelmente especializado. Eu acho que precisamos fazer com que retorne um pouco do voluntariado, da espontaneidade das coisas. Nisto eu acho que o desafio está muito em relação à classe estudantil.

Boniperti: É, hoje nós, estudantes, não conseguimos chegar mais nas comu-

FIDENE, UM ESPAÇO ABERTO

nidades, isto seria até nosso dever. Mas o estudante não faz este tipo de ação e por quê? Onde estaria a razão disto? Talvez isto se deva em parte a uma política global que não incentiva esta participação. Também as condições de estudantes — trabalhadores que somos, isto é, trabalhamos oito horas por dia, estudamos mais quatro, dificultando a nossa participação política ao nível de comunidade.

Jaeme: Quando se fala em revolução verde, que é a própria modernização da agricultura, vemos que nessa região muito foi feito. A faculdade e a cooperativa entraram juntas e ajudaram a desenvolver isto tudo que nós vimos. Eu não sei se alguém tinha, naquele momento, clareza do que estava acontecendo. A gente entrou meio que no bafo. Hoje estão aí novas proposições feitas pelo conjunto da sociedade, pelo próprio modelo econômico. O fundamental é que a universidade, a Fidene, consiga, antes da desgraça acontecer, definir qual é o seu tamanho, a sua dimensão, a sua dinâmica.

Continuaremos cumprindo com nosso papel, agora como universidade

Ruben: É exatamente nesta linha que, penso, deve ser a atuação da faculdade. Quanto começo nós fizemos para fazer acontecer o que aconteceu. E tínhamos consciência de que estávamos prestando um mal? Muito pelo contrário e, justamente, o grande desafio, hoje, é poder se organizar e ver na frente. Nós temos que andar na frente. Temos que estar, pelo menos, em igualdade com os outros. Este é o grande drama de todos nós.

Jaeme: Neste aspecto cabe para uma universidade, uma faculdade, o papel fundamental, visto que o seu instrumento de trabalho é exatamente a informação, o conhecimento científico das coisas.

Eu acho também, que na busca destas respostas tem que estar claro, prá nós e prá comunidade também, que às vezes a resposta que se conseguirá achar não é a que gostaríamos de ouvir. Nós temos que ter a coragem de dizer isto não vai dar certo e levar para a discussão as nossas conclusões. Todos precisam ver claro prá onde vai indo isto aí. Nós já entramos em muitas frias, seja enquanto agricultura regional, seja enquanto o próprio trabalho com educação.

Educação: Muitas são as colocações que ainda poderíamos fazer sobre estes aspectos todos. Mas o nosso espaço é pouco e temos ainda algumas questões a tratar. Quanto a essa participação toda da Fidene, na comunidade, nós temos agora um fato muito concreto. A Fidene está pedindo a participação desta comunidade para a estruturação da própria UNIJUI. Estaria solicitando, desta forma, um retorno do que já fez, ou isso é uma nova proposta de participação?

Paulo: Entendo que seja uma resposta num sentido, mas no bojo da qual há uma proposta. Quer dizer, se poderia

pensar que a Fidene estivesse cobrando isso da comunidade em função de um passado. Mas é exatamente em cima daquelas coisas que ela tem a propor hoje e, principalmente daqui prá frente é que estamos pedindo esta participação. Então, se se pede uma resposta, um apoio, é em função de criar condições para podermos continuar cumprindo com o nosso papel como universidade.

Jaeme: Em cima daquilo que já se produziu, que já se fez, cabe no meu entendimento a provocação que hoje fazemos com ênfase para a participação efetiva da comunidade. Nós precisamos, daqui prá frente, é conseguir responder mais intensamente, com mais clareza as questões que o Rubens levantava. Quer dizer, precisamos ter clareza sobre o rumo que vai sendo tomado por esta sociedade, a agricultura, a educação, a saúde, para que nós possamos gerar proposições e alimentar uma discussão mais ampla, que vá além dos limites da região.

Ruben: Eu acho que a Fidene se lança num grande desafio. Realmente se pretende, cada vez mais, um posicionamento nascido da própria sociedade. Na realidade, me parece que a postura da Fidene é cada vez mais de fora para dentro e de dentro para fora. É claro que para isto têm-se que estar muito bem instrumentalizado. Quer dizer, é preciso oportunizar a participação dos diversos segmentos da sociedade como um todo sem pretendermos que prevaleça alguém. Isto vai ocorrer, eu acho, pelo processo em si. Isto, se por um lado é um risco, por outro lado, nós só vamos ter um processo de definitiva participação, a qual chamamos democracia. Eu não vejo uma nova proposta Fidene, eu vejo sobre certo aspecto uma reafirmação, digamos, de um trabalho que não tem dono, que é um trabalho de toda a comunidade. É provável que isso gere discussões sérias e profundas porque, na medida que você tem mais liberdade de fazer as coisas, cresce muito mais o teu risco e o teu compromisso.

Adelino: Não sou testemunho, mas apenas ouvi um comentário, que quando o Baggio estava fazendo uma palestra num sindicato foi perguntado a ele o seguinte: Se na UNIJUI teriam oportunidades de estudar os filhos dos trabalhadores urbanos. A resposta foi a de que talvez mais valia no momento para um filho de um trabalhador um curso profissionalizante e não um curso superior. Então veio outra pergunta. A UNIJUI irá oferecer esta oportunidade?

Criar na consciência da população a idéia de que essa obra é sua

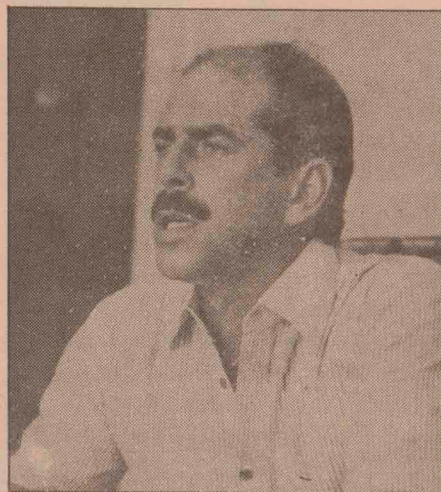
Mário Osório: Interessa a Fidene uma participação popular de recursos materiais, para ela se amarrar ao povo que está pagando. A campanha, então, que se faz é, sobretudo, para criar, na consciência da população, a idéia de que esta obra



Consenso na mesa-redonda: Unijuí deve ampliar vínculos regionais



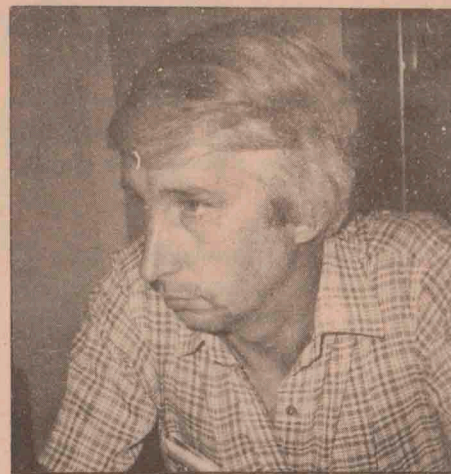
Boniperti Oliveira



Ruben Ilgenfritz da Silva

é sua. Nesse prédio atual da Fidene, a participação efetiva para sua construção não foi do poder público, e sim, da população através de festas populares e de doações de agricultores, etc. Tem até o caso de um agricultor de Ajuricaba num dos cursos promovidos pela faculdade neste mesmo prédio. Quando ele e seus companheiros subiam uma das suas escadas, ele se adiantou alguns degraus e disse: — Parem um pouco, eu quero falar uma coisa. Quando estavam construindo isto aqui foram lá em casa uns padres me pedir um auxílio para uma festa. Aí eu dei um porco. Os meus vizinhos me criticaram, disseram que eu era um besta, que eu nunca ia estudar numa faculdade e estava jogando fora o meu porco. Naquela vez eu pensei: se eu não estudar, outros vão, talvez até um filho meu ou até eu. Agora eu me lembrei disso. Hoje eu estou aqui ocupando estas salas com este nosso encontro. Tô cobrando o meu porco.

Baggio: O conjunto de interesses para serem trabalhados, para comporem a UNIJUI, é muito grande. Não são somente os trabalhadores urbanos que solicitam o que a Fidene ou a UNIJUI pode proporcionar a eles, aos seus filhos. Também os produtores rurais, os empresários urbanos, os políticos, enfim todos querem ter o seu espaço dentro da universidade. É, portanto, todo este conjunto de interesses que deve ser trabalhado com seriedade. O que nos caracteriza como universidade é o fato de trabalharmos estes interesses dentro de um caráter científico. Todas as solicitações feitas por estes setores da população se tornam desafios para nós. A comunidade regional deve estar atenta aos serviços que estamos oferecendo.



Paulo Frizzo

Mário Osório: Eu gostaria de destacar que até hoje quem estudou na Fidene não foram os filhos das famílias mais bem aquinhoadas, estes, vão estudar nas grandes universidades.

Ruben: Universidades Federais, gratuitas.

Mário Osório: Exatamente. Aqui ficam aqueles elementos que em sua maioria trabalham durante o dia e aqui estudam no período da noite.

Baggio: Só queria dizer mais alguma coisa sobre a nossa festa do dia 14 de março. O objetivo fundamental é oportunizar à população que conheçam a Fidene por dentro. Todos poderão ver de perto como funcionam as faculdades, laboratórios, museu, a Escola "Francisco de Assis", etc. Por outro lado, a população irá ver de perto a aplicação do dinheiro das doações que a Fidene está recebendo da comunidade de Ijuí e da região. É também, portanto, um ato de fiscalização do nosso trabalho. E terão, além disso, a grande oportunidade de manifestar as suas opiniões a respeito.